



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
Programa de Pós-graduação em Antropologia Social

CAMILLA IUMATTI FREITAS

NO MUNDO DA CEGONHA:
Aspectos sobre redes de solidariedade entre pessoas com ausência involuntária de
filhos

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Débora Allebrandt

Maceió-AL

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
Programa de Pós-graduação em Antropologia Social

CAMILLA IUMATTI FREITAS

NO MUNDO DA CEGONHA:

Aspectos sobre redes de solidariedade entre pessoas com ausência involuntária de filhos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas para obtenção de título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Débora Allebrandt

Maceió-AL

2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale – CRB4 - 661

F866n Freitas, Camilla Iumatti.

No mundo da cegonha : aspectos sobre redes de solidariedade entre pessoas com ausência involuntária de filhos / Camilla Iumatti Freitas. - 2019.

128 f. : il. color.

Orientadora: Débora Allebrandt.

Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Maceió, 2019.

Bibliografia: f. 118-124.

Anexo: f. 125-128.

1. Infertilidade. 2. Redes sociais – Aspectos morais e éticos. 3. Solidariedade.
I. Título.

CDU: 39:612.663



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Programa de Pós-graduação em Antropologia Social

COORDENAÇÃO-
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
ICS - UFAL

Phinise
PPGAS-UFAL
Raniella Barbosa de Lima
Assistente em Administração
SIARE: 2047115

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - ICS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL - PPGAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 05 da Sessão da Defesa Pública de Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas.

Em vinte e cinco de junho de dois mil e deztois, às treze horas e 30 minutos, no Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN/AL), reuniu-se a banca examinadora para a defesa de dissertação de mestrado da aluna CAMILLA JUMATI FREITAS, intitulada: **MUNDO DA CEGONHA: ASPECTOS SOBRE REDES DE SOLIDARIEDADE ENTRE PESSOAS COM AUSÊNCIA INVOLUNTÁRIA DE FILHOS.**

A certificação da defesa pública apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Antropologia Social teve a banca examinadora composta pelos professores doutores: Débara Allebrandi - PPGAS/UFAL (orientadora), Nádia Elita Menezes - PPGAS/UFAL (examinadora interna), Pedro Francisco Gomes do Nascimento - PPGAS/UFAL (examinador interno) - participação via SKYPE, Daniela Terezi Pianetti - UNICAMP (examinadora externa à instituição) - participação via SKYPE.

Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da banca se reuniram reservadamente para deliberarem, decidindo por unanimidade pela:

Aprovação (); Aprovação com reformulações (); Reprovação ().

Comentários e Reformulações Indicados pela Banca Examinadora:
Reformular título, resumo e palavras-chaves além dos registros redigidos pelo aluno

Para constar, lavrou-se a presente ata que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora e por mim, Raniella Barbosa de Lima, Secretária do PPGAS.

Maceió, 25 de junho de 2019.

Assinatura

1. *[Assinatura]*

2. *Nádia Menezes*

3. *[Assinatura]*

4. *[Assinatura]*

5. *Raniella B. de Lima*

Ao filho que ainda não veio

O início, o fim e o meio.

AGRADECIMENTOS

Em tempos de tamanhas incertezas políticas, econômicas e sociais, realizar uma pesquisa acadêmica é quase um ato de resistência, por isso, subverto em linhas escritas aqui dedicadas a todxs que me fortaleceram nessa lida.

Chegar nessa altura de uma das muitas etapas que forma a vida acadêmica sem olhar pra trás, é não reconhecer que toda construção individual pressupõe, sobretudo, uma construção coletiva que me auxilia nessa estrada. Por isso, agradeço.

Agradeço primeiramente ao Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Alagoas pela oportunidade de aprendizado e à FAPEAL por viabilizar minha permanência nesses anos de pesquisa que culmina nesta dissertação.

Nessa jornada tive a oportunidade de conhecer professores, colegas e amigos que contribuíram enormemente para minhas reflexões, crescimento e amadurecimento emocional, acadêmico e espiritual. Agradeço às minhas interlocutoras que cederam suas postagens para que eu pudesse aqui realizar reflexões aqui apresentadas. As histórias que com elas compartilho, me ajudaram ao exercício da empatia e sororidade.

Agradeço à professora Débora Allebrandt, por ter aceitado o desafio de me orientar, me aconselhar e acolher minhas demandas, sou grata por toda a sua sensibilidade em entender que algumas vicissitudes da vida faz com que a vida acadêmica não seja tão linear quanto programamos. Eu me sinto feliz em saber que nossa relação transpôs a academia e todo o seu amparo desperta em mim um enorme respeito e carinho.

Agradeço ao gentil acolhimento durante um semestre no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal da Paraíba, em especial ao professor Pedro Nascimento que me recebeu com muita atenção para a realização do estágio docência no Campus IV em Rio Tinto, sem dúvidas todo o carinho que recebi do professor Pedro tornou mais leve a jornada entre Alagoas, Pernambuco e Paraíba. Aproveito para agradecer à toda turma de Rio Tinto/PB pela recepção acolhedora que me proporcionou muito aprendizado.

Nesse intercâmbio entre UFAL e UFPB, eu não posso deixar de mencionar a oportunidade de ter cursado a cadeira de Gênero, Sexualidade e Diferença ministrada pelos professores Pedro Nascimento, Márcia Longhi e Marcos Carvalho. Esta cadeira suscitou em mim uma revolução interna muito potente, seja pela escolha bibliográfica dos professores, pelas conversas e debates em sala de aula ou em algum bar que escolhíamos pós-aula só pra estendermos nossas reflexões e (des)construções.

Agradeço a todxs integrantes do Grupo de Estudos Mandacaru, pelos debates, textos, apresentações, seminário e trocas que pude realizar tanto em Alagoas quanto na Paraíba.

Nessa seara pude fazer amigos que certamente caminharão comigo por muito tempo porque trarei comigo todas as boas memórias desse momento, e Marcos, Bruno, Eduardo, Gleice, Luana agradeço a todos os conselhos, escutas, copos e a alegrias que compartilhei com vocês um momento importante na minha vida acadêmica e pessoal.

Agradeço a irmã que a vida me deu Luciana Ribeiro, por quem nutro admiração, respeito e amor, pela inspiração como antropóloga, professora, amiga, mãe, mulher. Pela generosidade em dividir comigo tantos momentos ao longo desses anos, por dividir comigo a casa, a vida e seu filho Cauê, um sobrinho amado que me ensina a ser forte e determinada. Obrigada por todos os abraços, acolhimentos, conselhos, indicações de leituras (rs) e pelas constantes trocas.

Destaco a importância das minhas amigas e família que são partes imprescindíveis da minha constante feitura como ser humano e por esse motivo não poderia deixar de agradecer. Por isso começo pelas minhas afilhadas Aurora e Naiane que me dão leveza para seguir, às minhas comadres Luciana, presente que a antropologia me trouxe e ficou definitivamente na minha vida, e Fernanda, por me ensinar sobre sororidade e afeto, ao meu compadre e primo Igor, por sempre estar ao meu lado.

Agradeço às Lulu's Marianna, Fabíola, Pétala e Elaine pela paciência com minhas constantes ausências sem desistir de mim, rs. A Grazi, meu ponto de luz no mundo. Aos amigos que a antropologia me deu: Beatriz, Ana Kelmany, Ítalo, Ana Luisa, Brena, Wemerson e Daniel.

Aos meus irmãos Angelo, Raissa, Maria e Maristela, vocês são minha fortaleza, obrigada por me darem a certeza de que nunca ando só.

Agradeço aos meus pais, por me estenderem a mão em todos os momentos da minha vida, por me apoiarem em meus sonhos e objetivos, por serem minha fonte inesgotável de generosidade e amor.

Por fim, mas não menos importante, eu agradeço a minha experiência enquanto mãe e tentante que, embora curta, me afetou. Foi movida pelo desejo de gestar um/a filhx que gastei essa dissertação. Transbordo nessas linhas todo meu amor por elx.

RESUMO

As redes sociais são conhecidas pela ampla difusão de informações em tempo real, assim como a criação de redes de ajuda mútua para compartilhamento de situações particulares em que, muitas vezes, são expostos assuntos íntimos, como é o caso da ausência involuntária de filhos. Esta dissertação tem como objetivo entender como se dá a construção de redes de solidariedades entre pessoas com ausência involuntária de filhos. A fruição de sociabilidades e biosociabilidades nas redes sociais traz à tona questões em torno do segredo e compartilhamento em mídias sociais específicas para mulheres em condições impeditivas de terem filhos. A partir de reflexões que emergem do campo, será aqui tematizada a etnografia virtual como escolha metodológica para a pesquisa, a construção do desejo por filhos, intimidade e exposição em redes sociais, localizados na antropologia feminista.

Palavras-chave: Ausência involuntária de filhos; Intimidade; Gênero; Segredo; Redes Sociais.

ABSTRACT

Social networks are known for the wide dissemination of information in real time, as well as the creation of mutual help networks to share particular situations where intimate issues are often exposed, such as the childlessness. This dissertation aims to understand how to build solidarity networks between people with involuntary absence of children. The enjoyment of social and biosocialities in social networks raises questions about secrecy and sharing on specific social media for women who are unable to have children. From reflections that emerge from the field, virtual ethnography will be discussed here as a methodological choice for research, the construction of desire for children, intimacy and exposure in social networks, located in feminist anthropology.

Keywords: Childlessness; Intimacy; Gender; Secret; Social networks.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Gráfico I - Tempo de Tentante.....	29
Figura 2: Gráfico II - Tentativas através de técnicas de Reprodução Assistida	30
Figura 3: Tabela I - Diagnósticos	31
Figura 4: Gráfico III - Causa do aborto	32
Figura 5: Gráfico IV - Pessoas que compartilham suas experiências com outras pessoas tentantes.....	33
Figura 6: Gráfico V - Frequência de acesso às redes sociais.....	33
Figura 7: Gráfico VI - Acesso às redes sociais para conhecer outras experiências.....	35
Figura 8: Gráfico VII - Internet	36
Figura 9: Quadro I - Dados de categorização das postagens do Instagram.	51
Figura 10: Gráfico VII - Categorias das postagens da interlocutora Cegonha	52
Figura 11: Gráfico VIII - Categorias das postagens da interlocutora Tentante.....	52
Figura 12 - Foto do filme “Carrie, a estranha”, usada pela interlocutora para ilustrar a publicação da Cegonha.....	67
Figura 13: Imagem de um jantar com um boneco de Santo Antônio segurando um boneco menor que representaria um bebê	72
Figura 14: Postagem 1 - Tentante.....	98
Figura 15: Postagem 2 - Tentante.....	99
Figura 16: Esquema feito a partir da leitura do texto “Saber e Sentir. Uma etnografia da aprendizagem da Biomedicina” de Octávio Bonet (1999)	104
Figura 17: Postagem 3 - Tentante.....	111

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. CAPÍTULO: NAVEGANDO NO CAMPO.....	13
1.1. Diário de Cegonha: do tabu à catarse	13
1.2. Um campo virtual: Aspectos sobre etnografia online	17
1.3. Metodologi@ pontocom.....	21
1.4. Com quantos gigabytes se faz uma rede de solidariedade?.....	26
1.5. Conhecendo as plataformas de comunicação	38
1.5.1. YouTube.....	38
1.5.2. Facebook	44
1.5.3. Instagram.....	47
2. CAPÍTULO: ESPREITANDO INTIMIDADES? OS SEGREDOS, TABUS E CÓDIGOS INTERNOS EM REDES SOCIAIS.	56
2.1. Entre o segredo e a exposição	56
2.2. Desejo por filhos, reprodução e suas falhas.	62
2.3. Estratégias de controle da privacidade nas redes sociais e os limites da pesquisa?	74
2.4. Sobre a essência feminina e a antropologia feminista.....	82
3. CAPÍTULO: NO MUNDO DAS CEGONHAS: ETNOGRAFIAS DE INTERAÇÕES EM PERFIS DE INSTAGRAM.....	85
3.1. As cegonhas tentantes	85
3.2. Linguagens Autorizadas Médicas	86
3.3. O lugar de fala: hierarquias e categorias entre tentantes	96
3.4. À espera da cegonha.....	103
CONCLUSÃO	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117
ANEXO A – QUESTIONÁRIO GOOGLE.FORM.....	124
No mundo da cegonha - aspectos sobre redes de sociabilidades entre casais com ausência involuntária de filhos.....	124

INTRODUÇÃO

A comunicação social mediada pela internet através de aparelhos eletrônicos e computadores não é um fenômeno recente. A proliferação de redes sociais permitem interações em tempo real e produz meios de sociabilidades específicas, que reproduzem o universo *offline*.

Nessa dissertação, busquei dialogar e problematizar a relação entre segredo e compartilhamento, a partir dos meus trânsitos por redes sociais e a análise das interações entre pessoas que experimentam a ausência involuntária de filhos e buscam as redes sociais para construção de redes de sociabilidades, biossociabilidades e/ou solidariedades.

Para tanto, realizei uma etnografia virtual a partir da observação participante em postagens de dois perfis de Instagram, para entender a linha tênue entre o segredo e o compartilhamento nas redes sociais específicas para pessoas que vivenciam a realidade de tentar ter filhos, pessoas estas que se autodenominam “tentantes”. Tentantes são em geral mulheres que estão *tentando* ter filhos com ou sem a ajuda de novas tecnologias reprodutivas – NTR -mas comumente esse termo está associado ao uso dessas tecnologias.

No primeiro capítulo, procurei situar o/a leitor/a sobre o universo de pesquisa escolhido: as interações nas redes sociais de pessoas com ausência involuntária de filhos. Faço uma explanação sobre o recorte empírico, a metodologia de coleta de dados que optei, bem como, a caracterização das três redes sociais que pretendo utilizar como campo de pesquisa: YouTube, Instagram e Facebook.

A partir do mapeamento e classificação dos perfis, vídeos e grupos das redes sociais escolhidas para ser meu campo de pesquisa, realizei a caracterização da etnografia virtual, campo de pesquisa *online*, ciberespaços, redes de solidariedades e compartilhamentos buscando o entendimento sobre como se dá a conexão entre as pessoas que buscam contatos *online* para obter informações e/ou compartilhar a situação específica da ausência involuntária de filhos.

A forma como as interações em tais redes reverberam nesse universo pareceu nos dar pistas sobre os tabus que cercam esse assunto que parecem fechar esse tema na esfera da intimidade, ao mesmo tempo em que, a alta especialização do conhecimento biomédico sobre as NTR faz com que seja quase impossível navegar por esse tema sem o compartilhar de experiências que esse “relativo anonimato” das redes sociais ajuda a criar.

Nesse sentido, no segundo capítulo aprofundei as questões relativas à medicalização da concepção humana face à construção do desejo por filhos. Para tanto, iniciei este capítulo fazendo uma reflexão sobre noções de família e parentesco me amparando nas leituras de Scheneider (1968) e Marilyn Strarthen, (2014 [1998]), entre outros, para buscar o entendimento como esses padrões se refletem nas tentativas de contornar a ausência involuntária de filhos.

Aprofundando as reflexões trazidas pelo campo de pesquisa que me conduziram para a aproximação da antropologia feminista, utilizei a experiência da negação da minha inserção num campo escolhido para tentar entender aspectos sobre intimidades, tabus, medos e segredos envoltos na temática central dessa dissertação, ou seja, a ausência de filhos.

Nesse sentido, me debrucei ainda sobre as questões relativas à concepção social acerca da menstruação e o papel atribuído aos óvulos e espermatozoides como metáfora trazida por Emily Martin (1991) que ,segundo a qual, reproduzem padrões de gênero.

No terceiro capítulo, fiz uma explanação sobre a linguagem autorizada, concepção trazida por Bordieu (1996) transportando este conceito para a área médica frente às tecnologias de reprodução, finalizando este capítulo com um debate sobre bioética e tecnologias reprodutivas.

Neste capítulo pretendi realizar uma análise de performances médicas e pacientes que buscam Novas Tecnologias de Reprodução Humana para entender como tais elementos referendam linguagens autorizadas e como elas constroem homologias de classe a partir da medicalização da concepção humana.

Esta dissertação teve como objetivo o entendimento sobre a formação de redes de solidariedade entre pessoas com ausência involuntária de filhos em circulações por

mídias sociais que produzem interações. Foram nas interações que sobressaltaram temas que aqui pretendo me debruçar.

1. CAPÍTULO: NAVEGANDO NO CAMPO

Nesse capítulo faço uma explanação sobre a etnografia *online*, bem como, sobre a minha experiência e a escolha desse campo de pesquisa. Meu universo de pesquisa está centrado no universo da infertilidade que é abordado através da categoria da ausência involuntária de filhos (*childlessness*) a partir de pessoas que acessam redes sociais e interagem entre si.

Utilizei ao longo da pesquisa o termo ausência involuntária de filhos, conceito cunhado por Lory Leonard, para me referir a situações em que involuntariamente as pessoas não tenham filhos. Tal termo busca nos distanciar da definição biomédica e patologizante que encontramos no termo infertilidade, já que nem sempre a ausência involuntária de filhos decorre de uma doença ou funcionamento irregular do sistema reprodutivo.

Aqui também discuto o recorte empírico, a metodologia de coleta de dados que optei e por fim, a caracterização das três redes sociais que pretendo utilizar como campo de pesquisa: YouTube¹, Instagram² e Facebook³.

1.1. Diário de Cegonha: do tabu à catarse

O interesse científico pelo tema de pesquisa surgiu quando em junho de 2016 eu tive a minha segunda perda gestacional, diante de entradas e saídas em clínicas

¹O YouTube é uma rede social vinculada ao sistema Google, que é caracterizada por ser uma rede de compartilhamento de vídeos *online* que permite que usuários/as interajam com seu público. O sítio pode ser acessado em <https://www.youtube.com/>

² O Instagram é uma rede social disponível para dispositivos móveis através de sistemas android e/ou IOS de compartilhamento de fotos instantâneas.

³ O Facebook é uma rede social caracterizada por conectar virtualmente as pessoas através de um perfil pessoal e pode ser acessado em <https://www.facebook.com/>

especializadas, baterias de exames e a completa falta de intimidade com os termos ultraespecializados da medicina, eu passei a buscar canais de comunicação via *web* com pessoas que tinham vivências semelhantes a minha. Foi assim que comecei a fazer minhas primeiras reflexões sobre as questões relativas à ausência involuntária de filhos .

Apesar do tabu que circunda a infertilidade tendo em vista expectativas e padrões de gênero⁴ (STRATHERN, 2014 [1998], THOMPSON, 2005; NASCIMENTO, 2011; LUNA, 2007; ALLEBRANDT, 2019), que, embora não fosse constatada (a infertilidade), me mobilizava a encontrar uma resposta para as causas do que ocorrera comigo, eu passei a me deparar cotidianamente com investidas de familiares e amigos para saber “de quem era o problema” (NASCIMENTO, 2011) ou para entender o que teria acontecido comigo.

Após a última experiência com perda gestacional, vivenciei um luto solitário. Parte porque eu estava distante da minha família e amigos, e parte porque esse era um assunto evitado por quem eu procurava.

Havia um desconforto entre as pessoas com quem eu conversava que sinalizava pra mim que poucas pessoas sabiam lidar com uma enlutada por perda gestacional. Esta constatação foi confirmada por Frizzo et. al (2017) numa etnografia virtual com mães enlutadas que compartilhavam suas experiências em blogs. Segundo as autoras:

Durante a vivência de um luto, a dor e o sofrimento são intensos, expressos por sentimentos como ansiedade, tristeza, medo, culpa, solidão e saudade que podem se manifestar de diversas formas e em tempos diferentes para cada pessoa, num processo dinâmico, individualizado e multidimensional. No entanto, os espaços sociais nem sempre estão receptivos a este processo, e esta realidade causa impacto direto na relação do enlutado consigo mesmo e com o mundo que o cerca. (FRIZZO et. al, 2017, p. 117)

Diante desse cenário, senti a necessidade de falar sobre o assunto abertamente nas redes sociais através de videoblogs publicados no YouTube como meio de informar e também de me informar sobre o tema que envolvia uma condição íntima, mas que era

⁴ Este tema será melhor explorado no capítulo 2 desta dissertação.

ao mesmo tempo compartilhada com quem eu interagira através da conectividade em redes sociais.

Todos os meus vídeos foram feitos em um estilo “confessional”, característico de vídeoblogs (LANA, 2017). Isso tornava minha fala mais íntima e catártica. Com o intuito de buscar escuta, eu e as interlocutoras de Frizzo (2017) tínhamos em comum a criação de espaços de interatividade em blogs para lidar com nossos lutos.

A criação de espaços de socialização em que se compartilham marcas biológicas ou biosociais é a manifestação de formas de fruição da biosociabilidade (RABINOW e ROSE, 2006), tendo como elemento principal a partilha de interesses.

Indo além da leitura foucaultiana no campo do biopoder em que a biopolítica representaria uma manifestação do poder a partir da supervisão de nascimentos, morbidades, longevidades e mortalidades de determinada população como espécie de controle dos corpos, RABINOW e ROSE (2006) trabalharam a biosociabilidade como construtos sociais que convergem no compartilhamento de espaços, interesses e interações no campo da saúde e doença, assim como no suporte emocional de quem se envolve nessas interações.

De acordo com os autores, esses modos de subjetivação levam, na atualidade, aos indivíduos a atuarem sobre si mesmos, criando hierarquias, discursos e verdades que incidem nas formas de vida de uma coletividade. A atuação em redes sociais entre tentantes me davam pistas sobre sua semelhança com as redes de biosociabilidades definidas por Rabinow e Rose (2006), aqui formadas nas mídias sociais.

Porém, os trânsitos pelas redes sociais que tinham como objetivo a troca de experiências de lutos compartilhados parecia dar lugar a uma espécie de necrossociabilidade, tendo o espaço virtual como mediador de interações e criação de redes de solidariedades, em que se baseava, sobretudo, na ajuda mútua.

A ajuda mútua baseava-se fundamentalmente na troca de mensagens de apoio de motivacionais, ainda que, no campo entre Instagrams de tentantes, essa ajuda mútua estivesse repleta de ambiguidades, envolvendo disputas e tensões, conforme explanei no capítulo 3.

Interagir com pessoas que compartilhavam comigo vivências biológicas parecidas com as minhas para buscar essa rede de ajuda mútua, foi a minha principal motivação. Com o objetivo de procurar informações e conhecer experiências, passei a assistir vídeos em canais de YouTube com as temáticas relativas à perda gestacional, tecnologias de reprodução e infertilidade. Para que eu pudesse dividir minha experiência com outras pessoas, também resolvi criar um canal no YouTube.

Foi assim que o interesse de pesquisa foi ficando mais evidente. O conhecimento pessoal sobre o campo que me propus investigar me incitou a ter uma visão compartilhada dessa realidade, entendendo a importância de colocar em xeque os meus conceitos e (pré) conceitos sobre os contextos que me foram trazidos a partir da pesquisa.

Aos poucos fui definindo meu campo de pesquisa, que partiria do real mediado pelo virtual no intuito de entender como se formava aquela rede de solidariedade (atravessada por sociabilidades, biossociabilidades e até mesmo necrossociabilidade) com a qual eu me conectava toda vez que postava um novo vídeo no YouTube ou uma foto nova no Instagram e percebia que ali, naqueles espaços, eu construía uma rede de relações que pareciam extrapolar a comunicação mediada pela internet.

Deste modo, a pesquisa se voltou para a escolha das interações nas redes sociais como campo fértil de possibilidades de reflexões sobre a construção dessa solidariedade seja em caso de mulheres enlutadas por perdas gestacionais ou por mulheres tentantes que trocam entre si informações, histórias de vida, expectativas, frustrações e mensagens motivacionais.

Eu estava consciente das especificidades sutis que os universos *on* e *offline* operam, ou seja, o que muitas vezes é dito *offline* nos permite acessar determinadas subjetividades, que a interação mediada pela internet não permite, ao passo que o universo *online*, algumas vezes desvenda certos tabus, exatamente pela ausência da presença física e por, muitas vezes, estarem agrupadas com pessoas que compartilham experiências e interesses comuns.

Nesse sentido, empreendi esforços para que o alcance das pessoas que se dispusessem a compartilhar comigo suas interações via *web*, agora para uma pesquisa etnográfica, se sentissem à vontade de assim fazê-lo. A observação participante que

realizei (a ser aprofundada em sessão específica) levou em conta questões e estratégias bioéticas, como a anuência prévia por parte das interlocutoras ou das responsáveis dos grupos, assim como, a não exposição dos nomes das envolvidas, nem os grupos e perfis das redes sociais, utilizando codinomes específicos.

Por esse motivo, e sabendo que caminhar por esse campo seria lidar com insucessos (perdas gestacionais), incertezas (ausência involuntária de filhos) e vontades (desejo por filhos), utilizei a minha experiência como gatilho epistemológico, tendo em vista que no decorrer da pesquisa etnográfica eu parei as tentativas de engravidar e, conseqüentemente, parei de produzir conteúdo para o canal do Youtube, que optei por privar todos os vídeos antes produzido, deixando apenas um vídeo explicativo sobre a pesquisa.

Dessa forma, tracei uma metodologia que pudesse corresponder a uma etnografia virtual que estivesse situada na pesquisa qualitativa, sendo as interações nas redes sociais específicas entre pessoas com ausência involuntária de filhos mediada pela internet, o meu campo de pesquisa.

1.2. Um campo virtual: Aspectos sobre etnografia online

Para esta investigação realizei uma pesquisa de cunho etnográfico, baseada na atualização da observação participante para o mundo virtual, através de plataformas virtuais, conhecidas como redes sociais.

Neste campo me deparei com linguagens específicas da área da saúde, assim como de tecnologias de comunicação, tendo em vista o recorte específico em transitar pelas interações em mídias sociais de pessoas com ausência involuntária de filhos. Para tanto, realizei um aprofundamento teórico e prático nesses universos para refletir a etnografia virtual.

Sendo assim, a internet foi a mediadora da pesquisa, tendo ela a função de me permitir o acesso ao campo que eu desejava pesquisar: as interações viabilizadas pela comunicação *online*. As redes sociais, com suas convenções de compartilhamentos específicas, foram espaços plenos de desafios para entender como se davam as interações entre aquelas pessoas que utilizavam estratégias de comunicar suas

experiências, mobilizando catarses e trocas, e assim formavam redes de solidariedade entre si.

Nesse contexto, é importante revisitar o que Gilberto Velho trata em “Observando o Familiar” (1987), quando o autor argumentou para a necessidade da construção de uma metodologia que permitisse ao pesquisador a interpretação do contexto analisado a partir de suas subjetividades e empatia partindo do exótico ao familiar. O autor desmistificou a dicotomia entre objetividade e subjetividade, presente em muitas discussões metodológicas na antropologia. Para o autor,

Esse movimento de relativizar as noções de distância e objetividade, se de um lado nos torna mais modestos quanto à construção do nosso conhecimento geral, por outro lado permite-nos observar o familiar e estudá-los sem paranoias sobre a impossibilidade de resultados imparciais, neutro. (VELHO, 1987, p.129)

Desse modo, busquei condições objetivas de trabalhar a compreensão das relações que são formadas via *web* a partir de uma condição impeditiva de ter filhos, pretendendo descobrir como e por que se formavam essas redes de compartilhamento de experiências.

Para tal empreitada, tive que me despir dos meus próprios estereótipos, tendo em vista que a pesquisa que propunha me era familiar dado o espaço que ocupei– uma pessoa com ausência involuntária de filhos –, mas os utilizei como uma ferramenta cognitiva de construções de hipóteses numa epistemologia mais dialógica sobre o campo, ainda que a escolha metodológica não tenha sido pela autoetnografia.

Gilberto Velho complementou que a etnografia “[...] se trata, no entanto, de uma interpretação e que, por mais que tenha procurado reunir dados “verdadeiros” e “objetivos” sobre aquele universo a minha subjetividade está presente em todo trabalho.” (VELHO, 1987, p.130).

Essa escolha teve como base a antropologia feminista que chamou atenção para o potencial da subjetividade em construções epistemológicas de experiências vividas (como é o caso de opressões de gênero), pois informa um ângulo específico para o qual a pesquisadora é capaz de criar questões e problematizar temas, mesmo que sua vida não seja seu próprio experimento, como é o caso da autoetnografia.

Buscando a multiplicidade de visões e essa desejada inserção em campo, resolvi direcionar a minha pesquisa para redes sociais disponíveis pela *web* em sítios brasileiros e em aplicativos disponíveis para Apple e Andróide. A etnografia *online*, ciberetnografia ou etnografia virtual desafia concepções de encontro etnográfico e percepções acerca das subjetividades das/os⁵ pesquisadoras/es que se aventuram nesse universo.

Daniel Miller e Don Slater em “Etnografia on e off-line: Cibercafés em Trinidad” (2004) discutem uma abordagem etnográfica da internet em que se deriva de relações *on* e *offline*. Para os autores “[...] a etnografia compreende um leque de canais metodológicos [...] que permitem que emerjam não só conhecimentos mais profundos como também conhecimentos que não confirmam as observações iniciais” (MILLER e SLATER, 2004, p.44).

Para isso, os autores afirmam que deverá existir uma maneira de reiterar a esfera de interação “partindo do compromisso maior de se relacionar o fenômeno a contextos mais amplos (independentemente de como foram definidos)” (MILLER e SLATER, 2004, p.45). Portanto, aqui nessa pesquisa nem a internet foi considerada um objeto isolado, nem o contexto de pessoas com ausência involuntária de filhos foi visto como um evento autocontido.

Nesse contexto, procurei interrelacionar em suas especificidades os contextos que me eram dados, entendendo que os usos tecnológicos de redes sociais e relacionamentos de ajuda mútua entre pessoas com ausência involuntária de filhos mediados pela internet não estão inteiramente descolados, demandando uma atenção etnográfica minuciosa.

As plataformas de redes sociais me ofereceram possibilidade de entendê-las como espaços criativos mediados pela internet para que as pessoas conseguissem alcançar outras, para que daí, partindo desses espaços, se estabelecesse redes de compartilhamentos, biossociabilidades e até, como utilizei, necrossociabilidade.

A etnografia virtual também foi problematizada por Hine (2000) ao entender que a interação social estava cada vez mais mediada pela internet, para isso desenvolveu uma metodologia de pesquisa empírica que pudesse ser realizada através da comunicação

⁵ Por se tratar de uma pesquisa feita por uma mulher com outras mulheres, ao longo do texto subverterei a norma culta da língua portuguesa, colocando o artigo feminino antes do artigo masculino.

através do computador, entendendo que a etnografia seria o método ideal para o desenvolvimento de estudos sobre a prática cotidiana em torno da internet.

Essa comunicação *online* produz meios de sociabilidades específicos que reproduzem, geralmente, a sociabilidade *offline*. Para tanto, o método etnográfico permite a inserção no campo de pesquisa que presume uma multiplicidade de informações acerca dos aspectos sociais envolvidos na interação *online*.

De acordo com Frizzo et. al (2017), “a etnografia virtual reúne técnicas que permitem a instrumentalização do pesquisador no trabalho de observação e viabiliza o contato intrasubjetivo com o objeto de estudo, a partir de sua inserção na comunidade a ser pesquisada” (FRIZZO et. Al, 2017, p. 118). Esse contato intrasubjetivo permite uma visão multifacetada das realidades postas.

Para Hine (2012) a visão multi-localizada da etnografia permite o desenvolvimento de novas formas de intervenção redefinindo os estudos de ciência e tecnologia, “concentrando-se frequentemente no diálogo e no surgimento de soluções negociadas, [...]”.⁶” (HINE, 2012, p. 653). Essa comunicação mediada por computador, através de redes sociais, produz meios de sociabilidades específicas que reproduzem, geralmente, a sociabilidades *offline*.

Porém há a necessidade de se traçar estratégias metodológicas que permitam essa visão multidimensional a que a autora se refere. De acordo com Neto, Barbosa e Dantas (2015) “o desafio metodológico de aplicar a etnografia virtual consiste em registrar no caderno de campo os detalhes obtidos com a observação participante.” (NETO, BARBOSA e DANTAS et.al, 2015, p. 1657).

Por esse motivo, o domínio dessas técnicas etnográficas deve ser observado, assim como a combinação com outras técnicas de pesquisa como, por exemplo, análise de discurso, entrevistas semi-estruturadas entre outras.

Para tanto, combinei algumas dessas técnicas, que serão detalhadas no próximo tópico, para realizar a inserção no campo de pesquisa, que no caso, eram as interações produzidas nas próprias redes sociais que eu mesma já conhecia. Sendo assim, foram as

⁶ Todas as traduções apresentadas aqui são da autora.

plataformas de mídias sociais que me permitiram, assim como também negaram, o acesso às pessoas e seus discursos.

A definição de um campo *online* não necessariamente se configura como um campo virtual inacessível (ou melhor, invisível), se dá a partir do entendimento de que a cada relação *online* há contextos *offline* muito específicos que não podem ser negligenciados.

Para isso, Miller e Slater (2004) consideraram a “necessidade metodológica de encontrar fenômenos da internet na forma de interações visíveis e, portanto, observáveis” (MILLER e SLATER, 2004, p. 63).

Diante disso, influenciada pela ênfase no trabalho de campo, elemento basilar da antropologia, realizei a pesquisa em foco em três redes sociais que figuram entre as mais difundidas e populares no momento da pesquisa: Instagram, Facebook e YouTube, através de browser Mozilla Firefox e por aplicativos para dispositivos móveis disponíveis pela Apple ou para Andróides, através de perfis, grupos e canais.

1.3. Metodologi@ pontocom

Para esta pesquisa, como dito, escolhi três redes sociais disponíveis na *web*: YouTube, Instagram e Facebook. A pesquisa foi dividida em quatro fases: 1) mapeamento exploratório; 2) Contato com administradoras das páginas e redes sociais 3) Formulário *online* disponibilizado através do Google.Form para entender as principais motivações das mulheres a procurar as redes sociais 4) Etnografia das interações nas redes sociais.

Utilizei essas plataformas para mapear o universo das redes sociais entre tentantes e posteriormente, para realizar observação participante. No mapeamento, utilizei as palavras-chave: infertilidade + reprodução assistida + cegonha + tentantes para filtrar grupos, perfis e vídeos que pudessem responder as questões trazidas por essa pesquisa.

De acordo com Barros e Serpa Jr. (2017) na etnografia virtual a qual denominaram netnografia⁷, realizada pelos autores numa comunidade de Facebook destinada para ouvintes de vozes, a Intervoice, as mídias sociais permitem a criação de uma teia de relacionamentos e de ajuda mútua, desenvolvendo a capacidade de interação, de autonomia e solidariedade entre seus usuários. Segundo os autores, “o alcance das mídias sociais nos permite entender a influência que estas exercem no modo como as pessoas se comunicam, interagem e compartilham conhecimento.” (BARROS E SERPA JR., 2017, p. 883).

Essa interação muitas vezes permite o fortalecimento da autonomia e superação em situações de medo, angústia, traumas e etc. Por este motivo, proliferam as comunidades virtuais de situações específicas que reúnem pessoas que compartilham dos mesmos dramas (BARROS e SERPA JR., 2017; FRIZZO et. Al, 2017). Com a ausência involuntária de filhos não é diferente.

Delimitar um universo de pesquisa que se propõe ter interlocutores/as que se comunicam em redes sociais compreende lidar com transitoriedades, tendo em vista que o fluxo de entradas e saídas de perfis de redes sociais é intenso. Somado a isso, o recorte específico da minha pesquisa também lidou com um público que, em sua maioria, está numa condição transitória – pessoas que estão “tentando” ter filhos. Nesse sentido, é muito comum que esta condição esteja latente, próxima ou não da mudança do status de “tentante” para outros status como pessoas com filhos (mães e pais) e/ou sem filhos.

Isso se reflete, por exemplo, no nome de alguns grupos de Facebook como “tentantes, grávidas e mães”, ou ainda em canais de YouTube em que a principal motivação de início do canal tenha sido as tentativas de gravidez e a mudança de status para “mães”, o que demonstra a transitoriedade dessa condição de tentar ter filhos.

Mapeei 159 perfis, vídeos e grupos nas três mídias sociais selecionadas, resultado de pesquisas nas plataformas com as quatro palavras-chaves informadas. Selecionei 20 perfis, vídeos ou grupos para cada palavra-chave. A coleta desses dados observou a ordem proposta por cada plataforma, que tem especificidades de resultados de acordo com algoritmos.

⁷ De acordo com os autores, netnografia é a “adaptação do método etnográfico para os ambientes online, que permite um estudo detalhado das relações nos espaços virtuais” (BARROS E SERPA JR., 2017, p. 875).

Algoritmo é uma medida matemática que permite que cada plataforma de mídia social personalize as informações a serem oferecidas para os/as usuários/as. Segundo Bezerra (2017), é cada vez mais comum encontrarmos na internet plataformas digitais que operam dentro da lógica da “cultura algorítmica”, monitorando, analisando e filtrando um grande volume de dados (conhecido como “big data”) com o objetivo de oferecer uma experiência de navegação cada vez mais personalizada para seus usuários (BEZERRA, 2017, p. 70).

Assim, os resultados oferecidos por cada plataforma através das ferramentas de busca previam engajamentos, quantidade de relevância, de participantes e postagens. Não foram considerados os resultados que não se relacionassem com o tema de pesquisa, ou seja, infertilidade e desejo de filhos.

Sendo assim, após uma primeira análise dos dados mapeados, selecionei 02 perfis do Instagram, 02 vídeos do YouTube e 04 grupos de Facebook, para a coleta de dados, a partir da observação participante. Os critérios de seleção de cada perfil, vídeo e grupo seguiu a mesma lógica dada pelos algoritmos, ou seja, a relevância, o número de visualizações (*views*), de interações e participações. Os grupos do Facebook, por serem espaços de maior interatividade e maior multiplicidade de temas, foram selecionados num número maior.

Após o mapeamento, iniciei as tentativas de contato com as pessoas responsáveis de cada perfil e grupo para dar início à observação participante. No entanto, só obtive anuência de 02 perfis do Instagram, os quais, um deles, não compunha o perfil listado anteriormente, sobre essas negativas, realizei um aprofundamento mais detido no capítulo 2, por entender que essas esquivas informaram noções de gênero e frustrações de expectativas sobre o campo.

A observação participante nos 02 perfis de Instagram que passei a chamar de Cegonha e Tentante⁸ aconteceu após o consentimento das pessoas observadas a partir da veiculação de um vídeo/ texto explicando os objetivos da minha pesquisa em cada canal em que for estabelecida a relação, assim como a veiculação de “convites” através de postagens no meu perfil de Instagram que passei a utilizar somente para a pesquisa.

⁸ São codinomes que utilizei para não identificar os perfis os quais realizei a pesquisa e assim resguardar a identidade das interlocutoras.

Concomitante, divulguei, também no perfil de Instagram, o formulário *online* que apresentava em sua primeira página as informações sobre a pesquisa, nos moldes de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE – e os participantes só poderiam aceder às perguntas se concordassem com os termos do TCLE.

É importante destacar que por decisão ética desta pesquisa, ainda que nestes espaços virtuais haja um fluxo de compartilhamentos públicos, foi garantido o anonimato das interlocutoras através do uso de codinomes associados ao universo nativo de pessoas com ausência involuntária de filhos, assim como no uso das iniciais dos seus nomes (conforme indicação no formulário).

Este anonimato buscou resguardar a intimidade com vistas a não identificar as pessoas ali envolvidas. No entanto, eu me deparei com o desafio ético de grande relevância: a consciência de que o uso de codinomes não necessariamente garantiria o anonimato completo das interlocutoras em suas interações, tendo em vista a facilidade em identificá-las através de meras buscas nos localizadores das plataformas digitais que utilizei.

Este desafio ético a que se depara comumente a/o etnógrafa/o (GEERTZ, 1989; FONSECA, 2010; SILVA, 2015) reitera a reflexividade que permeia o campo etnográfico, uma vez que nos afasta da necessidade da objetividade positivista, sendo uma exegese de segunda mão da realidade a qual nos deparamos. Sobre isso, Valpassos (2013) considerou que:

[E]m alguns casos, as pesquisas antropológicas fazem com que os atores evoquem experiências que podem mesmo vir a “mexer” com eles, uma vez que rearticulam suas recordações e interpretações, mas, sobretudo, quando são transformadas em textos e oferecem a este ator uma análise sobre ele feita por outrem – no caso, o antropólogo. (VALPASSOS, 2013, p. 474)

Isso decorre, pois em alguma medida cabe à/ao etnógrafa/o traspor suas narrativas através de contextualizações amplas que são fruto de conhecimentos cognitivos subjetivos. O anonimato, portanto, seria uma das estratégias de operar estes elementos num texto etnográfico. Para SILVA (2015),

Na construção do texto etnográfico (ou entre o domínio dos segredos do escrever e o escrever dos segredos) não existe, portanto, apenas o dilema de como passar das experiências de campo para a forma escrita, mas de como articular a necessidade do conhecimento

antropológico com dimensões morais e éticas que nele atuam intimamente. (SILVA, 2015, P. 139)

Sobre essa responsabilidade ética em resguardar a identidade das/os interlocutoras/es no fazer etnográfico, me respaldei em Cláudia Fonseca (2010) ao considerar que “o anonimato das personagens no texto etnográfico não implica necessariamente numa atitude politicamente omissa do pesquisador” (FONSECA, 2010, p. 05).

Pelo contrário, e longe de ser apenas uma estética borrada das identidades que transitam nessas interlocuções, as intenções de uma/um pesquisadora em utilizar nomes fictícios procura resguardar as consequências que pode desencadear uma pesquisa etnográfica exatamente porque esta considera os “detalhes dos contextos” (FONSECA, 2010, p. 09) como dados relevantes.

Vale salientar que a escolha por codinomes já é um recurso muito utilizado nas redes sociais e que, comumente, as usuárias dessas mídias sociais optam por utilizarem nomes fictícios no intuito de preservar suas identidades e agrupar perfis de interesses comuns.

Portanto, a escolha metodológica em atribuir pseudônimos que se relacionassem com o caráter dado à pesquisa, foi, antes de tudo, uma decisão ética e política em reiterar a metalinguagem utilizada pelas próprias usuárias das redes. Ética pela consciência que tenho sobre os segredos que permeiam esse campo, que está mais bem delineado no capítulo 2, e política pelo lugar antropológico que assumo na escrita.

No formulário *online* restava claro que a desistência poderia ocorrer em qualquer momento, resguardando o desejo de se manterem silente diante de suas condições. Na última parte do formulário, a/o interlocutora poderia optar por fornecer seu contato para a realização de entrevista semiestruturada⁹.

Enquanto a observação participante nas redes sociais, especificamente no Instagram me possibilitou entender como se davam as interações, trocas e compartilhamento de questões que envolvem tabu, intimidade e segredos, o formulário *online* me permitiu traçar um perfil de quem seriam essas pessoas que acessam estes

⁹ Optei por não realizar as entrevistas, entendendo os limites metodológicos empreendidos para a realização da etnografia, sendo uma escolha metodológica a análise de perfil através do formulário. Nessa pesquisa também não fiz análise de contextos de sociabilidade *offline* (tradicionais), tendo em vista o foco dado aos contextos *online*, dada pela limitação de tempo num recorte de pesquisa de mestrado.

espaços, assim como, o entendimento das motivações dessa busca por redes de biossociabilidades via *web*.

1.4. Com quantos gigabytes se faz uma rede de solidariedade?

A rede mapeada permitiu a compreensão do universo de pesquisa, através das suas dinâmicas internas, lógica de participações e comunicabilidade. Nesse sentido, como supracitado, utilizei parte da rede mapeada para enviar convite de participação à pesquisa através do preenchimento de um formulário *online* disponível pelo Google.Forms(Anexo I) que ficou disponível durante 15 dias.

Para tanto, fiz postagens no Instagram convidando a participação através das respostas no formulário, assim como divulguei um vídeo no canal de YouTube, “Camilla Iumatti”, canal este reativado em função dessa divulgação, mas com todos os vídeos relacionados à minha vivência anterior retirados para o modo privado. Neste vídeo, falei sobre a pesquisa e sobre o questionário *online*, convidando as pessoas que eram inscritas no canal, a se engajarem nessas respostas.

A divulgação do formulário *online* em grupos de Facebook¹⁰ não foi permitida pelas responsáveis dos grupos escolhidos, motivo pelo qual não houve divulgação nessa rede social.

Os critérios para o alcance dessas pessoas eram os seguintes: pessoas dos sexos masculino ou feminino em idade reprodutiva, que tenham vivido ou estivessem vivenciando uma ausência involuntária de filhos, que acessam as redes sociais com intuito de se informar sobre causas de infertilidade (relativa ou total), métodos de concepção através da utilização de Reprodução Assistida - RA - e que eventualmente compartilham suas experiências em redes sociais ou se informam através delas.

Entendendo a situação da ausência involuntária de filhos como um aspecto transitório, como já mencionado, pessoas que já enfrentaram essa realidade e que não enfrentam mais por motivos diversos, mas **permaneciam acessando** redes sociais específicas supracitadas também foram convidadas a responder esses questionários. Os

¹⁰ Sobre minhas tentativas de inserção nesse campo, ver capítulo 2.

critérios ausência involuntária de filhos (vivas ou já vivenciadas) e acesso à rede foram cumulativos entre si.

Obtive 31 respostas no questionário que divulguei conforme planejado, ou seja, através de vídeo-blogs e postagens no Instagram. Destas 31 pessoas, apenas 01 era do sexo masculino, 35,5% optou por se identificar apenas com as iniciais do nome e a mesma porcentagem de respondentes não se disponibilizariam a realizar entrevistas comigo, caso a pesquisa necessitasse desse aprofundamento.

Nesse ponto da pesquisa realizei uma delimitação metodológica que me conduziu a focar nas redes de interação e não nas narrativas de infertilidade, uso de redes sociais ou reprodução assistida.

Essa escolha foi regida pelas próprias respostas às minhas tentativas de inserção no campo delineado, que a essa altura se apresentava para mim muito mais como redes de solidariedade e ajuda mútua que propriamente redes de sociabilidade ou biossociabilidade, tendo em vista que a primeira, segundo Simmel (1983) traz a dimensão do lazer e formas de fruição de espaços sociais e a segunda, de acordo com Rose e Rabinow (2006) relaciona-se com partilha de interesses.

As redes de solidariedade, portanto, pareciam ser a junção desses dois aspectos, motivo pelo qual adotei essa terminologia, entendendo suas limitações e ambiguidades¹¹ mas que mesmo assim melhor se aproximava com a combinação das definições entre sociabilidade e biossociabilidade, tendo em vista que as interlocutoras utilizavam os espaços sociais via *web* para essa partilha de interesses e formação de trocas de ajuda.

Por esse motivo, centrei minha análise nas interações *online* como espaço profícuo para entender como essas redes de solidariedade se formavam e (re)produziam discursos sobre desejo por filhos, medos, vergonha, tabus e padrões de gênero.

Vale ressaltar que os temas abordados nestas redes são vistos como tabu, tendo em vista o caráter íntimo da condição primária que me leva à pesquisa: ausência involuntária de filhos e, conforme ressaltado anteriormente, esse tema é permeado por estigmas sociais que impulsionam as pessoas a manterem segredo sobre as questões

¹¹ Em alguma medida, essas redes de solidariedade por vezes se transformavam em redes de disputas, atravessado pelo biopoder (Foucault, 1997), como melhor explicitado no capítulo 3.

relacionadas ao assunto, ou seja, infertilidade, tratamentos, tecnologias reprodutivas (LUNA 2007; NASCIMENTO, 2013; VARGAS, MOÁS E SEIXAS, 2016).

O formulário permitiu ainda que eu pudesse traçar um perfil, em amostra que não tem representatividade estatística, sobre as motivações das pessoas que acessam redes sociais para se informar e/ou compartilhar suas histórias com a ausência de filhos e o acesso às tecnologias reprodutivas. Esse *ethos* teve a forte marcação de gênero, já que consegui alcançar apenas 01 homem, que preferiu se identificar com as iniciais do seu nome – I.L., aqui usarei um nome fictício para falar sobre seu perfil.

Ian é heterossexual, 33 anos, vigilante, é casado e estava tentando ter filhos há menos de 01 ano no momento em que respondeu ao questionário, alegou não ter utilizado nenhuma técnica de Reprodução Assistida. Ian disse preferir o contato presencial com pessoas tentantes para compartilhar suas experiências, porém, quase não acessa as redes sociais voltadas para pessoas tentantes.

Segundo Ian o que o motiva a compartilhar suas experiências enquanto tentante é a possibilidade de conhecer outras experiências e que a importância das redes sociais para sua vivência enquanto tentante é a de obter mais informações.

Ao responder a questão sobre como a internet e grupos de tentantes o ajudou a lidar com a sua situação, Ian respondeu “*vi que outras pessoas também passam pelo que passei e consegui lidar melhor com isso*”. Esse perfil, traçado a partir das respostas de Ian, reforça a confirmação de que o acesso às redes sociais, muitas vezes tem o caráter de auto ajuda e, embora Ian, prefira que esse contato seja pessoalmente, o mesmo acessa tais redes para “consequir lidar melhor” com sua situação.

Lançando um olhar ampliado sobre as motivações da busca por redes sociais, destaco as seguintes questões:

Perfil Sociodemográfico

Do universo total das 31 pessoas que responderam ao questionário tinham idade de 28 a 45 anos, 26 eram casadas e 05 estavam em união estável, nenhuma delas era solteira. Destas 31 pessoas apenas 01 declarou-se bissexual, todas as demais (30) pessoas se declararam heterossexuais. Sobre a orientação religiosa dos respondentes, 17

declararam-se católicos, 01 evangélica, 06 espíritas, holísticas ou espiritualistas, 03 declararam-se cristãs, 02 informaram não ter religião e 01 declarou-se atea.

Sobre a experiência quanto tentante

Considerando que aspectos como temporalidade, tentativas de gestações através de técnicas de reprodução assistida, conhecimento sobre seus diagnósticos e existência de perdas gestacionais, implicam nos trânsitos por redes sociais sobre a autoridade com que as tentantes falam sobre si e sobre a experiência de tentar ter filho¹².

Desta sessão foram feitas 02 perguntas: a primeira era sobre o tempo em que a pessoas estava tentando ter filhos e a segunda tratava especificamente sobre se as pessoas haviam recorrido a alguma técnica de Reprodução Assistida, obtive as seguintes respostas:

Há quanto tempo você é (foi) tentante?

31 respostas

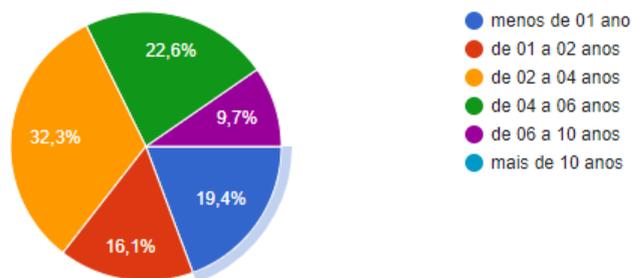


Figura 1: Gráfico I - Tempo de Tentante

Fonte: Freitas (2019)

¹² Sobre esse aspecto realizo um aprofundamento no Capítulo 3.

Do universo total de 31 pessoas que responderam ao questionário, 20 estavam tentando há mais de 02 anos, sendo destas 03 eram tentantes entre 06 a 10 anos, enquanto que 11 eram tentantes há menos de 02 anos.

Você já tentou alguma técnica de Reprodução Assistida?

31 respostas

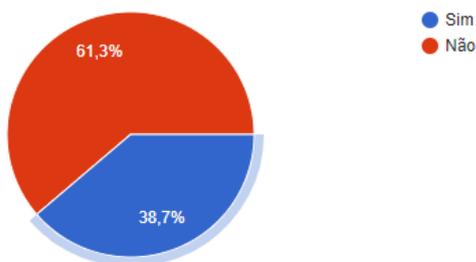


Figura 2: Gráfico II - Tentativas através de técnicas de Reprodução Assistida

Fonte: Freitas (2019)

Das 12 pessoas que responderam ter lançado mão a alguma técnica de Reprodução Assistida, todas buscaram atendimento em clínica ou profissional especializado em Reprodução Humana, todas haviam tentado Fertilização In Vitro, sendo associadas às seguintes técnicas:

- Relação Sexual Programada: 09 pessoas afirmaram tentar ou já ter tentando essa técnica;
- Inseminação Intra-Uterina: 03 pessoas afirmaram ter recorrido a essa técnica;
- Injeção Intra-Citoplasmática de esperma (ICS): 02 pessoas;
- Doação de Óvulos: 02 pessoas

Destas 12 pessoas que afirmaram ter recorrido a alguma técnica de Reprodução Assistida, 11 afirmaram ter recebido algum diagnóstico e apenas 01 não tinha diagnóstico aparentemente fechado, como pode ser observado na tabela I:

Você recebeu algum diagnóstico ou causa que explique a dificuldade de engravidar?

12 respostas

Sim
Sim. Endometriose profunda
Sim, falência ovariana.
Endometriose, SP, trombofilia
Sim
Sim! Trombofilia e endometriose
Não, apenas causas possíveis
Endometriose, uma trompa enovelada
Motilidade de espermatozoide e reserva ovariana
Endometriose
Endometriose

Figura 3: Tabela I - Diagnósticos

Fonte: Freitas (2019)

Das 31 pessoas que se disponibilizaram a responder ao questionário, 12 passaram por perdas gestacionais, as quais 05 tiveram mais de um aborto, sendo que uma dessas alegou ter provocado 02 abortos. Uma das respondentes afirmaram que teve 08 abortos e as demais 1 perda. Deste universo de 12 pessoas que passaram pela perda gestacional, 08 alegaram não ter sido fechado diagnóstico de causa aparente, conforme gráfico III:

Houve alguma causa diagnosticada?

12 respostas

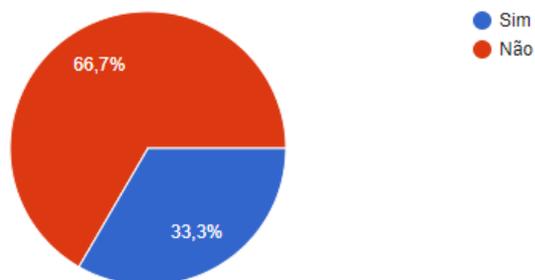


Figura 4: Gráfico III - Causa do aborto

Fonte: Freitas (2019)

Das 04 pessoas que alegaram ter tido um diagnóstico, as causas foram as seguintes:

- Gravidez molar e trombofilia
- Trombofilia
- Anembrionária
- Cariótipo do marido alterado. Trombofilias brandas

Redes Sociais

Sobre as plataformas virtuais de redes sociais mais acessadas do universo total desta amostra, as que figuraram como preferência foram Grupos de Whatsapp, seguida de Instagram, Facebook e YouTube, nessa ordem. Sobre o compartilhamento da experiência com outras pessoas tentantes, o panorama apresentado é o que pode ser visto no Gráfico IV:

Você compartilha a sua experiência com outras pessoas tentantes?

31 respostas

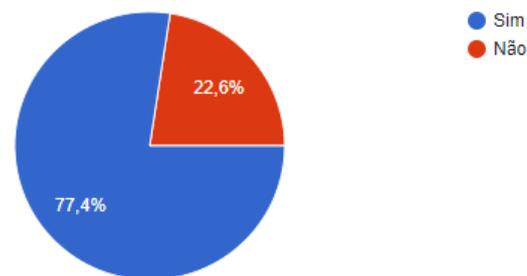


Figura 5: Gráfico IV - Pessoas que compartilham suas experiências com outras pessoas tentantes

Fonte: Freitas (2019)

Esse dado nos oferece subsídios para a hipótese de que a busca pelas redes sociais é o meio de formação de redes de solidariedade, em que as experiências são compartilhadas e as informações transitam entre as tentantes como manifestação de agência e empoderamento.

Sobre a frequência de acesso às redes sociais, do universo de 24 pessoas que responderam essa pergunta, 17 pessoas responderam acessar diariamente, 04 pessoas responderam que quase não acessam e 03 alegaram acessar de 1 a 2 vezes na semana, conforme gráfico V:

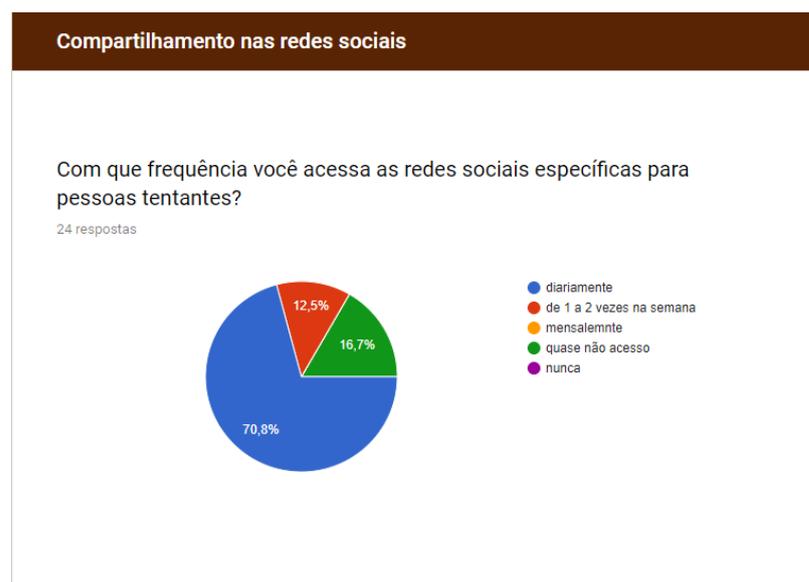


Figura 6: Gráfico V - Frequência de acesso às redes sociais.

Fonte: Freitas (2019)

As 24 pessoas foram convidadas a explicar sobre suas motivações de compartilhamento nas redes sociais, dentre as quais foram compiladas em: compaixão; aprender e se adaptar à realidade; a possibilidade de confortar alguém que esteja passando pela mesma dificuldade; solidão; trocar de experiências; buscar informações, conhecer sobre o assunto; diminuir a ansiedade; ajudar e ser ajudada; desmistificar o assunto, procurar apoio e dar voz a essa luta; buscar empoderamento; incentivar uma a outra; procurar apoio; encorajar as mulheres a continuar tentando; suporte emocional; poder ajudar outras pessoas em situações de perda e que não sabem como investigar; crescimento; conhecer experiências de outras pessoas.

Como pode ser confirmado pelas motivações acima elencadas em resposta ao questionário, justificativas como “solidão”, “busca por informações”, “troca de experiências”, entre outras questões que se relacionam com a busca pelo empoderamento e a busca por apoio emocional, foram as principais motivações das pessoas que veem essas redes sociais como redes de ajuda mútua. De acordo com Pereira Neto et. al (2015),

Nesse contexto, é possível que a comunidade virtual funcione como uma importante fonte de apoio psicológico entre os portadores de determinadas patologias. Ela oferece um ambiente no qual as pessoas que compartilham um estado patológico podem socializar seus medos e aflições. (PEREIRA NETO et.al, 2015, p. 1661)

Esse ambiente em que as pessoas se sentem à vontade para compartilhar aciona entre pares o desejo em oferecer e buscar ajuda para suas questões, o que pôde ser confirmado na amostra apresentada em que as motivações relacionavam-se de uma forma ou de outra ao reconhecimento desses espaços como rede de solidariedade.

Aprofundando um pouco mais sobre essa questão, o *survey* perguntava sobre o acesso às redes sociais para saber da experiência de outras pessoas, as 31 pessoas que correspondem ao universo total, responderam o que se segue:

Você acessa as redes sociais para saber das experiências de outras pessoas?

31 respostas

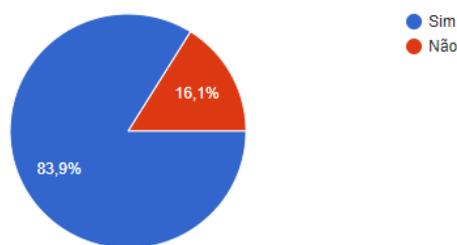


Figura 7: Gráfico VI - Acesso às redes sociais para conhecer outras experiências.

Fonte: Freitas (2019)

Apenas 03 pessoas da amostra total apresentaram razões para não compartilharem suas experiências como tentante e as justificativas foram as que se segue: medo da exposição; não se sentir à vontade; frustrações provocadas por trocas de experiências em grupos e pesquisas via web.

A análise dessa amostra nos aponta que a exposição de intimidades ao passo que gera identificação e empatia, pode operar como fator indutor de medo, timidez e frustrações, demonstrando assim certa ambiguidade fruída nesses acessos e compartilhamentos em redes sociais, ainda que em pequena escala. Sendo assim, esse trânsito de informações majoritariamente pessoais, pode apresentar uma relação ambígua entre expectador X protagonista das postagens, em que o primeiro seria o receptor das informações e o segundo o gerador, tendo as interações como mediadoras dessa relação.

Essa afirmação parece se confirmar ao analisar o lugar da Internet e grupos de tentantes no auxílio à situação de ausência involuntária de filhos em que 23 pessoas, ou seja, 74,2% alegaram que a internet possibilitou mais informações, a mesma quantidade¹³ alegou que o acesso a outras pessoas na mesma situação possibilitou melhor aceitação de suas condições e 14 pessoas alegaram que conseguiram falar sobre o assunto com mais aceitação a partir do acesso à Internet. Nenhuma pessoa respondeu

¹³ Essa questão era uma questão que possibilitava a escolha de mais de uma resposta e ainda especificar em "Outros", motivo pelo qual o quantitativo excede a 100%.

que a internet não ajudou no processo de entendimento, aceitação e compartilhamento de suas condições, o que confirma a hipótese entre expectador e gerador de informações que se relacionam através de estratégias de interações mediadas pela internet.

Sobre a possibilidade das informações disponíveis na Internet ter atrapalhado de alguma forma as pessoas respondentes, 19 pessoas responderam que não, enquanto que 12 responderam que sim.

Em algum momento essas informações disponíveis na internet te atrapalhou?

31 respostas

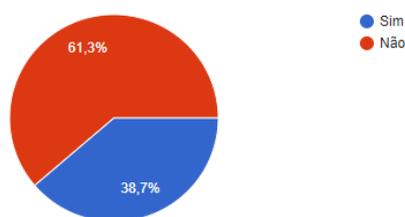


Figura 8: Gráfico VII - Internet

Fonte: Freitas (2019)

Das 12 pessoas que alegaram que a Internet atrapalhou em algum momento enquanto tentantes, 11 pessoas responderam que acessar a Internet numa dada situação a deixou ansiosa, 04¹⁴ pessoas informaram ter acessado informações erradas e a mesma quantidade respondeu que em algum momento se sentiu desencorajada, 01 pessoa afirmou ter comparado a sua situação com a de outras pessoas e teve expectativas que não correspondiam a sua realidade.

Esses últimos dados evidenciam a tensão entre o reconhecimento dessas redes sociais como meio estratégico de empoderamento, deslocamento do poder biomédico, uma vez que através dela se busca informações, e criação de rede de apoio e ajuda mútua, por outro lado ela pode ser a geradora de ansiedades, frustrações e medo de exposições de uma condição reconhecida como tabu.

¹⁴ Idem

Importa destacar que tanto nos questionários recebidos quanto nos trânsitos pelas redes sociais observei uma forte marcação de gênero, tendo em vista que não localizei nenhum perfil, grupo ou canal de YouTube protagonizado por homens, em alguns deles, os homens apareciam como coadjuvantes no processo reprodutivo.

Essa marcação de gênero pode ser explicada pelo fato de que, em geral, este tema recai sobre a mulher e seus corpos de uma maneira mais direta e intensa. Vargas, Moás e Seixas (2016) afirmaram que “no que tange à Reprodução Humana, nesses mecanismos reguladores velados por uma demanda de auxílio ao tratamento médico, a fertilidade se inscreve em uma norma de gênero que incide sobre o corpo feminino” (VARGAS, MOÁS e SEIXAS, 2016, p.65). Essa afirmação pode ser explicada pelo contexto cultural onde a maternidade é imperativa de uma expectativa social para um suposto desejo natural da mulher.

Outro fato preponderante nessa montagem de gêneros quanto ao desejo/ausência de filhos é o fato de que em geral as mulheres são mais responsabilizadas em questões que envolvem tentativas frustradas de gestações.

No mesmo estudo, Vargas, Moás e Seixas (2016) levaram em consideração a subjetividade e a psicologização da reprodução, constatando que em consultórios médicos, assim como em espaços não medicalizados, como a família, por exemplo, a culpabilização da não reprodução recai sobre a mulher, seus desejos e suas condições psíquicas, o que vai além de condições fisiológicas.

Assim, infere-se que a busca de informações, compartilhamentos e a criação de redes de solidariedades tem a presença feminina mais evidente, posto que é sobre ela que recai a responsabilização da não reprodução.

Semelhante aos estudos acerca da RA (STRATHERN, 2014 [1994]; 1995; THOMPSON, 2005; RAMIREZ, 2009, ALLEBRANDT, 2007; 2015, NASCIMENTO, 2011; LUNA, 2007; VARGAS, MOÁS e SEIXAS, 2016), no decorrer da minha pesquisa, a presença feminina representava quase a totalidade dos participantes das redes sociais. A participação de homens era restrita a marcações nas interações em perfis de Instagram, geralmente feitas por suas companheiras, sem resultar em engajamento nas conversas e modos de interação virtual. Conforme observado, nas três

redes sociais que pesquisei, eram mulheres que protagonizavam e compartilhavam entre si suas histórias.

1.5. Conhecendo as plataformas de comunicação

1.5.1. YouTube

O YouTube é uma rede social vinculada ao sistema Google, que é caracterizada por ser uma rede de compartilhamento de vídeos *online* que permite que usuários/as interajam com seu público. Essa plataforma é utilizada das mais variadas maneiras, sejam para a publicação de filmes e shows até vídeos caseiros com conversas informais que possibilita o compartilhamento de situações pessoais em canais específicos a cada usuário. Nesse sentido, qualquer pessoa pode ter uma conta Google vinculada ao YouTube e fazer um canal para si. Estes canais permitem a inscrição de um público espectador que podem avaliar cada vídeo com o que se chama de “like” ou “dislike” (gostei ou não gostei).

De acordo com a política de acesso, a interação do público espectador de cada canal através das avaliações, dos comentários, das inscrições, das visualizações e compartilhamentos permite que a própria plataforma faça filtros específicos de vídeos sugeridos em sua página inicial, esse critério é chamado pela plataforma de engajamento.

Sendo assim, quanto maior o engajamento do vídeo ou do canal, maior a possibilidade em aparecer como sugestão da própria plataforma conforme assunto desejado. É avaliado pela plataforma também o tempo médio que um vídeo é visualizado e isso é levado em conta para o engajamento de um canal, ou seja, se um canal publica vídeos com mais de 10 minutos, mas seus espectadores/as assistem até 03 minutos de cada vídeo, a plataforma contará essa média de interesse pelo público.

O YouTube tem um sistema de colaboração financeira, chamada monetização, a canais e vídeos muito acessados e os suas/seus usuárias/os em geral são chamados de influenciadoras/es digitais, Youtubers ou Vlogueiros/os, tendo em vista que é comum a utilização deste espaço para vídeos-blogs, uma espécie de *reality-show online*. Isso

ocorre porque patrocinadores expõem suas propagandas antes da exibição do vídeo “monetizado”. Tal monetização é uma opção do usuário.

Os canais de YouTube possuem um *ranking* e suas/seus influenciadoras/es digitais chegam a ter significativa renda financeira¹⁵, fazendo desta atividade sua principal ocupação. Com forte apelo para a exposição da realidade, muitas/os influenciadoras/es digitais produzem vídeos em primeiro plano, com a câmera voltada para si e a edição é feita geralmente pelos próprios Youtubers ou por pequena equipe (que normalmente é do seu ambiente familiar). Tais vídeos expõem opiniões pessoais ou experiências cotidianas através de *vlogs*. De acordo com Lana,

Especificamente, a *reallife* narrada pelos *vlogs* passou a enfatizar, coincidentemente, as estratégias da televisão de intimidade. O *vlog*, diário pessoal, transmite, no espaço público da internet, histórias e dramas relacionados à vida pessoal de seus autores. Potencializada pelo seu caráter amador, a televisão da intimidade, no *vlog*, realça a experiência de pessoas comuns. (LANA, 2017, p. 1363)

A autora traz o debate sobre a questão pós feminista ao analisar um canal de grande visibilidade no YouTube, o canal da Flávia Calina. Calina é vlogueira desde 2009 e expõe seu cotidiano através de vídeos publicados no YouTube. A youtuber traz a dicotomia que emerge do pós-feminismo sobre a admissão de poder feminino (empoderamento) através da fama em contraposição com a repetição de padrões de comportamento que são alvo de crítica do feminismo.

Assim, Flávia Calina assume o papel da mulher de classe média residente nos Estados Unidos, mãe, casada, dona de casa, consumidora e bem sucedida profissionalmente como Youtuber, compartilhando sua intimidade junto aos seus filhos e marido. O exemplo de Flávia apresenta o que Lana (2017) chamou de “ambiguidades na construção do seu papel como mulher” (LANA, p. 1365, 2017). Dito de outro modo, ela é uma profissional bem remunerada em sua esfera extra doméstica, ao mesmo tempo em que exerce funções domésticas em sua integralidade.

¹⁵ De acordo com site Social Blade que faz estimativas sobre inscritos, vídeos e média de renda arrecadada, os Youtubers de maior audiência chegam a faturar de R\$90.000,00 a mais de R\$1.000.000,00 mensais. Disponível em: <https://socialblade.com/youtube/top/country/br/mostsubscribed> Acesso em: 21 de fevereiro de 2018.

Vale ressaltar que o canal de Flávia Calina atualmente possui 4.846.752 inscritos e conta com 1.231 vídeos publicados até fevereiro de 2018¹⁶, números que crescem diariamente. Porém de acordo com Lana (2017), “as dificuldades para engravidar, a realização de uma fertilização in vitro e a série 30 coisas para fazer antes dos 30 anos marcaram a alteração editorial do canal.” (LANA, p. 1361, 2017).

O seu vídeo intitulado “Minha Fertilização In Vitro (vídeo completo)”¹⁷ publicado em 19 de maio de 2014, por exemplo, possui 1.489.419 visualizações, 36 mil “likes”, 626 “dislikes” e 1804 comentários¹⁸. Neste vídeo que tem duração de 32 minutos e 04 segundos, a vlogueira expõe sua experiência com a dificuldade de engravidar decorrente da Síndrome de Ovário Policístico (SOP), somado ao problema com os espermatozoides de seu marido que apresentava baixa qualidade morfológica dificultando a fecundação.

Didática, utilizando recursos de desenhos e relacionando links para maiores informações, Flávia Calina conta como foi todo o processo de tentativas de gravidez ao longo de sete anos e detalha as tecnologias de reprodução que o casal lançou mão.

Este apelo para a realidade com riqueza de detalhes, em geral, recruta pessoas que se identificam com o tema abordado pela/a vlogueiras/os gerando identificação e/ou repulsa de acordo com o tema/experiência trazido à tona através dos vídeos. Identificação representada nos comentários como o de uma espectadora:

Um belo dia eu estava em meio a tantas injeções, tanto medo e ansiedade... Era setembro de 2013, resolvi pesquisar no YT sobre FIV, e o primeiro vídeo que assisti foi esse!!!! Desde 2013 eu te acompanho, ainda não engravidei, descobri endometriose e já estou me preparando para uma nova tentativa. Como meu milagrinho ainda não chegou, eu sempre digo que encontrar VC e o seu canal foram as melhores coisas que a FIV me trouxe,

¹⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/results?search_query=fl%C3%A1via+calina> acesso em 21 de fevereiro de 2018.

¹⁷ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=hUWWEjI-qU&t=47s>> acesso em 21 de fevereiro de 2018.

¹⁸ Dados do dia de acesso: 21 de fevereiro de 2018.

talvez se eu não precisasse desse tratamento eu nunca teria conhecido vcs!!e como minha vida e minha mente mudaram através dos seus vídeos, como sua historia me inspirou a seguir em frente a cada exame Negativo... Já assisti todos os vídeos do seu canal, acompanho diariamente... comento pouco, mas resolvi voltar nesse aqui hoje e contar como vc é inspiradora!!! Amo vc, amo seus vídeos sua historia e sua linda família! Torcendo muito pro segundo Baby seu chegar logo, e quem sabe acompanhar junto com a sua a minha gestação. Espero que leia... Mil beijos!!!!¹⁹

Outros vídeos da vlogueira relacionados ao tema possuem engajamentos semelhantes e sua visibilidade a faz ter reconhecimento entre pessoas que compartilham de momentos semelhantes, ou ainda pessoas que estejam próximas a parentes ou amigas/os que estejam passando por essa situação. De acordo com Barros e Serpa Jr. (2017),

Esse contato no mundo virtual permite ao narrador a construção e/ou reconstrução de sua história, como também uma reafirmação de sua identidade social. Contar a própria história ou de outras pessoas é um meio de criar diálogos, promover autoconhecimento e permitir o compartilhamento de experiências atravessadas por traumas, medos, dúvidas de pessoas que enfrentam uma situação dramática. Construir histórias através do compartilhamento com seus pares pode contribuir na construção de uma história coletiva. (BARROS e SERPA JR., 2017, p. 882)

Essa construção de história coletiva nos aparece nos comentários de cada vídeo relacionado ao tema. Essa identificação pode ter explicação na formação de uma rede de solidariedade mediada pelo ambiente virtual que auxilia e estimula o compartilhamento entre pessoas que estão inseridas num mesmo contexto.

No YouTube a busca por palavras-chave que me oferecessem sugestões de canais e vídeos que pudessem se relacionar com o tema da pesquisa foi realizada, com as

¹⁹ As citações retiradas das notas de campo estarão em itálico ao longo do texto.

palavras-chave²⁰ abaixo, entre os dias 26 e 28 de fevereiro de 2018. Obtive os seguintes resultados:

- Infertilidade: 20 vídeos com o tema relacionado alcançando ao todo a soma de 1.197.785 visualizações. Em sua maioria, os vídeos eram de pessoas – mulheres em sua totalidade - contando sua experiência pessoal sobre a infertilidade sua ou a de seu parceiro. Desses 20 vídeos, 08 eram feitos por ou com especialistas no assunto que explicavam, dentre outras questões, as causas da infertilidade. Apenas 01 vídeo observado não fazia parte desse perfil – mulheres falando sobre sua infertilidade ou a de seu companheiro e especialistas falando sobre o tema -, esse vídeo trazia um estudioso do espiritismo que falava sobre a infertilidade sob a ótica religiosa.

- Reprodução Assistida: Dos 20 vídeos selecionados para análise, apenas 01 era feito sob a ótica pessoal – o já mencionado vídeo da Youtuber Flávia Calina “Minha Fertilização In Vitro (vídeo completo)” -, todos os demais traziam profissionais das mais diversas áreas – médicos, enfermeiros, advogados e biólogos - para falar sobre o assunto em vídeos, seja através de entrevistas, vídeos explicativos ou debates. Neste tema, observei que o assunto é trazido na plataforma de maneira menos espontânea e mais científica, sendo debatidas questões como direito da mulher, bioética e filosofia que eram relacionadas ao tema. A soma de visualizações dos vídeos deu a média de 562.778 *views*.

- Tentantes: Dos 20 vídeos selecionados para observação desse tema, todos eram feitos por mulheres compartilhando suas histórias como tentantes. Eles traziam dicas, indicações de práticas que facilitaria a concepção e possíveis erros que impossibilitaria a gravidez. Os 20 vídeos somaram a média de 1.181.559 visualizações.

Esse universo foi reduzido no intuito de viabilizar observação mais direcionada tendo sido observados os critérios de algoritmos oferecidos pela plataforma. Foram selecionados dois vídeos que têm grande número de visualizações e que correspondem às palavras-chave: infertilidade e reprodução assistida. Esses vídeos possuíam os

²⁰Na plataforma YouTube não encontrei nenhum vídeo que se relacionasse a palavra “ Cegonha” e o tema objeto de estudo dessa pesquisa.

seguintes dados, no dia da sua primeira observação, ou seja, no dia 27 de fevereiro de 2018²¹:

- Infertilidade: O vídeo que corresponde à busca pela palavra-chave infertilidade possui 49.619 visualizações e pertence a um canal que tem 46.210 inscritos tendo sido publicado no dia 02 de abril de 2017.

- Reprodução Assistida: o vídeo relacionado a essa palavra-chave possui 1. 493.627 visualizações e pertence a um canal que possui 4. 884.511 tendo sido publicado no dia 19 de maio de 2013.

Um dos vídeos selecionados²² para análise é parte de uma série de 04 vídeos. O primeiro, aqui analisado, tem 22 minutos e 37 segundos de duração e traz a narrativa sobre as dificuldades para engravidar vivida pelo casal. Ele foi publicado no dia 02 de abril de 2017.

Ao iniciar o vídeo a vlogueira diz que ela e seu marido pensaram muito antes de publicar o vídeo por trazer uma condição muito íntima do casal, mas que mesmo assim haviam considerado a importância de fazer o vídeo no intuito de passar informações no intuito de “encorajar muita gente e desmistificar as coisas” (sic).

Apesar de a todo instante a youtuber se referir em segunda pessoa do plural – nós, a gente – ela aparece sozinha descrevendo suas descobertas, dificuldades, medos, frustrações e, finalmente a gravidez de gêmeos através de fertilização in vitro – FIV.

No primeiro vídeo, a vlogueira relata sobre as primeiras tentativas de engravidar, seus exames e o resultado de azoospermia do seu marido, que ocorre quando o sêmen não tem nenhum espermatozoide, sendo uma causa de infertilidade masculina. No entanto, por volta dos 16 minutos e 13 segundos, a vlogueira justifica ter encarado a situação como um problema do casal, sendo um “problema nosso” (sic).

Vargas, Moás e Seixas (2016) afirmam que no que tange às relações de gênero, comumente, os homens não tomam pra si a responsabilidade pela ausência involuntária de filhos, tendo em vista que “os homens em geral não estão sujeitos a uma avaliação

²¹ Conforme lógica adotada pelas plataformas esses dados são frequentemente atualizados.

²² O outro vídeo trata-se do já mencionado vídeo de Flávia Calina, motivo pelo qual me ative à análise do vídeo referente à palavra-chave “Infertilidade”.

psicológica” (VARGAS, MOÁS E SEIXAS, 2016, p. 69), estando a mulher exposta com mais frequência a questionamentos sobre seus reais desejos e sobre o fator psicológico que estariam no rol dos fatores de infertilidade.

Os comentários dos vídeos no momento da observação²³ estavam desativados, tendo em vista a constante atualização da plataforma digital, motivo pelo qual decidi por não optar por realizar a etnografia mais aprofundada nessa plataforma. No entanto, em sua narrativa, a vlogueira traz sua intenção de auxiliar outras pessoas com suas experiências.

Tais observações comprovaram as hipóteses anteriores a respeito da utilização das redes sociais como forma de promover e/ou encontrar identificação mútua, fortalecendo assim a afirmação de que a partir das narrativas expostas pelas vlogueiras, provocam a criação de uma rede de solidariedade e troca de informações, mensagens motivacionais e auto identificação.

1.5.2. Facebook

O Facebook é conhecido por ser uma mídia social de ampla utilização entre os brasileiros. De acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia – PBM - de 2015, o Facebook era a mídia social mais utilizada entre as/os respondentes da pesquisa²⁴. Segundo a pesquisa, 83% de quem utilizava internet, respondeu que essa seria a mídia mais acessada, ficando à frente do Whatsapp²⁵. Nesse sentido, o Facebook é uma importante mídia social pela massificação do seu uso e acesso frequente entre as pessoas que utilizam a internet como meio de acesso a informações.

Essa rede social, criada em 2004, caracteriza-se pela pessoalidade. Trata-se de uma página que traz informações sobre as/os usuárias/os e permite o compartilhamento de fotos, vídeos e opiniões em linhas do tempo (*timelines*), que compilam as postagens

²³Observação dia 25 de abril de 2019.

²⁴ Na última atualização dessa pesquisa em 2016, não constava esse dado.

²⁵ Rede de troca de mensagens instantâneas.

públicas de usuárias/os relacionados ao perfil²⁶. O perfil individual de cada usuária/o é composto de amigas/os, e pessoas públicas/lugares/produtos/grupos fechados e abertos que foram associados à sua conta ao longo do seu uso.

O Facebook tem ainda espaços de agrupamentos de interesse e discussões, isso ocorre em geral em grupos criados por usuárias/os e que visam aglutinar outras pessoas que comunguem das mesmas ideias, fatos e situações. Nestes grupos é comum encontrar fóruns de discussões sobre determinado tema, em que os participantes interagem entre si com informações, debates e troca de experiências. De acordo com Barros e Serpa Jr. (2017):

Os usuários de uma mídia social geralmente compartilham algo em comum – pessoal ou profissional – com os demais membros da rede, com convivência apenas no espaço virtual ou também no espaço real. Mas o cerne dessas conexões é que as pessoas escolhem participar de redes que agrupam pessoas de hábitos, características ou condições semelhantes às suas. (BARROS; SERPA JR., 2017, p. 872)

Esse reconhecimento de pessoas com experiências e desejos em comum pode criar uma rede de ajuda mútua através de grupos específicos sobre enfermidades, situações adversas e necessidade de empoderamento, motivo pelo qual os autores supracitados estudaram um grupo de Facebook sobre pessoas que ouvem vozes e que se utilizam deste ciberespaço – o grupo Intervoice – para compartilhar suas vivências, se informar e fornecer/receber apoio de seus pares.

No mesmo viés, busquei grupos do Facebook que pudessem me oferecer informações sobre pessoas com ausência involuntária de filhos, para tanto, realizei o mapeamento inicial, conforme metodologia já mencionada. Nesse sentido, obtive os seguintes resultados de acordo com as palavras-chave utilizadas nessa pesquisa:

- Infertilidade: Os 20 grupos encontrados agregavam cerca de 8.560 usuárias/os em trocas de informações, experiências e mensagens sobre o tema abordado. Parte dos grupos vinculados a esse tema traziam as causas de suas infertilidades, ou seja, foi muito comum encontrar grupos que relacionavam a síndrome de ovários policísticos e/ou miomas como causas da infertilidade;

²⁶ De acordo com a política de segurança da plataforma, há configurações que permitem que a postagem possa ser visualizada por amigos específicos, para todos os amigos, para os amigos dos amigos e também postagens públicas, que permite que qualquer usuário que não tenha acesso a determinado perfil, visualize a postagem marcada como pública.

- Reprodução Assistida: Os grupos que foram filtrados pela plataforma Facebook, além de terem sido poucos, apenas 04 grupos, todos eles se relacionavam com profissionais e especialistas da área de reprodução assistida, sendo um deles com a configuração “grupo fechado” trazia um questionário que perguntava à/ao pretendente a ingresso no grupo sobre os motivos de solicitação para participar daquele grupo e se a pessoa, que no caso era eu, era especialista na área.

Na mensagem de apresentação do grupo, era enfatizado:

Este grupo destina-se EXCLUSIVAMENTE a perfis pessoais de profissionais de saúde e estudantes de áreas relacionadas à Reprodução Humana Assistida. [...] Aqui, esperamos discutir artigos científicos e notícias sobre infertilidade, doenças associadas e técnicas terapêuticas, bem como divulgar cursos, trocar experiências e ideias sobre o cotidiano da assistência. Por favor, se você não é profissional de saúde ou estudante de áreas relacionadas à Reprodução Humana Assistida, pedimos a gentileza de não solicitar participação.²⁷

Não obtive o aceite desse grupo para participação, mesmo tendo me apresentado como mestrande de antropologia que teria interesse na pesquisa sobre Reprodução Assistida. Avalio que minha participação foi rejeitada e/ou ignorada pelas/os moderadores deste grupo por eu não pertencer à área de saúde.

- Cegonha: encontrei poucos grupos que tivessem relação com a temática do meu estudo, encontrei apenas 05 grupos em que o nome cegonha estava relacionado à condição de ausência involuntária de filhos e, mesmo assim, todos os 05 não eram exclusivamente de pessoas nesta condição já que todos eram destinados a mães, grávidas e tentantes, conforme sinalizado em seus nomes.

- Tentantes: Foram encontrados muitos grupos com essa temática, sendo selecionados os 20 que tinham mais de 10 membros, metodologia adotada para todos os demais grupos. Os 20 grupos selecionados reuniam em média 50.700 membros.

²⁷Trecho extraído da mensagem de apresentação do grupo.

Conforme já explicado elenquei 04 grupos que se destacaram nas buscas pela ferramenta da própria plataforma. A escolha pela maior quantidade de grupo deu-se pela amplitude e abrangência que estes grupos poderiam oferecer à pesquisa. Portanto, os grupos escolhidos pertenciam às seguintes palavras-chave e possuíam, no dia da sua primeira observação²⁸ os seguintes dados:

- Infertilidade: Foram escolhidos 02 grupos que correspondem a essa palavra-chave, ambos tratam sobre doenças que são causas de infertilidade, são elas, endometriose e miomas. Os grupos têm 20 mil e 10 mil participantes, respectivamente.

- Tentantes: Para essa palavra-chave foram selecionados 02 grupos no intuito de abranger a diversidade que essa palavra-chave indica para essa rede social. Sendo assim, um deles trata de tentantes, mães e grávidas, representando assim a transitoriedade a que havia me referido anteriormente que esta condição oferece, tendo este 112 mil membros e o outro grupo trata de pessoas que tiveram perda gestacional, comumente referidas nesses espaços como “mães de anjo”, este grupo possuía 7.300 membros.

Busquei nesses grupos, espaços para divulgação do formulário *online*, na tentativa de encontrar interlocutoras/es, porém em nenhum dos grupos fui aceita como pesquisadora, restringindo minha participação apenas como alguém que compartilha com aquelas mulheres situações semelhante que as delas.

A não-resposta e até mesmo as negativas de participar desses espaços como pesquisadora, trouxe à tona a complexidade de relações que operam essas redes de solidariedade, tematizando as questões de gênero, com a necessidade de resguardar intimidades e segredos, ainda que sejam naqueles espaços restritos compartilhados. Sobre esse aspecto, eu me debruço no capítulo 2.

1.5.3. Instagram

O Instagram é caracterizado por ser uma rede social virtual disponível para aplicativos móveis do sistema Andróid ou IOS (Apple) que permite aos usuários o compartilhamento em tempo real de fotos associadas a textos que comumente são sucedidos de palavras-chave conhecidas como *hashtag*(#). Segundo Almeida; Coelho

²⁸Dia 26 de fevereiro de 2018.

et. al (2018) “hashtags são marcações utilizadas para criar determinada discussão e agrupar todas as discussões que fazem uso dessa marcação, provenientes de diferentes fontes (perfis), em ordem cronológica” (ALMEIDA; COELHO et.al, 2018, p.126). Sendo assim, as *hashtags* funcionam como marcadores que permitem outros usuários a localizar determinado conteúdo que é agrupado de acordo com as palavras definidas pelas *hashtags* que são antecidas pelo símbolo #.

Essa mídia social passou a ser associada pelos chamados “influenciadores digitais” e/ou empresas institucionais para a divulgação de serviços ou produtos a serem consumidos pelo público, que geram engajamento em suas postagens através de curtidas, comentários, repostagens e marcações/recomendações de outras pessoas as quais os estudiosos em marketing e publicidade chamam de boca a boca. De acordo com Almeida; Coelho et. al (2018) “em função de suas características sociais e colaborativas, redes sociais virtuais são espaços perfeitos para a prática do boca a boca eletrônico, na forma de conversas e recomendações on-line” (ALMEIDA; COELHO et.al, 2018, p. 120), esse boca-a-boca facilita a venda de produtos e a influência por meio de marcas e oferta de serviços.

Assim, o engajamento seria a medida do relacionamento entre as/os seguidoras/es e as postagens de cada perfil, semelhante ao que acontece com o YouTube e Facebook. Através dos algoritmos a plataforma associa as curtidas, os compartilhamentos, comentários e marcações para medir o nível de engajamento que um perfil tem.

Embora essa rede social esteja amplamente associada ao consumo, é comum encontrar perfis que se relacionem com temas diversos, como perfis de pessoas que experimentam a ausência involuntária de filhos. Nesse sentido, adotando a metodologia traçada para esta pesquisa, mapeei perfis que estivessem conectados com o interesse dessa pesquisa.

Assim como no YouTube, eu também possuo uma conta no Instagram, chamada “pesquisa_tentantes” como forma de possibilitar a minha rede de interação junto a pessoas que compartilhavam as suas experiências de ausência involuntária de filhos. O meu perfil possui 1078²⁹ seguidores e 452 postagens, dentre as quais eu compartilhava

²⁹ Dados do dia 03 de março de 2018.

parte do meu cotidiano de estudos, experiências com médicos e mensagens motivacionais. Após o encerramento da conta no YouTube, fiz uma postagem explicando as motivações do encerramento das minhas postagens pessoais e o redirecionamento do perfil para objeto de pesquisa.

O mapeamento dessa rede social foi realizado no mesmo formato das demais: utilizando a ferramenta de busca da própria plataforma para filtrar os perfis que se relacionassem com o tema de pesquisa, com as palavras-chave: Infertilidade, Reprodução Assistida, Cegonha e Tentantes. Nesse filtro pude perceber que os perfis relacionados a clínicas e médicos são mais comuns quando conectados à palavra Reprodução Assistida e que os demais possuíam um caráter mais pessoais de compartilhamentos sobre o dia a dia de pessoas, todas mulheres, tentantes ou ex-tentantes. Assim, o resultado do primeiro mapeamento resultou na seguinte observação:

- Infertilidade: 08 perfis foram encontrados com a palavra-chave relacionada que somavam o total de 4.647 seguidores;

- Reprodução Assistida: Foram encontrados 04 perfis com essa palavra-chave os quais 03 eram de clínicas especializadas e/ou de médicos especialistas no tema. Apenas 01 perfil não trazia qualquer informação de sua existência, nem possuía postagens, o que dificultou a análise específica;

- Cegonha: Ao contrário das outras duas mídias sociais, essa palavra-chave no Instagram possuía maior relação entre o nome “cegonha” ao ato de tentar ter filhos, numa alusão à ideia metafórica de que a ave traz o bebê para seus pais a partir da lenda escandinava que foi difundida pelos contos do dinamarquês Hans Christian Andersen (1846). Nessa plataforma, encontrei 20 perfis com a palavra-chave relacionada à ausência involuntária de filhos, somando o total de 33.908 seguidores;

- Tentantes: Foram encontrados 20 perfis relacionados a essa palavra-chave com a soma total de 57.963 seguidores. Com essa palavra-chave, um dos perfis sugeridos pelo Instagram foi o meu “pesquisa_tentantes”.

Os dois perfis selecionados para acompanhamento mais próximo foram perfis associados às seguintes palavras-chave:

- Cegonha: O perfil selecionado possui 21.100 seguidores e 732 postagens³⁰.
- Tentantes: O perfil selecionado tem 30.400 seguidores e 790 postagens.

No entanto, na segunda fase da pesquisa, em que eu solicitei a permissão de realizar a observação participante nas postagens e interações, apenas o perfil da Cegonha me permitiu acesso, motivo pelo qual precisei redirecionar para buscas de outros perfis.

Por esse motivo realizei nova busca no intuito de encontrar algum perfil de uma tentante que ainda não havia engravidado, tendo em vista que os perfis que eu seguia em grande parte as mulheres haviam migrado da condição de tentantes para mãe. Encontrei a Tentante, que autorizou minha pesquisa e que possuía os seguintes dados³¹:

- 60 publicações
- 726 seguidores

Foram observados nessa rede social, os tipos de postagens, seus conteúdos, as informações e de que maneira o público reage através dos comentários. Para que eu pudesse acessar e entender as interações, mapeei os comentários em números e conteúdos. Passei a denominá-las de acordo com a palavra-chave da busca, ou seja, Cegonha e Tentante, com a finalidade de dificultar a identificação de seus perfis, ainda que eu estivesse consciente de que não impossibilitaria por completo tal identificação, conforme problematizado sobre as implicações éticas numa pesquisa etnográfica.

Realizei a observação de 103 postagens da Cegonha e 21 postagens da Tentante. O quantitativo reduzido das postagens da Tentante ocorreu em decorrência deste perfil ter sido criado mais recentemente, havendo proporcionalmente menor quantidade de postagens que a Cegonha que tinha à época da primeira observação 732 postagens.

A transitoriedade imposta na pesquisa me levou a ajustes metodológicos para que eu pudesse realizar as observações em universos que me possibilitasse o acompanhamento das interações nas postagens das usuárias do Instagram. Motivo pelo

³⁰ Dados do dia da primeira observação, ou seja, dia 26 de fevereiro de 2018.

³¹ Dados do sai 02 de agosto de 2018.

qual optei por solicitar a observação do perfil da Tentante, ainda que a busca não tenha sido sugerida pelos algoritmos e sim por eu já segui-la no perfil da pesquisa.

Como método de análise, foram escolhidas categorias que permitiram a observação de acordo com a temática das postagens, através de classificações. Sendo assim foram categorizadas as postagens de acordo com o quadro abaixo:

QUADRO DE DADOS SOBRE POSTAGENS NA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

PERFIL	VIDA PESSOAL (VP)	MENSAGENS MOTIVACIONAIS (MM)	INFORMAÇÕES OU TRATAMENTOS MÉDICOS (ITM)	INFORMAÇÕES SOBRE SUA CONDIÇÃO ENQUANTO TENTANTE (IT)	DESABAFO (D)	QUESTÕES RELIGIOSAS (QR)	OUTROS (O)
CEGONHA	22	1	7	7	22	3	43
TENTANTE	1	5	6	1	0	7	1

Figura 9: Quadro I - Dados de categorização das postagens do Instagram.

Fonte: Freitas (2019)

As postagens de cada interlocutora apresentaram o seguinte panorama:

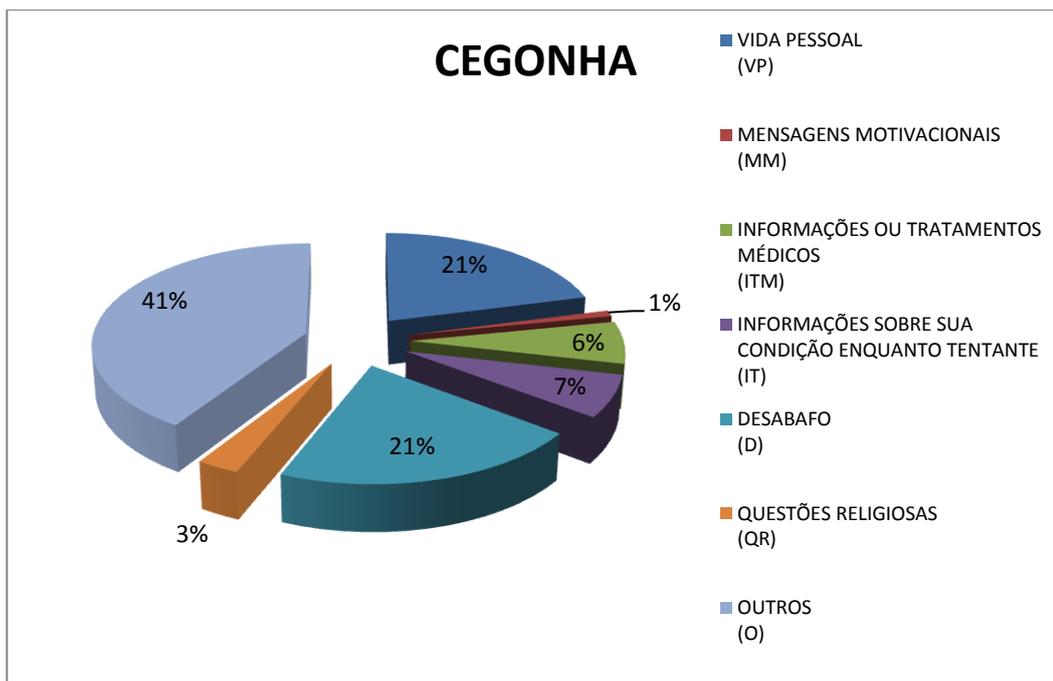


Figura 10: Gráfico VII - Categorias das postagens da interlocutora Cegonha

Fonte: Freitas (2019)

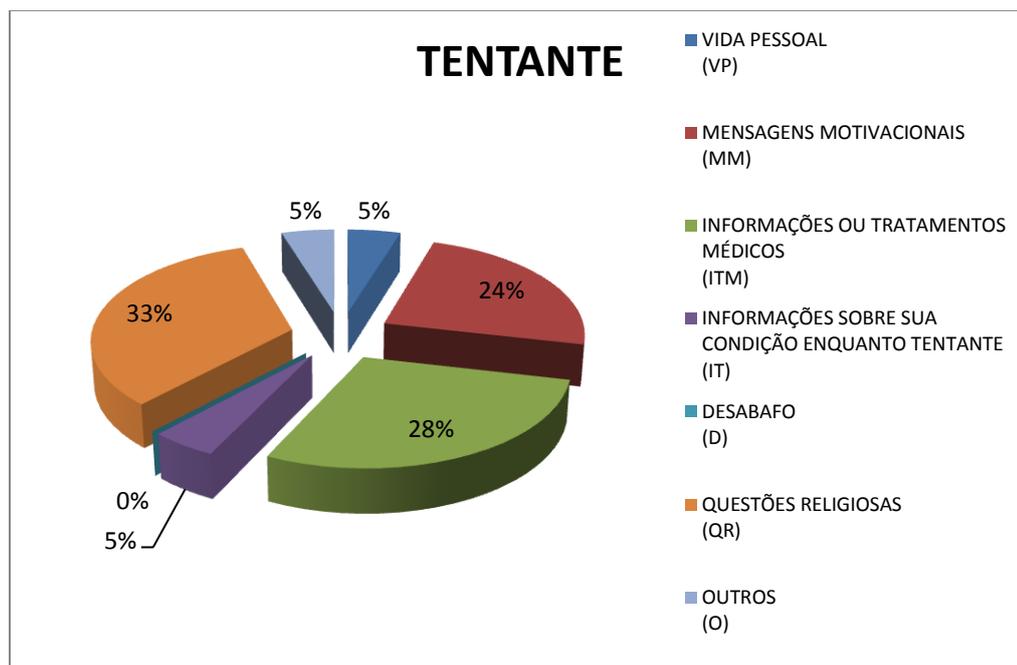


Figura 11: Gráfico VIII - Categorias das postagens da interlocutora Tentante

Fonte: Freitas (2019)

Vale destacar a incidência da categoria “Outros (O)” para o perfil da Cegonha. Isso se deve ao fato de que a interlocutora comumente utilizava uma narrativa descontraída e criativa para tratar do tema, sempre ‘conversando’ com uma cegonha,

aguardada por ela a mesma fazia perguntas e brincava, de forma lúdica e até mesmo poética, com o fato de não ter sido escolhida para a entrega do bebê pela cegonha³².

Outra questão que merece destaque é a ênfase dada nas postagens para a “Vida Pessoal (VP)” e para “Desabafo (D)” da Cegonha, o que demonstra que a interlocutora utilizou o Instagram para refletir sobre seu momento e compartilhar com suas seguidoras a intimidade, as oscilações, os medos e as angústias da vida de tentante.

Já o perfil da Tentante traz um caráter religioso, sendo comum a postagem pela interlocutora de passagens bíblicas e as (poucas)³³ interações nas suas postagens, têm o mesmo cunho. Outro fator que despertou interesse foi a modificação das narrativas da interlocutora a partir da postagem 11, onde a Tentante passou a realizar postagens mais especializadas, tratando sobretudo de Gestações Ectópicas, tipo de gestação que inviabiliza a concepção dada a impossibilidade do desenvolvimento da gravidez, que em geral ocorre nas trompas de falópios, mas também pode ocorrer nos ovários ou até mesmo na cavidade abdominal.

Segundo a interlocutora, ela teve 02 (duas) Gestações Ectópicas, motivo pelo qual, suas postagens traziam esse foco em algumas de suas postagens. A partir dessas postagens notei a linguagem ultraespecializada a que a Tentante lançava mão quando se referia à categoria Informações e Tratamentos Médicos(ITM).

Essa modificação de narrativa confirma a análise de Pereira Neto et. Al (2015) quando se referiram sobre o paciente informado, ou seja, “alguém que se sente inteirado sobre sua condição de saúde, devido ao acesso e à troca de informações e à experiência derivada do convívio com a doença” (PEREIRA NETO et. Al, 2015, 1655).

Essas informações mediadas pela internet possibilitou ao paciente um empoderamento acerca da sua condição de saúde, tratamento de enfermidades entre outras, interferindo assim na relação médico/paciente. Essas interações se refletem na reconfiguração do poder biomédico.

³²A análise mais aprofundada das postagens e interações está em capítulo específico.

³³ Essa pouca interação deve-se ao fato do perfil ser recente, logo, com menos seguidoras, as interações são menores que as interações de um perfil com muitos seguidores.

Por outro lado, as mensagens motivacionais, que em geral são trazidas com imagens e textos de cunho religioso, permitem a formação de uma rede de ajuda mútua que vê a superação de uma determinada condição, no caso a condição impeditiva de ter filhos, com otimismo (PEREIRA NETO et. al, 2015, 1661), ainda que esteja sobre o corpo da mulher a pressão de sucesso para a concepção.

As observações ocorreram cronologicamente da mais antiga para a mais recente, e para marcá-las como lidas eu curti a mensagem e printava³⁴ a tela, tabulando-as com as categorias já referidas, sempre as numerando. Essa metodologia me permitiu a contextualização das vivências das interlocutoras conforme suas descobertas, seus questionamentos e os avanços em seus tratamentos para engravidar.

Essa cronologia se refletiu também nos engajamentos em interações das seguidoras, quanto mais seguidoras alcançadas, maior interação. Num dado momento das narrativas, as seguidoras passavam a ser chamadas de Instamigas e, particularmente nas postagens da Cegonha, pareciam compartilhar com a interlocutora, suas intimidades, frustrações e conquistas.

Esta pesquisa focou nas narrativas dessas duas interlocutoras, assim como nas interações das suas postagens no Instagram que tem a característica principal o compartilhamento de imagens e fotos instantâneas.

Navegar nesse campo me fez deparar com desafios metodológicos que me instigaram a pensar sobre os limites dos usos de dados pessoais, ainda que compartilhados em redes sociais, em pesquisas etnográficas. Ainda que largamente disponíveis com apenas um clique, ao longo da pesquisa me perguntei: é ético utilizar esses dados sem autorização? Tais desafios me colocaram à frente de discussões éticas e conceituais para que eu pudesse definir os métodos dessa pesquisa, essas reflexões me conduziram à negativas de acesso e dificuldades de inserções.

A imersão no universo das redes sociais me possibilitou o entendimento de que esta pesquisa se trata, sobretudo das interações que elas promovem para a construção de redes de solidariedades, que seria a junção do que entendi por redes de sociabilidade (SIMMEL, 1983) e de biossociabilidade (ROSE e RABINOW, 2006).

³⁴Printar a tela é uma expressão utilizada para designar a utilização do PrintScreen como forma de tirar um retrato da tela.

Foi por esse motivo que centrei a pesquisa nas interações promovidas pelos dois perfis escolhidos no Instagram, Cegonha e Tentante, sendo esta mídia social, juntamente com a colaboração das interlocutoras em permitirem meu acesso às suas postagens e interlocuções, que possibilitaram o aprofundamento da observação nessas trocas.

Entre tentativas frustradas de inserção em campo, redirecionamentos metodológicos, reflexões e definições de conceitos, estive comumente à frente de questões que emergiam do entendimento social sobre construção do desejo por filhos, padrões de gênero, centralidade no corpo feminino; segredos, intimidades e tabus. Temas estes que pretendo me debruçar no capítulo que se segue.

2. CAPÍTULO: ESPREITANDO INTIMIDADES? OS SEGREDOS, TABUS E CÓDIGOS INTERNOS EM REDES SOCIAIS.

2.1. Entre o segredo e a exposição

Como visto no capítulo anterior, as redes sociais são conhecidas pelo compartilhamento de opiniões, vivências e de experiências pessoais. É muito comum, porém, que este compartilhamento seja encarado como exposição, no sentido de que a pessoalidade em que caracteriza essas interações virtuais, muitas vezes escancara realidades íntimas.

Alguns autores estudando reprodução assistida buscaram entender por que a vivência de quem recorre a essas tecnologias de reprodução é envolta em segredo (ALLEBRANDT, 2008; ALLEBRANDT, MACEDO, 2007; CORRÊA, 2001; COSTA, 2002; RAMÍREZ-GÁLVEZ, 2009). Naara Luna (2007) ao realizar pesquisa em clínicas especializadas em tecnologias reprodutivas, afirmou que a manutenção de segredo por parte de casais que acessam tratamentos que envolvem reprodução assistida decorreria do caráter estigmatizante que utilizar essas tecnologias traria ao casal.

A estigmatização³⁵ pode ser atribuída à expectativa socialmente construída de que um casal só se afirma enquanto família a partir da presença de um filho. Essa expectativa social se confirma quando da escolha por não ter filhos ou ainda quando da impossibilidade de concepção, tendo em vista que, ainda que velada, a presença de um filho é socialmente esperada. Para Vargas, Moás e Seixas (2016) a espera por um filho é “um evento social tido como ‘natural’ a ser concretizado em algum momento da trajetória de um casal” (VARGAS, MOÁS, SEIXAS, 2016, p. 56).

Portanto, a não concepção torna-se um desvio para o reconhecimento de um casal enquanto família, sendo, portanto, o inesperado no contexto de um casal. Desde o primeiro bebê de proveta na Inglaterra em 1978, até o século XXI, as tecnologias de reprodução assistida têm ganhado espaço no debate jurídico, biomédico e no campo das ciências sociais sobre parentalidade, concepção e construção do desejo por filhos.

³⁵ Ver GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*, Rio de Janeiro, Editora LTC, 1988 [1963].

Ainda que essas tecnologias de reprodução assistida estejam sendo cada vez mais utilizadas para novas constituições familiares, como monoparentais e entre casais homossexuais, essas tecnologias biomédicas têm protagonizado a realização de desejos por filhos, perpassando pela idealização do patrimônio genético, atravessada por perspectivas de gênero, parentais e conjugais, o que torna o processo de submissão às práticas de reprodução assistida um tanto quanto individualizada e fruto de uma intimidade personalizada (ZELIZER, 2011, p.159).

A fertilização *in vitro* (FIV) tem sido uma das técnicas mais difundidas neste campo, esse procedimento consiste na fecundação do óvulo e do gameta em laboratório para posterior transferência ao útero. Os óvulos são estimulados por meio de aplicação hormonal no corpo da mulher para uma superprodução que viabiliza a punção cirúrgica destes óvulos para fecundação *in vitro* com gametas colhidos, sejam de doadores ou de pretendentes.

Essa superprodução de óvulos para o aumento da possibilidade de sucesso em produzir maior quantidade de embriões colocou a reprodução assistida no centro do debate das ciências sociais, a partir do seu aspecto econômico. Débora Allebrandt (2018; 2019) chamou a atenção para a lógica bioeconômica que envolve essa maximização da eficiência (ALLEBRANDT, 2018, p. 117) para produção de embriões a partir de um superestímulo ovariano. Para a autora:

É a estimulação ovariana que permite a maximização do capital biológico, pois com a produção de mais óvulos é possível produzir mais embriões e aumentar as chances de sucesso na transferência de embriões a cada ciclo. Nesse sentido, antes do embrião, a substância que está sendo produzida e almejada com maior capital ou “biovalor” são os óvulos. (ALLEBRANDT, 2019, p. 10)

Nesse artigo, a autora realiza uma análise sobre as construções discursivas biomédicas por meio de produções científicas em torno da infertilidade focada predominantemente no corpo feminino, a despeito da comprovação de que casos de infertilidade masculina figuram cerca de 60% das causas de infertilidade.

Segundo Allebrandt (2019), apesar do desenvolvimento de tecnologias de reprodução assistida, poucas intervenções são focadas no corpo masculino, e só em 1992 a comunidade científica encontrou o que seria a solução para a infertilidade masculina, a Injeção intracitoplasmática de espermatozoide – ICSI.

Amparada pelas análises de Emily Martin (1991) em crítica à romantização figurativa em que óvulo e espermatozoide estariam em condições estanques de reprodução de gênero, Allebrandt (2019) desenvolve sua crítica sobre estas representações e agenciamentos de gêneros.

Em outro artigo, a autora problematizou as implicações bioéticas sobre os usos, descartes, doações e criopreservação de embriões fertilizados a partir das técnicas de RA, baseando-se da análise histórica de legislações brasileiras e de outros países que se pretendem regular o destino dos embriões e pré embriões excedentes produzidos a partir da FIV.

Em sua análise, Allebrandt (2018) chama a atenção para os agenciamentos desses embriões que são tematizados “ora [como] família, linhagem; ora [como] entulho; ora matéria-prima para o futuro.” (ALLEBRANDT, 2018, p. 135) a depender do espaço temporal em que este embrião está inserido. Vale salientar que de acordo com o 7º Relatório do Sistema Nacional de Produção de Embriões (SisEmbrio)³⁶ cerca de 25% dos casos não logram êxito quando transferidos para o útero, configurando-se uma técnica de alto custo e risco de insucesso.

Somado a isso, não é incomum recair sobre a mulher a responsabilização pelo fracasso do resultado negativo. Vargas, Moás e Seixas (2016) examinando as narrativas em torno da psicologização e subjetividades que circunda a espera pelo filho entre casais que estão no processo de tentativas de reprodução assistida, consideraram que a incorporação de discursos biomédicos sobre fatores psicológicos como determinantes

³⁶ Dados no site http://portal.anvisa.gov.br/resultado-de-busca?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&_101_struts_action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_101_returnToFullPageURL=%2Fresultado-de-busca%3Fp_p_id%3D101%26p_p_lifecycle%3D0%26p_p_state%3Dnormal%26p_p_state_rcv%3D1%26_101_struts_action%3D%252Fasset_publisher%252Fview_content%26_101_type%3Ddocument%26_101_assetEntryId%3D3355969&_101_assetEntryId=229530&_101_type=content&_101_groupId=219201&_101_urlTitle=relatorio-revela-numeros-sobre-reproducao-assistida-em-2013&redirect=http%3A%2F%2Fportal.anvisa.gov.br%2Fresultado-de-busca%3Fp_p_id%3D3%26p_p_lifecycle%3D0%26p_p_state%3Dmaximized%26p_p_mode%3Dview%26_3_groupId%3D0%26_3_keywords%3Dreprodu%25C3%25A7%25C3%25A3o%2Bassistida%26_3_struts_action%3D%252Fsearch%252Fsearch%26_3_redirect%3D%252Fresultado-de-busca%253Fp_p_id%253D101%2526p_p_lifecycle%253D0%2526p_p_state%253Dnormal%2526p_p_state_rcv%253D1%2526_101_struts_action%253D%25252Fasset_publisher%25252Fview_content%2526_101_type%253Ddocument%2526_101_assetEntryId%253D3355969&inheritRedirect=true acesso em 16 fev. 2019.

para o insucesso da concepção reitera a pressão sobre o corpo feminino, já medicalizado e estigmatizado por não ser capaz de reproduzir.

Ainda buscando compreender essa estigmatização, Pedro Nascimento (2011) trouxe à tona a questão da masculinidade para tentar buscar respostas sobre o papel do homem que acessa tais tecnologias de reprodução. Em sua pesquisa, ele identificou nas falas dos homens incertezas, dúvidas e vergonha.

Estes aspectos acentuam o segredo envolto das práticas de RA, além da necessidade de reflexões éticas sobre o posicionamento de uma/um pesquisadora ao se inserir num campo que requer o sigilo de dados, identidades e, muitas vezes, histórias que compõem a narrativa do acesso a essas práticas reprodutivas.

Vagner Gonçalves da Silva (2015) ao discorrer sobre “os segredos do escrever e o escrever dos segredos” (SILVA, 2015, p. 133) definiu o acesso a segredos através do campo etnográfico como componentes de relações de poder imanentes, afirmando que, “o segredo opera como uma estrutura de termos de significação variável que se definem por oposição e contraste, em meio às relações de poder e concorrência existentes (...)” (SILVA, 2015, p. 134).

Valpassos (2013), por sua vez, tencionou o acesso a segredos através de histórias de vidas a partir de entrevistas quando da realização de uma pesquisa que se pretende qualitativa em temáticas que envolvem segredo e intimidade, como foi o caso de sua pesquisa que discorria sobre o aborto³⁷.

O autor refletiu sobre suas dificuldades em ser um homem pesquisando sobre o tema e o segredo que requer a concessão de entrevistas sobre o assunto, tendo em vista que no Brasil a prática do aborto não é somente ilegal, mas também prática prevista de punição pelo código penal. Para ele,

Ao narrar os eventos, meus entrevistados estavam rompendo as barreiras do segredo, mas isso acontecia de um modo relativo, pois embora o sigilo fosse quebrado, ele o era de um modo em que havia,

³⁷No Brasil o aborto é proibido, exceto situações específicas. Segundo Débora Diniz (2003), “Há excludentes de penalidade em casos de estupro (aborto sentimental) e risco à vida da mulher grávida (aborto terapêutico)” (DINIZ, 2003, p.15). De acordo com o Supremo Tribunal Federal desde 2012 é permitido o aborto em caso de feto anencéfalo.

ao menos teoricamente, a garantia de anonimato dos protagonistas das histórias narradas. Tal como o divã do psicanalista, a entrevista com o antropólogo tinha por trás de si a garantia de manutenção do segredo. (VALPASSOS, 2013, p. 471)

No caso da minha pesquisa, o rompimento da barreira do segredo é interposto por veículos de comunicação virtual que pressupõem redes de conectividades que vão além de entrevistas, método este que não lancei mão, mas que mesmo assim previam a ambiguidade entre intimidades reveladas versus manutenção de segredos.

Importante destacar que a intimidade que se revela nessa pesquisa é mediada por serviços médicos que dispõem de mecanismos próprios de manutenção de sigilo e nesse sentido, essa poderia ser a pista para o entendimento do segredo envolto nos tratamentos de reprodução assistida.

A corporeidade presente nos contextos biomédicos de tratamentos para reprodução se revela aqui como elemento fundamental para a compreensão da dimensão social e cultural (LE BRETON, 2007 [1953], p. 07) que requerem sigilos e códigos éticos bem desenvolvidos, uma vez que, em linhas gerais, estão centrados no corpo feminino e sobre eles há performances de melhoramentos a partir da biomedicalização e das tecnologias de RA, conduzidas à concepção.

Sendo assim, por se relacionar diretamente com o corpo, invólucro social da intimidade dos indivíduos, a confidencialidade é premissa básica de tais procedimentos em clínicas de fertilização.

Além disso, todo esse complexo de relações entre concepção, reprodução e ‘insucessos’ no papel de um casal para atender às expectativas de parentalidade e de gênero, tendo em vista a pressão social exercida sobre o corpo da mulher como potencial gerador de outros indivíduos, reforçam que este tema remete a tabus, intimidade e incertezas.

Viviana Zelizer (2011), ao trabalhar com a questão dos cuidados íntimos e transações econômicas, trouxe à tona a dicotomia entre confidencialidade e domínio público, ao se referir a relacionamentos íntimos como potenciais agentes monetários para contestações judiciais de testamentos e/ou regulações trabalhistas de cuidadores, afirmando que tais questões envolvem uma gama de “relacionamentos, interações e intenções” (ZELIZER, 2011, p. 171).

Tal dicotomia a que chama atenção na pesquisa de Zelizer (2011) poderia ser transposta para lançar luz sobre a aparente “divulgação nociva de informações confidenciais” (ZELIZER, 2011, p. 172) quando do uso das redes sociais para o compartilhamento das experiências desses atores enquanto tentantes.

A despeito do tabu envolto no tema, a troca de informações íntimas é veiculada nas redes sociais específicas de mulheres (vide capítulo 1) que estão tentando engravidar, parecendo muitas vezes, borrar os limites entre o público e o privado. Sendo assim, “o corpo, lugar do contato privilegiado com o mundo, está sob a luz dos holofotes.” (LE BRETON, 2007 [1953], p. 11).

Essa suposta reconciliação entre segredo e revelação de experiências corporais marcadas por estigmatizações sociais me provocou o interesse pela agência quase que subversiva da intimidade e suas facetas em códigos internos de manutenção de segredos.

Ainda que as minhas posicionalidades em campo e a convivência nesses grupos como partícipe pudessem me colocar numa posição privilegiada de compreensão, foi no intuito de entender como se formavam essas redes virtuais de compartilhamento e solidariedades envolvidas nesse contexto que realizei o mapeamento das redes sociais conforme detalhado no capítulo anterior.

No processo de inserção no campo, me deparei com a primeira constatação mais evidente da pesquisa: a existência de códigos internos que resguardava segredos e a intimidade das participantes nas redes sociais. Foi o que ocorreu nas tentativas de realizar a pesquisa sobre as interações em quatro grupos do Facebook.

Após seleção dos grupos, a segunda etapa previa contato com as moderadoras destes explicando sobre a minha pesquisa e sobre o meu interesse em interagir, como pesquisadora, naqueles grupos. Após várias tentativas de contato, todos os 04 grupos negaram minha entrada como pesquisadora, mesmo que eu fosse membro como participante. Essa negativa me instigou a pensar que o fato da recusa e a ausência de respostas em me permitir ingressar no campo seriam um dado interessante dessa pesquisa.

Miller e Slater (2004) afirmaram que “a etnografia compreende um leque de canais metodológicos [...] que permitem que emergjam não só conhecimentos mais

profundos como também conhecimentos que não confirmam as observações iniciais” (MILLER e SLATER, 2004, p. 44). Essa relação foi constatada por mim quando considerei que realizar uma etnografia virtual em grupos de Facebook entre pessoas com ausência involuntária de filhos inicialmente me parecia oferecer um acesso fácil.

Vale ressaltar que essa suposição inicial ocorreu pela posição que eu ocupava no início da minha investigação: uma pessoa que tinha passado pela experiência da ausência involuntária de filhos em decorrência de perdas gestacionais e em trânsito por redes sociais específicas, posição esta que não me conferiu possibilidade de inserção, conforme aprofundarei na sequência.

No entanto, navegar por esse campo me fez refletir sobre a posição que ocupo enquanto pesquisadora, mulher e feminista³⁸ e tendo um corpo marcado por experiências que me aproximam das interlocutoras que desejava ter, na tentativa de compreender como essas redes de compartilhamento são formadas, a partir da construção do desejo por filhos que perpassa pelo entendimento de padrões de gênero e parentesco.

2.2. Desejo por filhos, reprodução e suas falhas.

A construção do desejo por filhos - (THOMPSON, 2005; STRATHERN, 1995, 2014 [1999]; CÔRREA, 1997; RAMIREZ, 2009; ALLEBRANDT, 2007, 2015; NASCIMENTO, 2007, 2011, 2013) - nos moldes ocidentais dos séculos XX e XXI perpassa pela constante associação entre fertilidade e felicidade (abundância, saúde).

A ideia de felicidade associada à fertilidade aparece na pesquisa de Marilena Côrrea (1997) quando a autora analisa os elementos discursivos midiáticos em torno das tecnologias de reprodução assistida. Em seu artigo, a autora constatou que para os interlocutores “a Reprodução Assistida estaria, assim, oferecendo a realização de sonhos de natureza muito diversa (...)” (CÔRREA, 1997, p. 85). Nesse sentido, o desenvolvimento das tecnologias de reprodução assistida seria “considerada uma

³⁸Feminista aqui é utilizado no sentido do alinhamento às ideias do movimento político feminista associado às leituras no campo epistemológico que consolida a antropologia feminista no Brasil. Ver Bonetti(2009).

inovação bem-vinda e capaz de trazer felicidade para muitas pessoas que sofrem com problemas de fertilidade.” (CÔRREA, 1997, p. 94).

Associar fertilidade com felicidade seria a pista para compreendermos como é construído o desejo por filhos, mediado por noções sobre gênero e parentesco na sociedade ocidental, onde estão sendo produzidas técnicas conceptivas cada vez mais sofisticadas.

Martin (1991) utilizou a imagem biológica do óvulo (representado como grande e passivo) e do espermatozoide (descrito como ágil e ‘dinâmico’) para desconstruir um discurso cientificista de dominação masculina no processo de reprodução e, conseqüentemente, o reforço de padrões de gênero que implica na imagem do papel da mulher como reprodutora. Segundo a autora, “by extolling the female cycle as a productive enterprise, menstruation must necessarily be viewed as a failure.” (MARTIN, 1991, p. 482).

Se por um lado a menstruação representa o fracasso da reprodução feminina, por outro, textos científicos exaltam a produção de espermatozoides, a espermatogênese, com entusiasmos não lidos nas representações femininas de descrição do seu processo reprodutivo. Assim, a espermatogênese representaria a vida, a menstruação a morte na tentativa frustrada de um óvulo que não fecundou, desperdiçando assim uma reserva que a mulher já traria desde o nascimento (Martin, 1991).

No entanto, segundo a autora, além de tratar-se de momentos distintos no processo reprodutivo, a ideia de “desperdício” dos gametas feminino e masculino é traduzida pela comunidade científica de maneira muito distinta, sendo a mulher quase que totalmente responsável pelo desperdício desse ‘banco natural de gametas’. De acordo com Martin (1991),

But the word "waste" implies an excess, too much produced. Assuming two or three offspring, for every baby a woman produces, she wastes only around two hundred eggs. For every baby a man produces, he wastes more than one trillion (10¹²) sperm. (MARTIN, 1991, p. 489)

Assim, as representações científicas sobre óvulo e espermatozoide estariam mediadas por construtos culturais desses eventos. Para Martin, “the more common picture-egg as damsel in distress, shielded only by her sacred garments; sperm as heroic warrior to the rescue-cannot be proved to be dictated by the biology of these events.” (MARTIN,

1991, p. 491). Essas metáforas científicas reforçariam imagens de gênero definidas a partir da dominação masculina.

A ideia de desperdício de substâncias genéticas e corporais foi também trabalhada por Allebrandt (2018) quando a mesma fez a reflexão sobre o descarte de embriões fertilizados em laboratórios e os discursos em torno do excedente de embriões produzidos em clínicas de fertilização.

Nessa perspectiva, a substância – embrião – é metaforizada como “entulhos” a serem criopreservados até a decisão do casal para o descarte, doação para outras fertilizações ou doação para pesquisas científicas. Segundo a autora, “é nesse deslocamento temporal que os embriões podem ser tratados como “descartáveis”, já que estão associados a “sonhos do passado” e não a um projeto presente” (ALLEBRANDT, 2018, p. 132).

Esses agenciamentos em torno do embrião provoca a flexibilização do mesmo conforme sua posição temporal, transitando entre o passado, presente e futuro (ALLEBRANDT, 2018, p. 129) em pleno deslocamento de suas valorações.

Em comunicação oral na Associação Brasileira de Estudos Sociais das Ciências e Tecnologias – Esocite- em 2017, Allebrandt contextualizou e tencionou a participação masculina no contexto da Reprodução Assistida, considerando a grande ênfase das intervenções biomédicas no corpo feminino e pouco engajamento e participação masculina nestas intervenções, a despeito da causa, muitas vezes, estarem relacionadas à baixa qualidade do esperma masculino.

Na menstruação esse deslocamento valorativo se traduz no entendimento de que o desperdício seria a representação do fracasso reprodutivo do corpo feminino e a perspectiva temporal estaria ancorada na ideia da reserva finita de óvulos em contraposição com a perenidade dos gametas masculinos.

Nessa perspectiva, Manica (2011) em “A desnaturalização da menstruação: hormônios contraceptivos e tecnociência” problematizou as concepções de corpo e gênero a partir da análise da obra do médico Elsimar Coutinho “Menstruação, a sangria inútil” (1996), que, em defesa de anticoncepcionais hormonais femininos, compara a menstruação com as sangrias terapêuticas para demonstrar a suposta ineficácia da menstruação.

Com esse paralelo, Coutinho argumenta que a menstruação é o insucesso da reprodução, “sendo prática ineficaz, desnecessária, e também perigosa, como a sangria”. (MANICA, 2011, p. 208-209). Na análise da autora, essas comparações trazidas por Coutinho são fruto de uma construção simbólica que reinterpreta o debate entre natureza e cultura para indicar que o corpo feminino é programado para a gravidez e que a falta dela, geraria um efeito, indesejado segundo a tese do médico, que seria a menstruação.

Num trabalho mais recente, Manica, Goldenberg e Asensi (2018) problematizaram a utilização de células menstruais para o desenvolvimento de células tronco. Em contraponto com a supervalorização de células embrionárias oriundas de outros tecidos corporais, como da medula óssea, a utilização das células derivadas de sangue menstruais –CeSaM – é tida como potencialmente mais barata, menos invasiva, abundante e auto renovável para a produção de pesquisas. Mesmo assim, as pesquisas que utilizam células do sangue menstrual ainda encontram entraves significativos. Segundo as autoras,

No caso das CeSaM, ela [*a origem celular*]³⁹ é reiterada pela utilização dessa abreviatura que, assim como o processo de purificação/isolamento, atenua o peso da proveniência de um tecido marcado por gênero e sexualidade: sangue menstrual vira o sufixo “SaM” que sucede aquilo que de fato importa nesse contexto, o “Ce” das células. (MANICA, GOLDENBERG & ASENSI, 2018, p. 102)

Nesse trabalho, mais uma vez, a substancialidade da menstruação é vista como perigosa e pouco valorizada a partir de percepções pessoais, relatadas pelas autoras, que remetem a nojo, abjeções e ficam praticamente restritas a pesquisadoras mulheres⁴⁰. Essas percepções, segundo as autoras, decorrem desse substrato estar marcado por “gênero e sexualidade” (MANICA, GOLDENBERG & ASENSI, 2018, p. 107) o que reverbera na recusa por parte da comunidade científica em considerar essas células como células modelo para uso em pesquisas tecnocientíficas.

Tais expressões, metáforas e jocosidade que é remetida à menstruação, apareceram frequentemente nas narrativas de uma das interlocutoras do Instagram, a

³⁹ Grifo meu.

⁴⁰ De acordo com Manica, Goldemberg e Asensi (2018), apenas um homem passou pelo laboratório para o estudo sobre células tronco a partir das células menstruais.

Cegonha⁴¹. Nas postagens em que a mesma anuncia a chegada da menstruação, Cegonha personifica a menstruação, como alguém inconveniente, indesejada e até má por supostamente não “gostar de criança” (*sic*), conforme um dos trechos da sua narrativa:

Acompanhando por aqui, várias instamigas estão no final do ciclo então, que tal uma linda surpresa? Que tal chegar logo⁴² na casa de alguma para evitar a chegada de uma outra criatura que adora dar as caras neste período? Sabe, amiga, descobri que esta criatura a qual me refiro, sem nenhum carinho, não gosta de bebês, de crianças, nem menino, nem menina, mesmo que seja o mais Calminho de todos. Então, então, então... se você aparecer antes, além de presentear alguém com este lindo pacotinho, vai espantar para sempre aquela abusada senhora. Quer dizer, pelo menos por nove meses!!⁴³

Nas interações de sua postagem, outras usuárias da rede social corroboram com a representação da menstruação como uma pessoa inconveniente que chega sem ser convidada, evidenciando a visão da menstruação como o fracasso (e até mesmo desperdício), de um ciclo fértil para procriação. Como é o caso de uma das instamigas⁴⁴ da Cegonha:

⁴¹ Conforme destacado no capítulo 1, Cegonha é o pseudônimo que utilizarei para uma das minhas interlocutoras, conforme critérios detalhados e problematizados anteriormente.

⁴² A interlocutora interage com o que ela chama de amiga cegonha, neste trecho ela pede para que a cegonha chegue logo à casa de suas instamigas, ou seja, que a cegonha “entregue” o bebê antes da vinda da menstruação, que representa tentativas frustradas de gravidez no ciclo.

⁴³ As notas de campo, assim como as narrativas das interlocutoras, serão destacadas em itálico para diferenciar a narrativa das discussões trazidas pelo texto.

⁴⁴ Instamigas é uma categoria êmica utilizada entre as pessoas que interagem no Instagram.

Dona cegonha to na espera já to no meu 31dc⁴⁵ e nada daquela criatura então a senhora pode passar aqui em PE⁴⁶ q me ajuda muito.

A referência da menstruação como “criatura”, é frequente entre as postagens da Cegonha e os comentários de suas instamigas. Em outra postagem que tem um mulher coberta de sangue (foto 1), Cegonha fala sobre os danos físicos e psicológicos que a “criatura” traz para sua vida.



Figura 12 - Foto do filme “Carrie, a estranha”, usada pela interlocutora para ilustrar a publicação da Cegonha

Fonte: Postagem Cegonha (2015)

Na sua narrativa a Cegonha descreve os incômodos trazidos pela menstruação:

Cada vez que ela chega, causa milhares de transtornos físicos e psicológicos. (...) Se espalha por tudo. Isso me causa muitos problemas. (...) Isso sem falar na cólica, dor de cabeça, vontade

⁴⁵Dc representa a abreviatura de Dia do Ciclo, nessa narrativa a “instamiga” da Cegonha revela que seu dia de ciclo já passou dos 28 dias, considerado, em boa parte das mulheres, como o tempo de um ciclo para outro acarretando na menstruação, que é a escamação do endométrio para o início de um novo ciclo menstrual.

⁴⁶PE sigla para o estado de Pernambuco.

de devorar tudo... Bem, em relação aos danos psicológicos, nem preciso te explicar né?! São mais de três anos desejando que ela me esqueça.

Uma de suas instamigas reforçou: *Por aqui ela* 🤬🤬⁴⁷ *tb já deu as caras esse mês... tá difícil hein.(...).* Outra aconselhou: *Amiga, despacha essa desagradável pra bemmmm longe da sua casa!!! Se precisar de ajuda me chama! E vai com tudo para o projeto #buchudanonatal (...).* A Cegonha respondeu para esta última da seguinte

forma: *Amiga querida, essa criatura é muito abusada e fico* 🙄 *quando ela chega!!! Mas assim que ela bater a porta vou dar Adeus! E, sem seguida, parto com tudo para o nosso projeto #buchudanonatal.*

Essa postagem, que teve 75 comentários e 141 curtidas, reforça que a menstruação é vista como indesejada e o resultado das tentativas frustradas de gravidez. É interessante notar que a menstruação personificada nos diálogos acima parece ser externa, quase independente do corpo das interlocutoras em interação, com agência própria e indesejada pelas mulheres que interatuam nas postagens. O desperdício que frustra as frequentes tentativas de engravidar representado pela chegada da menstruação é evidenciado nessa postagem em que Cegonha afirma:

Como se, em cada ciclo, cada vez que a menstruação aparece, tenho que me dirigir novamente ao ponto de partida e esperar o sinal da largada. E aí tenho que saltar os novos exames, as novas tentativas, as opiniões de especialistas, sem esbarrar nas frustrações, sem deixar que a ansiedade me ultrapasse.

A interlocutora recebeu 14 comentários com mensagens motivacionais como “*vai sim se Deus quiser chegamos lá*”, outra seguidora informou: “*A cegonha pediu pra eu te dizer que você está fazendo tudo certinho e que ela está preparando algo especial*”

⁴⁷ Optei por manter aqui os desenhos inseridos nas postagens. Esses desenhos ou figuras são conhecidos como emoji por ser um meio de comunicação comum nas redes sociais que expressam sentimentos, reações e representações emocionais para o meio virtual.

pra você (...)”; e a outra instamiga afirmou: *“Adorei! Vamos com fé. Tenho certeza que nossa hora vai chegar!”*.

Essa “falha” no sistema reprodutivo a que representaria a menstruação é reificada nas frustrações demonstradas nas interações entre as instamigas, sendo seus corpos um obstáculo a ser vencido para que o ciclo fértil repercuta na procriação.

Esse discurso se reflete nos textos científicos da biomedicina, que Emily Martin (1991) chamou atenção ao declarar que “medical texts describe menstruation as the “debris” of the uterinelining, the result of necrosis, or death of tissue. The description simply that a system hasgoneawry, making products of no use, not to specification, unsalable, wasted, scrap” (MARTIN, 1991, p. 486)

Martin chama a atenção para como o processo reprodutivo feminino é retratado nos ambientes científicos como finito, ou seja, desde o nascimento a mulher traz consigo uma reserva de óvulos que será utilizada ou desperdiçada ao longo da sua etapa reprodutiva que acaba definitivamente com a menopausa. A ideia de material genético inútil e desperdiçável se reflete ainda nas crenças populares de abjeções e frustrações ao deparar-se com a menstruação.

Já a espermatogênese, que seria a produção quase que interminável de espermatozoides, é celebrada nos textos científicos como reflexo de produtividade infinita, uma fonte renovável de vida. Sendo assim, enquanto os homens são produtivos e renováveis no que tange à reprodução, as mulheres teriam um tempo determinado para reproduzir e menstruar seria então o descarte de possibilidades, improdutivas e ainda desperdiçáveis.

Allebrandt na comunicação oral que realizou na Esocite 2017, problematizou a crença científica de que um só espermatozoide basta para realizar a fertilização in vitro. A partir da constatação científica recente de que os espermatozoides, assim como os óvulos, envelhecem e perdem sua eficiência, Débora Allebrandt discorre sobre os discursos construídos em torno dos corpos feminino e masculino, em que o corpo feminino seria reiteradamente retratado como obstáculo para o processo reprodutivo.

As metáforas utilizadas pela interlocutora e suas instamigas parecem amenizar as frustrações, angústias e raivas que a menstruação representa no âmbito das tentativas

de engravidar, delegando à menstruação um papel de inconveniência já que ela é a personificação da tentativa frustrada da reprodução.

Por outro lado, muitas vezes a função masculina nas narrativas do Instagram subverte a lógica da suposta passividade feminina no processo reprodutivo, como numa narrativa em que Cegonha afirmou: *se eu fizer tudo direitinho, acertar o dia e meu marido o alvo (...)*.

Nessa afirmação a Cegonha coloca-se como agente principal no processo reprodutivo, relegando ao marido a função de “acertar o alvo”. No entanto, o óvulo é representado como um alvo a ser acertado, remetendo assim à construção imagética de Emily Martin (1991) onde o óvulo seria passivo à espera da agilidade dos espermatozoides para a sua fecundação, fato este reafirmado nas interações dessa postagem em que se seguiram 32 comentários com afirmações sobre o dia do ciclo menstrual, dias de treinos, que é uma categoria nativa para prática de sexo, e informações sobre período fértil, como no seguinte comentário:

Então vai mais uma, dia 02! Ta meio em cima, mas ta valendo! Gente! Vocês não acham melhor garantir treinando de manhã e de noite!? Não me parece que esses dias intercalados, e uma vez só sejam assertivos!!!! Achei que era mais fácil engravidar.

A esse comentário a Cegonha comentou “*eu sempre intercalo os dias (...)*”. Aqui as mulheres demonstram conhecimento sobre seus ciclos, os dias de fertilidade e os dias previstos para chegada da menstruação caso não haja a fecundação, demonstrando certo protagonismo frente ao processo reprodutivo, tendo em vista as estratégias que lançam mão para que o sexo resulte na gravidez.

A despeito desse suposto protagonismo das mulheres, as representações sociais dos processos de reprodução femininos e masculinos denotam soberania do homem sobre a mulher, sendo reiterado quando da disfunção desse sistema, ou seja, quando a ausência de filhos não torna possível a representação desses papéis pré-estabelecidos: a mulher que gesta (o alvo) e o homem que procria (quem deve acertar o alvo). Tal constatação é evidenciada em pesquisas sobre reprodução assistida, como por exemplo, na pesquisa de Charris Thompson (2005).

Thompson (2005) coordenou aspectos técnicos, científicos, sociais e econômicos para analisar o que ela chamou por “coreografia ontológica” (THOMPSON, 2005, p. 9) das dinâmicas das clínicas e de Reprodução Assistida (RA). Para a autora, as tecnologias de RA marcariam a tendência das pessoas em transformarem problemas sociais em questões biomédicas.

Por esse, motivo, o desejo por filhos estaria ligado a uma necessidade de adequação social que faria parte de uma normalização seletiva marcada por questões sobre parentesco nos EUA, país no qual a autora realiza sua pesquisa.

A noção de parentesco no contexto estadunidense foi um marco na pesquisa sobre família e parentesco na antropologia. David Schneider (2016 [1968]) trabalhou a questão de sangue e aliança para entender como a noção de parentesco está localizada nas unidades de regras culturais trazidas na conjuntura norte-americana.

O autor identificou que família para os norte-americanos “é uma unidade cultural que contém um marido e uma esposa que são mãe e o pai de seu filho/filha ou filhos” (SCHNEIDER, 2016, p. 45). Nesse sentido, por compartilharem o material genético dos seus genitores, os filhos seriam a chave que modificaria o status de um casal para uma família.

Numa postagem da Cegonha, a interlocutora publicou a imagem (foto 2) de uma mesa de jantar posta, com um boneco de Santo Antônio, que representa um santo requisitado para quem deseja casar. O boneco segurava um bebê e a interlocutora chamou a atenção para o fato de haver um bebê na conjuntura do casamento, o que pode ser uma ilustração da dimensão simbólica de que os filhos seriam determinantes para que o casal possa ser socialmente reconhecido como família.



Figura 13: Imagem de um jantar com um boneco de Santo Antônio segurando um boneco menor que representaria um bebê

Fonte: Postagem Cegonha (2015)

Na postagem Cegonha comenta: *Ah, resolvi, em função da data, homenagear Santo Antônio e coloquei um boneco dele, que guardo do meu casamento em local de destaque na mesa. Aí eu pergunto a você: o que ele está segurando? Por favor, responda, o que, o que?* Suas instamigas reiteram: *“vai pra lá cegonhaaaaa!!!”*; *“calma aí que esse baby tá a caminho”*.

Para Schneider, o filho carregaria o patrimônio genético do casal, sendo a aliança transmutada para o sangue, carregada pelo filho. Sobre a dimensão simbólica do patrimônio genético em processos de reprodução assistida, Ramírez-Gálvez (2011) chamou a atenção para o condicionamento das escolhas por características biogenéticas que possibilitasse a identificação entre pais e filhos.

No entanto, a difusão das tecnologias de RA, desloca a noção de parentesco na sociedade ocidental, já que a partir de técnicas como a FIV que preveem doação de gametas, de óvulos e gravidez de substituição, tornou-se possível, por exemplo, que uma mulher seja mãe biológica, mesmo sem ter gestado, ou seja, com tais técnicas há a “fragmentação do papel materno” (LUNA, 2007, p. 181).

Em “Dando apenas uma força à Natureza? A cessão temporária de útero: um debate sobre tecnologia e sociedade” Marilyn Strathern (2014 [1998]) expõe o debate sobre a cessão de útero para gestar uma criança geneticamente associada a outro casal, buscando na história dos países anglo-saxões como se deu o entendimento da sub-rogação. Segundo ela:

A sub-rogação seria a mãe que subsequentemente obtém o filho nascido de outra mulher. Mas na visão inversa, codificada pelo dicionário, era o uso popular já entrincheirado, pois o uso popular estava determinado a fazer de outro jeito. (STRATHERN, 2014[1998], p. 475)

A sub-rogação, portanto, seria um processo de significação em que a maternidade “real” estaria fundamentada. Com essa análise, a autora nos traz a definição de parentesco híbrido, em que as sociedades euro-americanas estariam conduzindo as inovações tecnológicas para transformarem “ora como auxiliar da natureza, ora como auxiliar da sociedade” (STRATHERN, 2014[1998], p. 485) a depender das significações emanadas das relações entre subrogadas e mães “verdadeiras”.

Em outro estudo, Strathern (1995) argumenta que as novas tecnologias de reprodução afetaram as noções de parentesco, conseqüentemente de indivíduo tendo em vista a construção social de cada indivíduo a partir da concepção, a mulher que vira mãe, o homem que vira pai etc. Nessa perspectiva, a autora problematiza a relação entre natureza e tecnologias reprodutivas para refletir a compreensão de parentesco presente na sociedade euro-americana.

Essa compreensão sobre parentalidade e reprodução tem repercussões na sociedade brasileira tal qual nas anglo-saxãs, sobretudo, como já apontado, a partir da difusão das tecnologias de RA. Essa compreensão é mediada por mecanismos de controle que na maioria das vezes recaem sobre o corpo feminino. Vargas, Moás e Seixas (2017), afirmaram que:

No que tange à Reprodução Humana, nesses mecanismos reguladores velados por uma demanda de auxílio ao tratamento médico, a fertilidade se inscreve em uma norma de gênero que incide sobre o corpo feminino. (VARGAS, MOÁS e SEIXAS, 2016, p. 65)

É no corpo da mulher a centralidade da regulação e medicalização, ainda que o homem esteja presente na cena reprodutiva e, conforme ponderam as autoras “há

invisibilidades neste sentido” (VARGAS, MOÁS E SEIXAS, 2016, p. 65), porém é sobre o corpo feminino que incide a responsabilidade das intervenções mais invasivas num processo de fertilização, como, por exemplo, a superestimulação hormonal e a punção ovariana.

Thompson (2005) reitera o entendimento de que as discussões em torno da infertilidade e seus tratamentos estão fortemente ligadas à noção da família nuclear, heterossexual e a frequente culpabilização da mulher como responsável pela infertilidade, aspecto que tem provocado interesse no debate sobre o tema pelas feministas.

Como visto o desejo por filhos frequentemente atende noções hegemônicas de papéis sociais de gênero, parentesco e família ocidental que pressupõe a noção de família nuclear, ou seja, a tríade pai-mãe-filho, noção esta evidenciada no trabalho de Schneider (2016 [1968]).

A noção de família nuclear confirma também o que Strathern (2014[1998]; 1995) trouxe para definir a ideologia de parentesco euro-americano, ou seja, na identificação biogenética reificada através de tecnologias de reprodução, onde o parentesco seria visto como circunstância natural do nascimento, ainda que haja a cessão temporária de útero.

A constante culpabilização da mulher em tentativas frustradas de procriação e no suposto desperdício causado pela menstruação, demonstra que os esforços de desessencializar o papel da mulher ligado à maternidade, parece surtir efeitos muito tímidos. Foi com a intenção de entender como se manifesta esse papel da mulher em atuação em grupos de Facebook que tentei imergir nesse campo.

2.3. Estratégias de controle da privacidade nas redes sociais e os limites da pesquisa

Como é sabido, a pesquisa etnográfica é um espaço de constante negociação, essa necessidade de negociar a entrada num campo específico, tarefa conferida às/aos

antropólogas/os, já foi largamente discutida como uma tarefa nem sempre simples de ser realizada, vide relatos clássicos como os de Evans-Pritchard (1973)⁴⁸.

Na pesquisa etnográfica essa negociação pressupõe relações de poder implícita ou explicitamente localizadas. Para tanto, considero importante citar Pedro Nascimento em “Desafios na Trajetória de uma pesquisa sobre a produção do desejo de filhos” (2013) ao chamar a atenção para “a dimensão do poder presente na pesquisa etnográfica e a necessidade de encará-lo não apenas como um empecilho, mas como constituinte da prática etnográfica” (NASCIMENTO, 2013, p. 129).

No processo de negociações para ingresso nos quatro grupos de Facebook eleitos como espaços profícuos para minha investigação, eu me deparei com a minha primeira frustração de expectativas iniciais, demonstrando para mim um dado interessante sobre uma das questões que me despertava interesse: por que as pessoas expõem suas condições íntimas em espaços virtuais compartilhados? A resposta pra mim vinha com outro questionamento: será que elas expõem tanto assim?

As minhas tentativas de inserção naqueles grupos virtuais como pesquisadora, iniciaram com as solicitações de participação nestes grupos. Para minha surpresa, todos os grupos tinham questionários iniciais que deveriam ser submetidos às moderadoras⁴⁹ daqueles espaços que solicitavam informações sobre meu interesse de ingresso, mostrando-se restritos às pessoas que não se encaixavam no perfil de participantes, alguns de forma mais explícitos, outros menos.

A minha surpresa deu-se em decorrência de que esses questionários se apresentaram para mim como um instrumento novo de controle para o ingresso em grupos de Facebook, tendo em vista as constantes atualizações dos aplicativos de redes sociais com o objetivo de garantirem maior privacidade das usuárias. Essas dinâmicas

⁴⁸EVANS-PRITCHARD, Edward. Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. 2ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

⁴⁹ Moderadoras de grupos de Facebook são pessoas que ficam com a responsabilidade de manter as discussões do grupo em conformidade com as regras fixadas no mural desses espaços, no sentido de “moderar” as discussões. Essas pessoas são, em geral, as criadoras dos grupos e/ou convidadas pelas criadoras. Em todos os grupos a totalidade dessas pessoas responsáveis eram mulheres, motivo pelo qual utilizo o termo no feminino. Nos grupos havia mais de uma moderadora, porém, o que ficou evidente é que apenas uma delas, que comumente eram referidas como as responsáveis pela criação do grupo, tomavam as decisões.

repercutem na constatação de que as privacidades em redes sociais estão sendo negociadas e transformadas a todo instante.

Em todos os grupos, essas perguntas iniciais previam a identificação da requerente (no caso, eu) com a dificuldade biomédica que seria empecilho para gravidez ou a condição específica relacionada com o grupo, como ser “mãe de anjo”⁵⁰ ou ser “tentante”⁵¹.

Apesar de ter participado de alguns grupos de Facebook quando eu era tentante, em nenhum dos quatro que selecionei para a pesquisa eu cheguei a participar à época. Portanto, a minha solicitação de ingresso naqueles grupos era totalmente nova pra mim, tendo em vista que naqueles eu nunca havia transitado antes.

Por esse motivo, tive que solicitar minha entrada, primeiro como participante, para posteriormente solicitar às moderadoras a realização da pesquisa, a divulgação do formulário *online* e a observação das interações. Consegui ingressar, como integrante dos grupos, pois eu atendia aos critérios pré-estabelecidos e fixados nos murais e/ou nas caixas de diálogos que eram abertas antes de responder os questionários em cada grupo. Sendo assim, como eu atendia a todos os pré-requisitos solicitados nos grupos, meus ingressos nesses grupos como participante foram prontamente aprovados. Sobre tais respostas aos formulários, destaquei no diário de campo a seguinte questão:

Hoje realizei minhas primeiras solicitações de participação em grupos de Facebook para que eu possa realizar a pesquisa. Nos 04 grupos selecionados, todos solicitaram informações sobre meu interesse de ingresso, mostrando-se restritos às pessoas que não se encaixavam no perfil, alguns de forma mais explícita, outros menos.

No primeiro grupo, o formulário perguntava se eu era portadora de endometriose, amigo ou familiar, profissional de

⁵⁰Mães de anjo é uma categoria êmica que se refere a mulheres que engravidaram e tiveram perdas gestacionais ou bebê natimorto, assim o feto ou bebê abortado ou natimorto seriam os anjos dessas mulheres.

⁵¹Tentantes, conforme definição prévia, em geral são mulheres estão ‘tentando’ ter filhos com ou sem o uso de tecnologias reprodutivas e que podem estar vivenciando a ausência involuntária comumente associada a infertilidade.

saúde ou nenhuma das alternativas, esta última teria que ter especificação. Escrevi um pequeno texto sobre a minha intenção de pesquisa para meu ingresso.

No outro grupo, o formulário tinha 05 perguntas dentre as quais, declaração de conhecimento das regras de funcionamento do grupo, as regras traziam proibições explícitas de acesso para quem não fosse do sexo feminino, perfis de casais e perfis sem fotos.

O terceiro grupo me colocou diante de uma questão ética interessante, no formulário havia perguntas sobre a minha experiência enquanto tentante, dentre elas a quanto tempo eu era tentante. Eu tive dúvidas sobre como responderia a essa pergunta, já que eu não estou mais tentando engravidar, mas ao mesmo tempo acumulei experiência nesse campo pessoal, respondi que estava zero (0) na esperança de ser aceita no grupo, mesmo que eu tenha passado pelo menos 01 ano como tentante. Avaliei mais honesto informar sobre meu momento atual, em que não sou mais tentante.

O último grupo me fez 03 perguntas todas relacionadas à perda gestacional, sendo a última a declaração de ciência em estar preenchendo os pré requisitos para ingresso no grupo.

A experiência de responder aos questionários me remeteu ao lugar de fala⁵² que ocupo, tendo um corpo marcado por experiências com as quais eu compartilhava com as participantes daqueles grupos de Facebook.

Essa identificação com o campo me levou a pensar que ocupar a posição de pesquisadora naqueles espaços não apresentaria maiores dificuldades, conforme destaquei entusiasmada no relato de campo a seguir:

⁵² Para maior aprofundamento ver RIBEIRO, Djamilia. O que é lugar de fala Coleção: Feminismos Plurais. Ed. Pólen, 2017.

Lendo um texto de Donna Haraway em que ela fala sobre explicações do mundo real e da relação social de conversa carregada de poder, me veio um insight sobre a relação que começo a estabelecer com minhas possíveis interlocutoras, sim, até agora todas mulheres... Que a minha relação de poder é compartilhar com elas experiências de perdas e tentativas, e sim, isso está dotado de poder. A identificação que elas têm com parte da minha história me confere uma espécie de passagem livre (ou fluída) aos espaços estabelecidos como canais de comunicação. O lugar de fala que ocupo deixa (ou parece deixar) a relação menos incômoda entre pesquisadora e pesquisada. Compartilhar histórias semelhantes às delas me parece oferecer um lugar de fala mais direto. Eu como uma delas (?).

De fato à primeira vista, esse meu otimismo parecia ser óbvio, não fosse o campo repleto de nuances exatamente dotado de poder conforme reflete Donna Haraway (1995). Para a autora, “explicações de um mundo “real”, assim, não dependem da lógica da “descoberta”, mas de uma relação social de “conversa” carregada de poder” (HARAWAY, 1995, p. 37).

Foi acreditando que essa minha suposta “passagem livre” por haver identificação com a realidade vivenciada por aquelas mulheres me conferiria um poder que o próprio campo me destituiu no decorrer da pesquisa, deixei escapar a percepção de que essa relação de “poder” não seria tão óbvia para as pretensas interlocutoras. Mas foi diante dessa constatação que minha pesquisa se aproximou da pesquisa feminista. De acordo com Strathern (2009),

Falar sobre “paradigmas” é parte de um esforço consciente para estabelecer um novo objeto de estudo. O que pode não ser tão conscientemente alterado, irei argumentar, é a natureza da relação dos (as) pesquisadores (as) com seu objeto de pesquisa que as práticas investigativas particulares criam. Devemos procurar a constituição social das práticas feminista e antropológica. (STRATHERN, 2009, p. 93)

Buscar o entendimento na relação entre antropologia e feminismo, foi decisivo para que eu reorientasse a pesquisa para quebrar paradigmas pré estruturados tanto em torno do entendimento prévio (e superficial) que eu tinha sobre redes sociais, quanto da identificação de que a negação da minha passagem por aquele campo me trazia vários elementos sobre intimidade e segredo.

Embora Donna Haraway se referisse no trecho mencionado na nota de campo à questão da objetividade reclamada pela ciência masculinizada, esse “poder instrumental” (HARAWAY, 1995, p. 16), a autora desmistifica a necessidade do feminismo em se enquadrar numa doutrina objetivista.

Foi justamente a negação da minha participação como pesquisadora naqueles grupos que me permitiu o entendimento prático do que a autora chamou por “saberes localizados”. De acordo com Haraway a “objetividade feminista trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto” (HARAWAY, 1995, p. 21).

Entender o silêncio ou até mesmo as negativas de acesso como traduções de modos específicos de perceber-se naqueles contextos trazidos pelos grupos de Facebook, ao mesmo tempo em que me destituía de um ‘poder’ que eu supus ter (por compartilhar com aquelas mulheres modos de vida semelhantes), me permitiu questionar até que ponto a exposição que tanto caracteriza as redes sociais, era destituída de controles internos.

Sobre a objetividade corporificada feminista, Haraway (1995) chamou a atenção para a importância de serem privilegiadas a contestação, a desconstrução, as conexões de rede e a esperança na transformação dos sistemas de conhecimento e nas maneiras de ver. (HARAWAY, 1995, p. 24). Com o auxílio desse entendimento, fui redirecionando o meu olhar para o que aquela ausência de resposta me trazia de novo que pudesse ser capaz de uma avaliação crítica daquela realidade.

Em contato com uma moderadora que havia sido referendada pelas demais como a única capaz de dar uma resposta sobre o meu ingresso naquele grupo como pesquisadora ela me respondeu: *Não te devolvi uma resposta porque a maioria votou não [para minha entrada no grupo como pesquisadora] e estou tentando reverter essa resposta.*

Não obtive mais respostas desde então, porém, a palavra votação me chamou atenção para a estrutura aparentemente muito bem organizada desses grupos. O que pra mim ficou evidente nesse diálogo foi que, embora houvesse uma pessoa responsável, não era ela quem tomaria as decisões.

No processo de negociação que antecedeu a negativa da minha participação, essa moderadora havia destacado seu cuidado com as informações e pessoas que entravam no grupo por, segundo ela, “*se tratar de um assunto muito delicado que faz parte da essência feminina como um todo*”.

No exercício do deslocamento das minhas múltiplas posicionalidades nesse campo – eu participante, eu pesquisadora, eu feminista, eu ex-tentante, eu como uma delas – me fez refletir sobre o que me levaria a aceitar ou recusar a participação numa pesquisa científica sobre um assunto tão particular.

Nesse sentido, penso que tal qual a problematização sobre aspectos éticos levantados por Allebrandt (2018) em seu artigo sobre embriões excedentes e o uso destes para pesquisa científica em nome de um futuro nobre para embriões “entulhados” em tanques de nitrogênio para sua criopreservação, expor a minha história como subsídios para reflexões científicas me colocaria diante da mesma ruptura que me levaram a decidir por não optar pela autoetnografia para esta pesquisa, ou seja, na compreensão do que eu desejo e não desejo revelar em nome da ciência.

Esse processo, compreensível, de desconfiança em aceitar a minha participação nos grupos como pesquisadora, me parecia uma curiosidade inicial sobre o que uma pesquisadora faria num grupo de Facebook voltado para mulheres que compartilhavam entre si informações, angústias, dicas e mensagens motivacionais sobre o desejo de ter filhos frente a alguma situação impeditiva em tê-los naturalmente. Foi o que relatei nesse trecho do diário de campo:

Num dos grupos uma das moderadoras me pediu maiores detalhes sobre a pesquisa, ela, também das ciências sociais, me disse da importância desse tipo de pesquisa (...) Outra me disse que estavam conversando sobre mim num grupo só de moderadoras... Parece que migrei de pesquisadora para pesquisada.

No mesmo dia, destaquei no diário que não havia recebido nenhuma resposta das moderadoras e que havia entendido como aceite um *emoji*⁵³ de *like*⁵⁴ de um dos grupos, impressão equivocada, já que dias depois recebi da mesma moderadora a resposta direta “*não foi aceita... fala com as outras adm’s*⁵⁵ *por favor?? Pq não posso fazer nada sem comunica-las. Vou tirar print do que vc mandou e mandar pra elas*⁵⁶”, respondi que entendia perfeitamente a situação e ela respondeu, parecendo não se interessar tanto com minha compreensão, “*só um minuto ok?*” e apesar de eu ter solicitado uma pessoa indicada para que eu pudesse explicar melhor sobre a pesquisa, não obtive mais respostas.

Essas representações do silêncio e esquivas trouxeram à tona a desconstrução de que redes sociais são espaços desprovidos de controles internos, pelo contrário, o que me pareceu foi uma estrutura muito bem organizada para o resguardo de situações íntimas debatidas naqueles grupos. Mas então o que estaria sendo resguardado em segredo? Seria essa ‘essência feminina’?

O silêncio e a negação daquelas moderadoras me respondiam sobre seus posicionamentos e me ajudou a organizar o conhecimento em torno das imagens que elas me passavam: por trás de grupos em que se compartilham vivências íntimas da condição impeditiva de ter filhos, havia códigos internos muito bem desenvolvidos para resguardar os segredos e intimidades.

A preocupação da moderadora em tratar o assunto (naquele caso infertilidade) como delicado e próprio do que ela chamou de ‘essência feminina’, me trouxe à tona o que as autoras e autores nos trouxeram sobre a associação da felicidade com fertilidade e da fertilidade como próprio da mulher. Nesse sentido, qualquer disfunção no sistema reprodutivo, ou até mesmo a não opção pela maternidade, representaria, portanto, a

⁵³ Conforme apontado no tópico anterior, Emojis são figuras imagéticas que são utilizadas em redes sociais para ilustrar emoções.

⁵⁴ O like (gostei) é representado por uma mão com o dedo polegar em riste para indicar aprovação de determinada situação. 

⁵⁵ Abreviação de administradoras, outro nome atribuído às moderadoras.

⁵⁶ Como a informalidade é característica das comunicações mediadas por redes sociais, a escrita reflete isso nas abreviações das expressões. Neste trecho tem-se “pq”, que é abreviação de porque; e “vc”, abreviação de você. Quis mantê-los tendo em vista a autenticidade do diálogo.

negação dessa ‘essência feminina’ e conseqüentemente um tabu a ser mantido em segredo.

2.4. Sobre a essência feminina e a antropologia feminista

Evitando reduções radicais, perigo alertado por Haraway (1995), com a constatação de que a suposta ‘essência feminina’ era reclamada para a manutenção de segredos em redes sociais entre pessoas com ausência involuntária de filhos, eu me via muito próxima ao feminismo, considerando-o uma ciência que se aproxima das “ciências dos sujeitos múltiplos com (pelo menos) visão dupla” (HARAWAY, 1995, p. 31).

Essa aparente ambivalência se ancorou nas tentativas de traduzir os modos de interações daquelas mulheres que se aglutinavam em grupos de Facebook para falar sobre seus corpos, seus dramas e assim, construir e/ou referendar uma rede de solidariedade mediada pelas mídias sociais. Ao me alinhar à antropologia feminista eu estava adotando um posicionamento crítico à luz do que Haraway (1995) chamou por objetividade. Ainda em seu texto, Haraway, afirma que:

Instrumentos de visão mediam pontos de vista [...] Identidade, incluindo auto-identidade, não produz ciência; posicionamento crítico produz, isto é, objetividade. [...] Posicionar-se é, portanto, a prática chave, base do conhecimento organizado em torno das imagens da visão, é como se organiza boa parte do discurso científico e filosófico. (HARAWAY, 1995, p. 27)

A respeito dessa multiplicidade de visões, Marilyn Strathern (2006) chama a atenção para a importância da multivocalidade como superação da ideia organicista, funcionalista, presente na antropologia moderna. Porém, a autora diferencia o feminismo e a antropologia afirmando que embora se comuniquem, partem de pressupostos diferentes. Para a autora,

Seus pressupostos não coexistem numa relação entre parte e todo, de modo que um não pode ser absorvido pelo outro, assim como seus objetivos não são comuns de forma a permitir um mútuo intercâmbio entre eles: um não é substituto para o outro. (STRATHERN, 2006, p. 72)

Por esse motivo, a autora orienta seus estudos para o que chamou de antropologia feminista, tendo em vista a relação embaraçosa entre feminismo e

antropologia. Segundo Strathern (2006), esse constrangimento entre as disciplinas parte “mais propriamente na estrutura de seus estilos epistemológicos” (STRATHERN, 2006, p. 74).

Em seu texto “Uma relação incômoda: o caso do feminismo e da antropologia” Strathern, (2009) argumenta que esse incômodo partiria da diferença como antropologia e feminismo se relacionam epistemologicamente com o “Outro”. Para ela, enquanto a antropologia se esforça para manter uma relação com o Outro a fim de colocar o etnógrafo como “intérprete de experiências”, mantendo com o mesmo uma relação de colaboração, no feminismo essa colaboração pode não existir, já que a “investigação feminista sugere que é possível descobrir o eu ao se tornar consciente da opressão proveniente do “Outro””. (STRATHERN, 2009, p. 99)

Ao ser destituída de um ‘poder’ que a relação entre pesquisadora e interlocutoras me pareciam conferir, percebi que os mundos sociais os quais eu transitava – eu como pesquisadora, eu como participante de grupos de facebook, eu como antropóloga feminista -, definiam muito mais a mim mesma do que o campo ali escolhido.

Numa tentativa de exegese a que a antropologia se debruça para o fazer etnográfico, consegui definir muito mais sobre minhas subjetividades ancoradas nas experiências que ali compartilhava com as eleitas (por mim) como possíveis interlocutoras, essa talvez tenha sido a minha “invenção da cultura” (WAGNER, 2010 [1975], p.31). Nesse sentido, foi nas negativas de participação nos grupos de Facebook que me aproximei da antropologia feminista para redirecionar parte das minhas reflexões sobre o meu campo e até mesmo das minhas vivências pessoais.

O distanciamento de realidades sociais que caracteriza a etnografia, não poderia ser conferido a mim, dado a chave epistemológica da minha pesquisa dizer respeito exatamente a contextos os quais eu compartilhava com aquelas mulheres. Porém, eu não estava apta a pesquisar aqueles grupos, pois ali eram expostas intimidades que aos olhos daquelas moderadoras faziam parte de condições especificamente femininas, sendo necessárias de serem escondidas.

A não-resposta cedeu espaço para o não-lugar, ou seja, a partir daquelas negativas eu migrava do lugar de pessoa com quem aquelas mulheres poderiam compartilhar vivências e histórias, para o lugar de pessoa a quem elas deveriam

escondê-las, porém, um corpo marcado por experiências comuns àquelas vividas me conferia quase que totalmente uma hibridez de espaço, nem pesquisadora, nem participante.

A minha feminilidade então deixaria de existir a partir do momento em que abri mão de tentar engravidar? Eu seria menos mulher ou menos feminina? Essas perguntas sem respostas possíveis, me colocaram numa espécie de limbo e foi esse não-lugar que me impulsionou até a antropologia feminista como espaço reflexivo.

Foi amparada pela afirmação de Donna Haraway (2009) ao constatar que “estamos dolorosamente conscientes do que significa ter um corpo historicamente construído” (HARAWAY, 2009, p. 52) que passei a entender que nenhuma construção identitária representaria a totalidade do que posso representar.

Para Strathern (2006) o feminismo antecipou o entendimento sobre como produzir conhecimento estando implicada, essa forma de produzir conhecimento que apenas muitas décadas depois a antropologia assumiu para si. Para ela,

As diversas perspectivas não devem ser substituídas uma pela outra, mas sim manter suas diferenças como vozes distintas. O terreno comum reside na experiência, na consciência e na motivação para mudar a ordem atual. (STRATHERN, 2006, p. 75)

O feminismo é normativo no sentido de que ele tem o interesse em mudar as coisas, mas pra mim a única mudança efetiva que estava ao meu alcance naquela altura, era no redirecionamento do campo que eu havia escolhido para desenvolver a pesquisa.

Por esse motivo, entender como a antropologia feminista me deu instrumentos para aprofundar o que aqueles silêncios me respondiam, proporcionou a multiplicidade de visões trazidas pelas autoras que escolhi aprofundar nesta pesquisa.

Essa multiplicidade de visões é reiterada na análise do universo da construção do desejo por filhos, embora esteja mediada por noções de parentesco e de gênero, conforme explorado neste capítulo.

Tais sistemas de ideias são refletidos em elementos discursivos que podem embasar uma linguagem autorizada médica e refletir sobre uma construção narrativa pública sobre si traduzida em redes sociais. Sobre esses aspectos discorrerei no capítulo 3.

3. CAPÍTULO: NO MUNDO DAS CEGONHAS: ETNOGRAFIAS DE INTERAÇÕES EM PERFIS DE INSTRAGRAM

3.1. As cegonhas tentantes

Ao longo desta pesquisa, conforme já abordado no capítulo metodológico, transitei por dois perfis de Instagram que me concederam anuência para realizar a etnografia virtual de suas interações.

Cegonha e Tentante tinham em comum a utilização de uma mídia social para interagir com outras pessoas com ausência involuntária de filhos, criando uma rede de solidariedade em torno de si para promover trocas sobre situações pertinentes à condição primária: tentar ter filhos. Ambas fizeram tratamentos em clínicas particulares.

Cegonha é jornalista, casada e tinha 35 anos quando resolveu criar seu perfil de Instagram. Ela era tentante há 03 anos e estava em busca de tratamentos para engravidar, porém, descobriu endometriose, motivo pelo qual suas tentativas anteriores não foram bem sucedidas.

No recorte temporal escolhido para análises de interações, Cegonha estava se preparando para realizar um procedimento cirúrgico para averiguação do seu aparelho reprodutor, que culminou na retirada de focos de endometriose. Atualmente a Cegonha tem 01 filho.

Tentante é dona de casa, casada, tinha 31 anos quando decidiu compartilhar seus itinerários terapêuticos para engravidar no Instagram. A Tentante teve 02 perdas gestacionais motivadas por Gestações Ectópicas, ou seja, gestações que ocorrem fora do útero. Ela é tentante há 09 anos e já realizou 01 Fertilização in Vitro, não obtendo resultado positivo.

A Tentante tem endometriose, trombofilia e possui 01 trompa, diagnósticos estes que são causa de infertilidade. Atualmente⁵⁷ a Tentante está em tratamento para realizar nova FIV.

⁵⁷ No momento em que esta dissertação estava sendo finalizada, ou seja, junho de 2019.

Nos trânsitos pelas interações promovidas por postagens nestes dois perfis, pude observar a existência de hierarquias, linguagens autorizadas e empoderamento, pretendo neste último capítulo lançar luz sobre algumas interações que refletem estes aspectos.

3.2. Linguagens Autorizadas Médicas

A construção de linguagens autorizadas e a eficácia de discursos privativos a determinadas classes sociais e/ou categorias profissionais, é objeto amplamente estudado nas ciências sociais. Por esse motivo me despertou singular interesse a observação de como se dá a sua construção e o modo pelo qual seus rituais contribuem para a criação de um poder hermético. No universo dessa pesquisa esse poder se refere aos aspectos ritualísticos do fazer médico.

Pierre Bourdieu em “A linguagem Autorizada: As condições sociais da eficácia do discurso ritual” (1996) trouxe a ideia do conflito entre agência e estrutura e a construção de linguagens autorizadas e homologias de classe para referendar a eficácia simbólica de determinados rituais profissionais.

Apesar de se referir especificamente aos rituais jurídicos, a leitura de Bourdieu permitiu entender as divergências de compreensão da linguagem biomédica pelos “pacientes” no âmbito da reprodução assistida. Tratam-se de discursos biomédicos cuja linguagem especializada se torna inacessível e excludente para aqueles que buscam na reprodução assistida a solução para a situação de ausência involuntária de filhos. Como resultado, ocorre a construção de redes informais de compartilhamento de narrativas pessoais, sobretudo entre mulheres, conforme detalhado nos capítulos anteriores.

Para Bourdieu, a sociedade estaria dividida em campos que seriam territórios de construção social com suas especificidades e seus atores. O campo definiria linguagens específicas e corresponderia a um estado de correlação de forças entre os próprios atores que ocupam lugares homólogos os quais vão defender interesses que correspondem ao próprio *habitus* do sujeito.

O *habitus*, por sua vez seria os *backgrounds* de um indivíduo que definiria seu estilo de vida, preferências e comportamento, ou seja, algo que está incorporado na ação do sujeito e que permite sua identificação a determinado grupo social. O *habitus* seria um

conjunto de influências sociais objetivas e subjetivas que definem a atuação de um indivíduo na sociedade.

Para Bourdieu, “o uso da linguagem, ou melhor, tanto a maneira como a matéria do discurso, depende da posição social do locutor que, por sua vez, comanda o acesso que se lhe abre à língua da instituição à palavra oficial, ortodoxa, legítima.” (BOURDIEU,1996, p. 87).

As homologias de classe, portanto, criam hierarquias e essas hierarquias corresponderiam a quem tem maior ou menor legitimidade para exercer determinada função. Esta legitimidade estaria inscrita num processo ritualístico de eficácia social, para ele “a crença de todos, preexistente ao ritual, é a condição de eficácia do ritual” (BOURDIEU,1996, p. 105). Dentre outras questões, tal legitimidade estaria inscrita em signos:

De maneira muito mais consequente do que os signos exteriores ao corpo (medalhas, uniformes, galões, insígnias etc.), os signos incorporados, ou seja, tudo aquilo englobado na rubrica das maneiras (maneiras de falar, os sotaques ou as pronúncias, maneiras de andar ou se comportar, o andar, a pose, a postura, maneiras de comer etc.), e o gosto enquanto princípio de produção de todas as práticas destinadas, intencionalmente ou não, a significar e também a significar a posição social através do jogo das diferenças distintivas, estão fadados a funcionar como apelos mediante os quais se pode lembrar àqueles que poderiam esquecer (ou que preferissem se esquecer) o lugar que lhes conferem a instituição. (BOURDIEU, 1996, p. 103)

Nesse sentido, faz-se compreender que a linguagem é um dos signos que indicam o lugar do agente, pois está incorporada na ação do sujeito. Tais signos reforçam a hierarquia necessária para que aquela posição seja exercida pelos seus atores.

Foucault (1977), por sua vez, lançou seu olhar sobre o nascimento da clínica realizando uma digressão no tempo para entender a partir de quando a medicina passou a ter status de ciência e a construção do discurso clínico na sociedade ocidental. Para ele, “a clínica é, ao mesmo tempo, um novo recorte das coisas e o princípio de sua articulação em uma linguagem na qual temos o hábito de reconhecer a linguagem de uma «ciência positiva»” (FOUCAULT, 1977, p. XVII). É essa linguagem que desperta singular interesse, linguagem positiva e ao mesmo tempo composta por elementos ritualísticos que ao passo que distancia o interlocutor do agente, o referenda quanto porta-voz.

Em “História da Sexualidade” (1997) o autor traz à tona o conceito de biopoder que emerge de um poder disciplinar para a produção de corpos padronizados, o biopoder tem no seu outro polo a biopolítica da população, ou seja, na era moderna a fim de supervisionar e administrar os nascimentos, morbidades e mortalidade os corpos passaram a ser controlados a partir de elementos discursivos especializados e a medicina seria um elemento preponderante para a manifestação desse poder.

Esse controle passaria, portanto, pela sexualidade e a construção de elementos discursivos em torno dela. Para tanto, as especializações em torno dos corpos, atravessariam o sexo para o exercício do controle, conforme alertou o autor:

O sexo, ao longo de todo o século XIX, parece inscrever-se em dois registros de saber bem distintos: uma biologia da reprodução desenvolvida continuamente segundo uma normatividade científica geral, e uma medicina do sexo obediente a regras de origens inteiramente diversas. (FOUCAULT, 1997, p. 53-54)

Tais elementos discursivos atenderiam, portanto, a uma estrutura majoritária operada por mecanismos de controles morais que atenderiam ao poder vigente. O biopoder, portanto, sintetizaria os mecanismos de intervenção em características vitais. A biopolítica, por sua vez, corresponderia às estratégias de utilização desse poder, conforme chamaram atenção Rabinow e Rose (2006):

podemos usar o termo ‘biopolítica’ para abarcar todas as estratégias específicas e contestações sobre as problematizações da vitalidade humana coletiva, morbidade e mortalidade, sobre as formas de conhecimento, regimes de autoridade e práticas de intervenção que são desejáveis, legítimas e eficazes. (RABINOW; ROSE, 2006, p.28)

Tais manifestações de poder estariam centradas nos discursos que geraria a ambiguidade e produções entre segredos e compartilhamentos em que na era moderna, produziria o distanciamento entre paciente e médico.

Essa distinção médico-paciente, segundo Zelizer (2011) advém da responsabilidade pela vida e pela morte a que se atribui ao fazer médico, permeando um relacionamento que seria, segundo a qual, “claramente íntimo em alguns aspectos, mas acentuadamente cercado por limites técnicos, morais, éticos e econômicos” (ZELIZER, 2011, p. 159).

De fato, a concorrência destes elementos personifica no fazer médico uma relação de poder implícita em que o médico seria capaz de agregar todas as qualidades

técnicas concomitantes a relação de intimidade que estabeleceria com o paciente, tonando-se, sob o olhar de Zelizer (2011), uma relação permeada pela vida e morte.

Por sua vez, Pedro Nascimento (2011) realizando uma pesquisa num hospital público de Porto Alegre/RS, identificou que a linguagem médica seria um elemento de reforço hierárquico que produziria desigualdades. Segundo o autor, “ao longo de toda a pesquisa foi muito comum ouvir comentários do tipo “eu não entendi”, “o médico não explicou direito”, “eles não sabem explicar”, “eles não falam pra você entender” etc.” (NASCIMENTO, 2011, p. 163).

Importa destacar que Pedro Nascimento (2011) transitou por bairros populares da capital gaúcha, além de ter realizado sua pesquisa num hospital que foi pioneiro em oferecer serviços de Reprodução Assistida pelo Sistema Único de Saúde – SUS – tendo um recorte de classe importante de ser observado.

Entre minhas interlocutoras, a realidade diferenciava-se pelo fato de ambas terem recorrido a tratamentos, exames e intervenções oferecidas pela rede particular. Mesmo nesse contexto, as dúvidas sobre tratamentos, exames e cirurgias eram referidas nas suas interações.

No entanto, os questionamentos, em geral, se davam sobre as decisões de tratamentos e não sobre os termos especializados utilizados pela comunidade médica. Tais termos eram mencionados com certa intimidade e conhecimento tanto por parte das interlocutoras, quanto por parte das instamigas com as quais elas interagiam.

Como por exemplo, numa postagem da Cegonha, em que demonstra chateação, pois, só depois de 03 anos de tentativas de engravidar, um médico solicitou a videolaparoscopia⁵⁸, procedimento cirúrgico indicado para examinar e/ou tratar questões impeditivas de gravidez. Na postagem ela diz:

Cegonha:(...) estou querendo decidir logo se faço a videolaparoscopia ou se parto direto para a fertilização. Confesso que fiquei bastante irritada e triste por ter que tomar

⁵⁸ A videolaparoscopia é um exame endoscópico que visualiza a cavidade abdominal através de câmeras podendo ser realizadas intervenções cirúrgicas. Apesar de não ser uma técnica exclusiva da Reprodução assistida, comumente é utilizada para cirurgias de retiradas de focos de endometriose.

esta decisão só agora. Poxa, nenhum médico poderia ter me feito esta pergunta há dois anos atrás⁵⁹? Por que só agora?

Nesta postagem, que recebeu 50 curtidas e 36 comentários, a Cegonha informou num dos comentários que decidiu fazer a videolaparoscopia inspirada pelas trocas de experiências trazidas pelas instamigas.

Instamiga1: Olha, estou me recuperando da videolaparoscopia. O meu médico é referência no Brasil, ele diz que esse é o caminho, diz que a videolaparoscopia já é um tratamento para engravidar. Pesquise sobre Dr. Alfredo⁶⁰. 😊 Boa sorte!

Instamiga1: Ah, vc tem endometriose? Eu não moro em SP. Fui lá a primeira vez para fazer exames que só a clínica dele tem, nos exames não acusou endometriose, mas ele quis me operar por causa dos sintomas e pelo que ele entendeu dos exames! E ele estava certo, estava cheia de focos de endometriose.

Instamiga1: Ele é especialista em endometriose e reprodução assistida. Passou um contraste nas minhas trompas e disse que o ideal é tentar engravidar 2 meses depois da cirurgia.

Cegonha: Eu não tenho endometriose @Instamiga1... até agora já fiz diversos exames e não encontrei nada... Muito obrigada pelas dicas e pelo carinho. 🧡 🧡 🧡

Instamiga1: Por nada, dá uma pesquisada desse médico. No meu exame também não tinha acusado endometriose, ele falou que nem sempre dá pra ver nos exames! O cara é muito bom, me operou e tinha vários focos de endometriose. E ele é especialista em reprodução também! Um beijo e boa sorte!

⁵⁹A diferença temporal entre os 03 anos enquanto tentante alegado pela Cegonha e a afirmação de que os médicos poderiam ter solicitado a videolaparoscopia há 02 anos, deve-se ao fato que só depois de 01 ano de tentativas é que se começa a investigar causas impeditivas de gravidez.

⁶⁰Nome fictício.

Instamiga2: *Meu exame também não acusou nada, fiz videolaparoscopia e deu endometriose grau 2. O meu médico disse que nenhum exame dá pra saber se tem endometriose só a videolaparoscopia mesmo!*

Cegonha: *Acho que então devo partir para este exame né?*

@Instamiga2 

Mais adiante, e dada as narrativas reiteradas sobre o sucesso na descoberta de focos de endometriose através da videolaparoscopia, a Cegonha informou:

Cegonha: *Decidi, sim. A ajuda e as dicas de vocês foram fundamentais! Muito, muito obrigada!*

Instamiga3: *Então você resolveu fazer a cirurgia? Que lindo! O meu médico diz que é o primeiro tratamento para engravidar! =P vai dar tudo certo!*

Numa interação com outra instamiga, elas mostram perplexidade pela demora dos médicos em solicitarem este exame/tratamento.

Instamiga2: *Passsei 6 anos tentando e passando por vários médicos... e só agora o médico especialista em fertilização vai fazer a videolaparoscopia na próxima semana. E no meu caso ainda tem o fator idade, estamos correndo contra o tempo.*

Cegonha: *Na sua vídeo apareceu algum foco de endometriose? Na minha apareceram vários! Também não acredito que só agora depois de 03 anos me pediram este exame! Ainda bem que fui no médico de fertilização, se não jamais saberia.*

Instamiga2: *Oi, meu estágio já estava avançado  Uma trompa já estava obstruída  Fiz a vídeo há 3 semanas atrás. Agora preciso tomar 3 doses de uma injeção e depois*

pílula por mais 3 meses 🙄 Que coisa que esses ginecologistas não escutam o que a gente fala 🙄

A referência a um profissional especialista em reprodução assistida como o único capaz de detectar o “furo” de diagnóstico até então experienciado pelas instamigas, evidencia a ultraespecialização desses tratamentos, assim como, a estratégia nas interações em redes sociais como espaços de fruição de informações e empoderamento, como na decisão tomada pela Cegonha a partir das narrativas das instamigas.

As trocas realizadas pelas instamigas vão desde os aspectos estéticos após a cirurgia, até a prescrição de exames, procedimentos e diagnósticos detectados nestes itinerários terapêuticos para engravidar. Como pode ser observado nas interações a seguir:

Instamiga3: E o umbigo? To achando que essa cegonha te fará uma visita logo. Quando fizer, continuar postando?

Cegonha: Ahhhh o umbigo... 🙊🙊🙊 espero que volte ao normal, ainda não tirei os pontos 😘😘😘

Instamiga4: tenho uma cicatriz no umbigo imperceptível pq o meu é fundo e duas pequenas na linha da calcinha (ou biquíni)... A cirurgia assusta (como qualquer uma), mas a recuperação é super tranquila e já vi resolver o caso de muitas tentantes (como o meu> engravidei naturalmente logo depois)

Instamiga5: Que bom, graças a Deus! @Instamiga4 qual era seu problema? Descobriu na cirurgia ou já sabia? Bjos obrigada!

Instamiga4: *a medica suspeitou de endometriose na histerossalpingo⁶¹, confirmei na vídeo.*

Instamiga6: *Também tenho endometriose ovariana bilateral, tenho 7 meses tentando meu positivo e nada! Já passei pela videolaparoscopia, mas ainda não consegui (...).*

Na seara da medicina reprodutiva, é produzida uma linguagem ultra especializada, linguagem essa autorizada (Bourdieu, 1996) a um campo social, no caso médico e especificamente, médicos, embriologistas e especialistas em Reprodução Assistida que muitas vezes informam ao ouvinte o lócus o qual se situa o interlocutor.

Como visto no exemplo das interações entre a Cegonha e suas Instamigas, o acesso aos meios cibernéticos de comunicação, através de redes sociais, possibilita a troca de informações acerca de enfermidades, tratamentos e cuidados com a saúde, provocando o surgimento de atores que tornam a relação médico-paciente menos assimétrica, são os “pacientes informados” (Pereira Neto, et. al, 2015). Para eles as informações sobre saúde via *web* provocou um deslocamento desse poder biomédico, de acordo com os mesmos:

O fato de o paciente procurar e compartilhar informações na internet, independente do médico, transforma e descentraliza a estrutura do poder biomédico. O indivíduo passa a desempenhar um papel proativo no cuidado de sua saúde, tornando-se menos propenso a aceitar ordens e decisões médicas de forma passiva. A relação médico/paciente vertical, unilateral e cindida tem poucas condições de sobreviver dentro desse quadro. (PEREIRA NETO et.al, 2015, 1656)

Essa descentralização do poder biomédico é observada entre pessoas com ausência involuntária de filhos em trânsitos pelas redes sociais, onde os discursos variam entre a verdade absoluta de um tratamento indicado por um médico e a contestação de diagnósticos das usuárias, conforme pode ser ilustrado na interação a seguir:

Seguidora: *Vi que vc teve fiv negativa, tenha cuidado, geralmente quem teve gravidez ectópica a causa é por infecção bacteriana, e esta terá q ser tratada, pq essas bactérias impedem a implantação e causam até aborto.*

⁶¹ Comumente as tentantes referem-se aos exames e procedimentos demonstrando intimidade, isso evidencia-se nas abreviações como “histerossalpingo” ou até mesmo “histero”, que refere-se à histerossalpingografia e “vídeo”, numa redução da videolaparoscopia.

Tentante: Antes de dar início a FIV é necessário fazer uma bateria de exames de sangue, sorologia, mutações, ultrassom total, transvaginal, mama, histerossalpingografia (raio x das trompas com uso de contraste)⁶² secreção vaginal, cardo G e vários exames... E graças a Deus nada.

Nem um tipo de infecção, bactéria, nada...Alteração foi a trombofilia que precisava tomar coagulante antes da tec e foi o que fiz tomei 3 dias antes da transferência do embrião.

Vou fazer uma nova investigação pra saber a falha da implantação do embrião já para a 2ª tentativa, depois do meu Negativo eu fiz ressonância magnética da Pélvica onde foi visualizado micropolicisto e endometriomatodos micro, minha reserva ovariana é boa 4,61⁶³.

Nessa interação evidencia-se uma tensão em que se opera a lógica de quem possuiria melhores informações acerca dos diagnósticos para o sucesso nos procedimentos de concepção. Aqui, parece que as redes de solidariedade transformam-se também em redes de disputa, demarcando uma ambivalência nessas interações.

Como já descrito no início deste capítulo, a Tentante traz na descrição do seu perfil a informação de ter tido 02 gestações ectópicas, ou seja, 02 gestações que ocorreram fora do útero impossibilitando o desenvolvimento da gravidez.

Os fatores de risco para uma gestação ectópica são, dentre outros, infecção bacteriana e o histórico de gestações ectópicas anteriores⁶⁴, motivo pelo qual a seguidora pontua a importância de realização de exames preventivos anteriores. A gestação ectópica, como dito, ocorre fora do útero provocada por alguma aderência nas trompas, ovários ou cavidade abdominal que impede a implantação do ovo ou zigoto no

⁶²Informação dada pela própria interlocutora.

⁶³A Tentante não fez menção sobre qual teria sido o exame por si realizado para que a mesma tivesse esse prognóstico considerado positivo, nem se a referência dada como “boa” partiu de um médico que a informou ou de sua própria conclusão.

⁶⁴Informações obtidas no site: <<https://www.mdsaude.com/gravidez/gravidez-ectopica>> acesso em 02 de maio de 2019.

útero. Conforme explicação da própria Tentante “*No caso da gravidez ectópica ou tubária, ele [o óvulo fertilizado] se implanta fora do útero, geralmente nas trompas de falópio – tubo que conduz os óvulos dos ovários para o útero*”.

A Tentante informa ainda ter o diagnóstico de Síndrome do Ovário Policístico – SOP – e ter encontrado focos de endometriose, esses dois diagnósticos são fatores de infertilidade feminina, tendo em vista a formação de cistos e aderências nos ovários – SOP – e a formação císticas no endométrio causada pela descamação do útero – Endometriose⁶⁵. Ainda em sua descrição, ela informa que é tentante há 09 anos e realizou uma fertilização in vitro – FIV – em outubro de 2017 tendo como resultado o beta HCG negativo, exame que mede a dosagem do hormônio produzido na gravidez.

Nesse contexto, estar bem informada sobre os exames e procedimentos corretos a serem realizados seria a chave para o êxito em novas tentativas, motivo pelo qual a seguidora continuou advertindo a Tentante:

Seguidora: Eu sei que já faz uma bateria de exames, eu já fiz vários orçamentos e tenho várias amigas que fizeram a Fiv, e pasme, depois que os maridos fizeram espermocultura por PCR foi diagnosticado várias bactérias, inclusive clamídia e que não foi detectado no sangue. Se o seu está ok, ótimo, só estou dando um alerta pq às vezes a investigação não é tão bem feita em alguns lugares, e não custa nada trocarmos informações, bjs e boa sorte pra nós, em breve teremos nossos milagres.

Tentante: Obrigada, vamos sim! Deus nos abençoe.

Nesse diálogo a disputa expressa nesse diálogo, referida pela seguidora como “troca de informações”, algumas vezes vêm carregada de autoridade, situando às agentes da interlocução sobre quem teria ou não maiores chances de lograr êxito em suas tentativas.

Essa disputa se reflete numa hierarquia sobre o lugar de fala de quem informa e de quem é informada nas redes sociais, tendo em vista que uma informação mal

⁶⁵Entre as categorias êmicas encontradas nas redes sociais, a Endometriose é muitas vezes referida como “Endo”, que reflete intimidade, já pontuada, das interlocutoras com essa patologia.

interpretada e/ou um detalhe não observado pode inviabilizar os tratamentos por reprodução assistida.

3.3. O lugar de fala: hierarquias e categorias entre tentantes

A hierarquia nessas (ou dessas) autoridades se reflete ainda no recrutamento de seguidoras, assim, quanto melhor a qualidade de informações transitadas nos perfis, maior chance de engajamentos em forma de seguidoras, interações, curtidas. Ocupar um lugar de fala (RIBEIRO, 2017) oferece, além de maior legitimidade no assunto, o exercício de um poder assimétrico entre quem informa e quem é informada pelas redes sociais. Tais hierarquias se manifestam da seguinte forma:

- **Tentantes com legitimidade científica**

Há certo apelo para a legitimidade científica quando se trata desse assunto. Uma linguagem autorizada que é ao mesmo tempo respeitada e repudiada, a depender do contexto em que se trabalha o assunto. É comum repúdio, questionamentos ou até mesmo desprezo sobre certas condutas adotadas por profissionais da área, como por exemplo, na interação em que a Cegonha anuncia a indicação médica para videolaparoscopia:

Cegonha: Achei que, na minha consulta, o médico iria entender minha agonia nestes anos de espera e iniciar o tratamento para a fertilização... Claro que ele entendeu, (...) mas como ainda não encontramos nenhum problema que impeça de ter um bebê, ele sugeriu uma videolaparoscopia e, depois, tente engravidar por mais seis meses (...)

Instamiga1: Tb não entendi o porquê da indicação da vídeo... Bom, na minha opinião é tentar a FIV primeiro, até pra saber como responderá teu organismo (...)

Instamiga2: Você já fez histerossalpingografia? Exames de trombofilia? Vídeo histeroscopia com pesquisa de células NK?

Nunca vi médico indicar uma cirurgia sem precedentes. 😊

Instamiga 3: *Fiz a videolaparoscopia após a histerossalpingografia porque tinha as duas trompas obstruídas, o médico disse que não havia focos de endometriose, 2 meses depois fiz a videolaparoscopia e a endometriose estava lá.*

Cegonha: *Obrigada Instamiga 3, vou falar com meu médico.*

Por outro lado, é comum também a atribuição de uma legitimidade científica às postagens quando elas trazem a fala de um médico ou profissional de saúde, a exemplo da postagem da Tentante em que a mesma publica um vídeo de um médico explicando sobre a possibilidade de gravidez pós gestação ectópica:

Tentante: *Olha ai meninas, dr. João⁶⁶, especialista em Reprodução Humana. Eu tive 2 gravidez ectópica, só tem 1 trompa que foi tratada com MXT... Os médicos falam que engravidado só com fertilização in vitro, fiz uma 7 meses depois da ectópica, porém Negativo.*

No vídeo publicado, que teve 48 visualizações mas nenhum comentário, o médico referido explica que no caso de uma obstrução e retirada de uma trompa causada por gravidez ectópica, a possibilidade de a outra trompa apresentar obstruções é recorrente, por isso indica a FIV como alternativa para engravidar, sugerindo a procura de um médico especialista.

Importa destacar que ao abordar temas sobre informações médicas e/ou sobre tratamentos clínicos, as postagens da Tentante passavam a ter uma linguagem ultraespecializada, como nesse trecho em que ela explica sobre a ressonância pélvica para identificação de focos de endometriose:

Tentante: *O exame é feito pela emissão de ondas magnéticas que vão gerar imagens ao atingir os diferentes tipos de tecidos. Cada tecido da pelve, (...) tem uma composição química diferentes (como a quantidade de água) e desta forma irão ter uma representação digital diferente na imagem. É o que chamamos de excelente contraste tecidual, que aliado a alta*

⁶⁶ Nome fictício.

resolução das imagens adquiridas permite identificar até o ureter e os nervos envolvidos na endometriose.

O texto trazido esmiúça os processos pelos quais a ressonância magnética seria indicativa para a identificação da endometriose. A Tentante, nessas postagens traz uma propriedade de quem faz parte da área de saúde.

Ao longo das suas narrativas e interações sua linguagem modifica conforme o conteúdo. Nesse sentido, nas postagens de desabafos, motivacionais e outras, a linguagem é simples e informal, porém vira especializada creditando uma legitimidade científica às suas postagens (apesar de em momento algum trazer referências sobre fontes), quando da postagem sobre informações médicas e tratamentos específicos. Conforme pode ser observado nas seguintes postagens:



Figura 14: Postagem 1 - Tentante

Fonte: Postagem Tentante (2018)

Nessa postagem motivacional, que teve 11 curtidas e nenhum comentário, a Tentante ilustra dois caminhos a serem seguidos: desistir ou persistir, caracterizado nas duas placas que ilustram a postagem e ressalta seu texto a importância da persistência para obtenção do resultado desejado, aludindo às inúmeras tentativas que as pessoas com ausência involuntária de filhos precisam fazer até alcançar o resultado positivo.

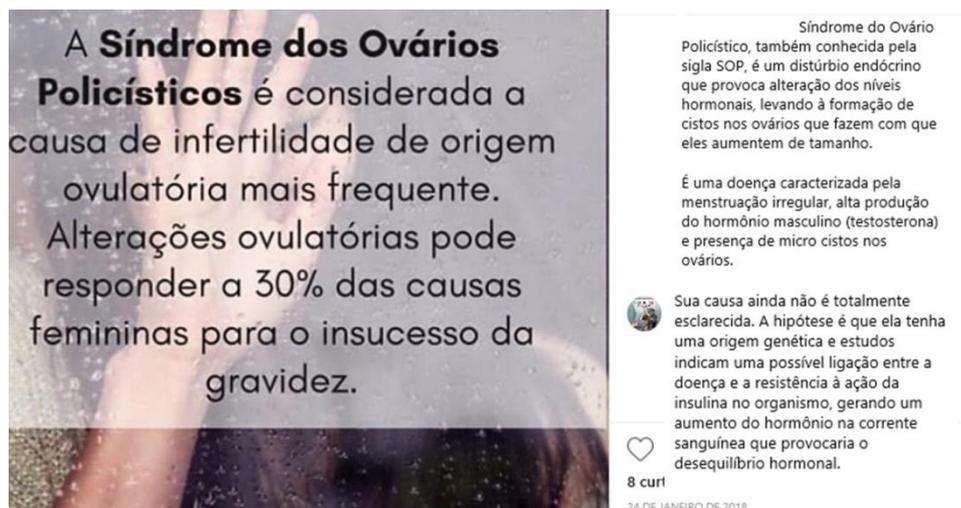


Figura 15: Postagem 2 - Tentante

Fonte: Postagem 2 Tentante (2018)

Nesta postagem, a Tentante além de trazer uma imagem auto explicativa sobre a Síndrome dos Ovários Policísticos, ela faz uma explicação elaborada sobre as causas e consequências da patologia. Esta postagem teve 08 curtidas e nenhum comentário.

A diferença no teor das postagens reforça a ideia de que o apelo à legitimidade científica expressa em mudanças nas linguagens que variam de mais ou menos especializadas de acordo com o conteúdo publicado. Assim, quando se trata de especificidades biomédicas, as interlocutoras, de modo geral, recorrem à validação científica, através de dados, referências e até de mudanças de linguagens.

- **Tentantes antigas:**

Em segundo lugar na hierarquia dessa autoridade de fala, estariam as mulheres que são tentantes há muito tempo, geralmente após dois a três anos de tentativas de gravidez. Essa categoria se reflete, sobretudo nas descrições dos perfis, oferecendo assim, às seguidoras uma espécie de subsídio para posterior acompanhamento.

Nessa categoria há uma subdivisão entre as que já recorreram a alguma Tecnologia Reprodutiva e/ou têm diagnósticos supostamente fechados (supostamente porque esses diagnósticos podem variar ao longo do tempo, ou seja, alguém com síndrome de ovário policístico – SOP – pode descobrir miomas posteriormente); e as que são tentantes há muito tempo mas não têm nenhuma causa aparente e/ou não buscaram tratamento especializado.

Conforme já detalhado na descrição do perfil da Tentante havia⁶⁷ as seguintes informações:

- Tentante há 9 anos;
- 2 Gravidez Ectópica;
- 1 Trompa. Sop. Endometriose;
- Fiv negativa out. 2017;
- 30 anos;
- Mãe de Anjos;
- Deus realiza sonhos. Confie.

Já a Cegonha, trazia⁶⁸ em suas postagens a informação do tempo que há época era tentante. Numa postagem a Cegonha diz:

Cegonha: Com mais de três anos de tentativas nunca encontrei nenhum motivo que me impossibilitasse ter filhotinhos. Isso é uma agonia imensa. Eu e o marido fazendo um milhão de exames por ano e o vilão era o tal do psicológico... #soquenaooo!!! Apesar de nenhum sintoma e, nenhum tipo de sinal, em outro exame, eu tinha vários, vários focos de endometriose!

Esta postagem, que reuniu 93 comentários e 126 curtidas, trazia, além de votos de recuperação e felicitações pela cirurgia realizada (e que fora anunciada na postagem), trazia também marcações de outros perfis por seguidoras aludindo a importância da narrativa da Cegonha. Comentários como “@amiga olha!” “@miga olha isso!”, “@marido será que poderia ser isso???” reforçam a ideia da legitimidade dada à fala da Cegonha.

O tempo de experiência enquanto tentante parece oferecer um espaço de legitimidade para quem informa sobre estar tentante, tendo em vista que essa é uma condição transitória. Esse peso temporal se reflete na descoberta de diagnósticos,

⁶⁷Observação realizada no dia 02 de agosto de 2018.

⁶⁸Observação realizada no dia 09 de agosto de 2018.

profilaxias, tratamentos e médicos especialistas, os quais são informados para as demais, registrando uma confiabilidade maior ou menor sobre as informações prestadas.

Outros aspectos que oferecem mais ou menos peso à fala das *digitais influencers* são a quantidade de perdas gestacionais, os diagnósticos e os tratamentos para engravidar através de tecnologias reprodutivas que as *Instagramers* lançaram mão. Nesse quesito, a identificação com determinada patologia e os seus recursos para tratamento ofereceriam implicitamente a mensagem sobre o empenho, atenção e persistência dadas a sua condição de tentante.

- **Neófitas:**

Essa seria a base da pirâmide hierárquica, ou seja, seriam tentantes que estão no início de suas tentativas, até dois anos. Em geral, essa categoria está como “ouvinte”, receptora das informações a serem prestadas pelas tentantes mais antigas.

Normalmente essas tentantes, fazem perguntas nos comentários sobre os caminhos a serem percorridos para seus tratamentos, como no exemplo a seguir:

Instamiga 1: Olá meninas, também estou a espera da cegonha a 1 ano e 5 meses, fiz todos exames e está tudo OK, marido também. E nada de bebê, estou afim de buscar um especialista para ir mais fundo a tentar desvendar esse mistério, tenho 23 anos e passando por essa dificuldade 😞 Ninguém descobre nada. Como é esse procedimento de vídeo laparoscopia? Fica cicatrizes de cesariana? É perigoso?

Cegonha: Oi @Instamiga 1 vou fazer no final do mês, um especialista da clínica de reprodução que me indicou antes de tentar a fertilização. Até agora, todos os meus exames e os do meu marido também foram normais. Vou fazer a vídeo para ver se tenho alguma coisa que não foi identificada ainda por outro

exame. Acho que a cicatriz é pequena. Quem fez foi a @esperar⁶⁹.

Esperar: Oi @Instamiga 1! As cicatrizes são minúsculas! Eu fiquei com um corte imperceptível no umbigo e três risquinhos de cicatrizes abaixo dele (...) Procure um especialista sim! 🙄

Instamiga 1: Meninas muito obrigado pelo carinho e atenção, fiquei tão tranquila com os depoimentos de vocês, to louca pra correr no especialista e fazer o procedimento. Obg mesmo.

A referência ao tempo de tentante corrobora para o peso de quem tem maior autoridade no assunto e se reflete em conselhos e motivações para as neófitas. Como na interação descrita abaixo:

Instamiga 1: Ow meu Deus, eu estou tentando há 4 meses mais a cegonha também me abandonou

Cegonha: Fica tranquila, ela vai aparecer pra nos fazer uma visita!!! Eu já estou tentando há mais de três anos 🤔🤔🤔



Essa hierarquia reforça a ideia da existência de uma *expertise* adquirida a partir da experiência pessoal, portanto, quanto mais tempo de tentativas, maior a obtenção de legitimidade para oferecer às neófitas dicas sobre os caminhos percorridos até o diagnóstico. Sendo assim, no *habitus* tentante, tentar, falhar, tentar de novo é obtenção de um campo de poder – de dizer como se deve fazer – de dizer o que é correto, transformando por vezes essas redes de solidariedades em redes de disputas e tensões.

Essas narrativas construídas em torno do universo de tentantes legitimam a autoridade naqueles contextos e isso se reflete no número de seguidores que aquela usuária terá, ou seja, quanto mais autoridade ela tiver em sua fala, maior número de seguidores ela arregimenta.

⁶⁹Devido a proximidade apresentada nas interações entre Cegonha e Esperar optei por nominar essa Instamiga.

As usuárias de perfil que mais possuem autoridade são, frequentemente, ‘consultadas’ pelas demais para indicação de tratamentos, médicos especializados e até mesmo profilaxias.

Apesar do aparente deslocamento do saber biomédico, conforme fica evidente nas interações trazidas nos exemplos de cada categoria, não significa que não haja uma referência ao médico, pelo contrário, apesar de estarem informadas sobre suas condições de saúde, podendo contestar certos diagnósticos, exames e medicamentos, não parece existir pretensão de substituição do médico para seus tratamentos, conforme ratifica Pereira Neto et. al:

Os participantes de comunidades on-line têm acesso a uma miríade de informações sobre diagnóstico, profilaxia, sintomas e tratamento de sua doença. (...) Entretanto, embora seja possível observar tensões pontuais entre o “paciente informado” e o profissional de saúde, os saberes médicos parecem não ter perdido a validação ideológica sobre o mundo do cuidado em saúde. (PEREIRA NETO et.al, 2015, p. 1668)

A troca de informações permite às tentantes certo empoderamento frente às demandas causadas por diagnósticos imprecisos e dúvidas acerca dos procedimentos. No entanto, é comum que elas indiquem a busca por especialistas, a quem referendam como capazes de conduzi-las à solução, que no caso, é a concepção.

3.4. À espera da cegonha

A formação dessas redes, ainda que caracterizadas por redes de solidariedades, vem carregada de autoridades e hierarquias, deslocando a autoridade médica, e informando, através do empoderamento dessas tentantes, os caminhos terapêuticos adotados por cada uma que serve de exemplo para quem está colocada hierarquicamente em posições mais iniciantes. Mesmo assim, as redes caracterizam-se por trocas de informações e ajuda mútua para fortalecimento umas das outras na espera da “cegonha”.

Octávio Bonet (1999), em sua etnografia sobre a aprendizagem da biomedicina, centra sua análise sobre a busca por um diagnóstico, sendo esta a maior expectativa na relação existente entre médicos e pacientes. O autor discorre sobre os caminhos percorridos por médicos e residentes para buscar respostas a determinadas características apresentadas por seus pacientes, o que esquematicamente, busquei traduzir da seguinte forma:

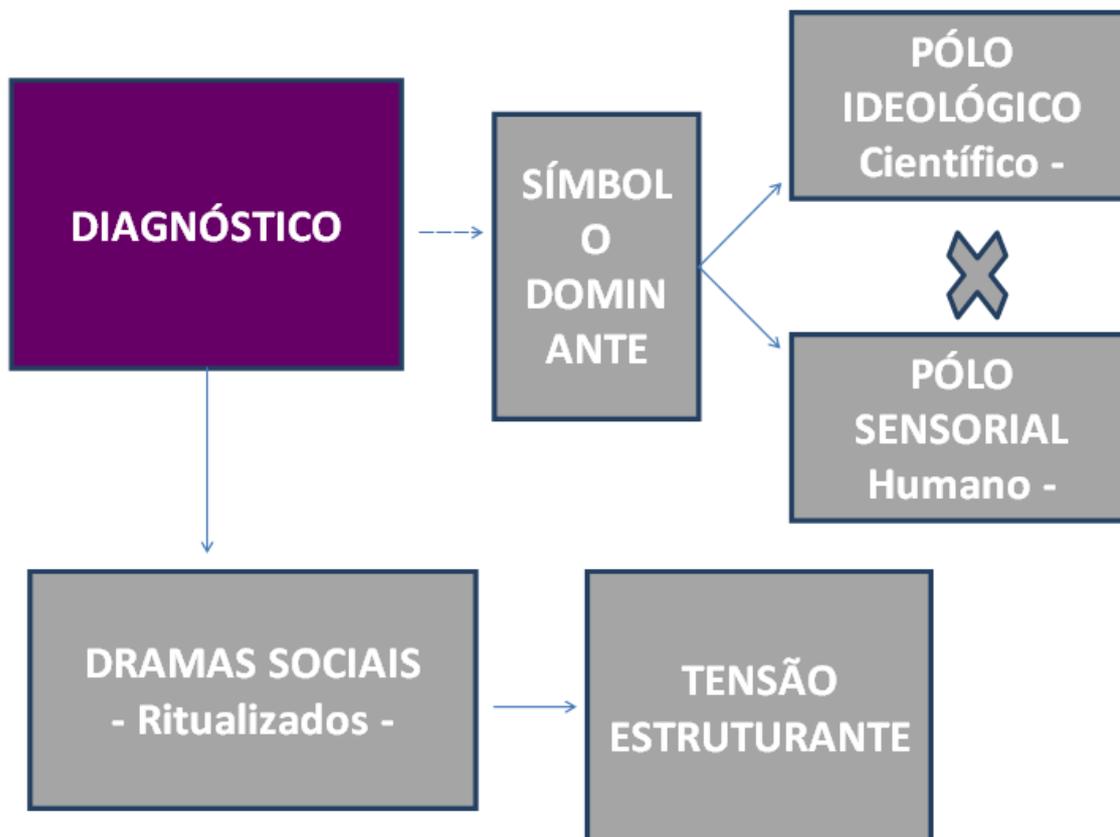


Figura 16: Esquema feito a partir da leitura do texto “Saber e Sentir. Uma etnografia da aprendizagem da Biomedicina” de Octávio Bonet (1999)

Fonte: Freitas (2019)

Ancorado em Victor Turner (1974) na ideia de liminaridade a qual perpassaria as/os residentes, Bonet (1999) afirma que o diagnóstico teria uma valorização especial, sendo, portanto, um símbolo dominante entre médico e paciente, dramatizados e ritualizados através dos *habitus* estruturadores do fazer médico que leva a uma tensão estruturante a partir da prática de contato direto com o paciente, tendo em vista as expectativas mútuas a respeito do diagnóstico a ser fechado. Essa expectativa pelo diagnóstico pode ser ilustrada pelo diálogo entre Cegonha e suas seguidoras, na seguinte passagem:

Cegonha: *Exames e mais exames para fazer outros exames, para levar para outro médico que, com certeza, irá pedir mais exames, que vai precisar de outros exames para levar para um outro médico, para fazer uma videolaparoscopia para depois fazer mais exames para ver se estes exames deram resultado.*

Instamiga 1: *e haja exames q temos q nos submeter* 😊

Cegonha: *Nossa, nem fala @Instamiga1 não acabam nunca* 😱



Instamiga 2: *Nossa!! Que vida esta nossa! Mas vamos que vamos! Uma hora tudo isso vai ser a linda história de luta e de amor pra contar por muitas gerações!*

Instamiga 3: *Vdd@Cegonha mas depois dessa jornada de exames, agulhadas e agonias no coração... Vai valer a pena! #muitafe*

Cegonha: *Com certeza @Instamiga3*

O incômodo pela quantidade de exames às quais as tentantes são submetidas, expressamente trazido no trecho acima, confirma a centralidade na busca por um diagnóstico e conseqüentemente seus tratamentos, tanto por parte dos médicos quanto por parte das tentantes, que desejam ter seu diagnóstico fechado para a busca por tratamentos adequados e quiçá a solução das questões impeditivas de gravidez. Em outra postagem, a Cegonha fala um pouco sobre o receio de não ter nenhum diagnóstico fechado apesar da bateria de exames que ela se submetia na ocasião:

Cegonha: *Querida cegonha, hoje foi o dia de dar uma corridinha na esteira. Se você pensou que a intenção era fazer algum exercício aeróbico, errou! Foi, adivinha, mais um, mais um, mais um... E-X-A-M-E! Ai, amiga, enquanto eu estava fazendo o tal teste ergométrico, o médico ficava perguntando se estava tudo bem e eu, sempre dizendo que sim. Tudo bem, tudo bem, tudo bem... Na verdade, fisicamente, estava. Mas pensei um pouco e tenho receio de que, toda esta bateria de exames,*

seja como correr na esteira. Correr, correr, correr, sem sair do lugar...

Instamiga 1: Também tô cansada de correr, correr e não chegar a lugar nenhum :n

Cegonha: Eu também amiga, o problema é não sair do lugar.



A expectativa pelo fechamento de um diagnóstico através de baterias de exames para o tratamento adequado que as leve ao resultado positivo de gravidez, demonstra a tensão estruturante que determina a relação entre as tentantes e a comunidade biomédica, tendo em vista que sem o diagnóstico específico não há como trabalhar as causas da infertilidade momentânea (ou não) do casal, diminuindo a capacidade dos mesmos em decidir sobre os recursos necessários para que possam ter seus filhos, através das tecnologias reprodutivas.

A infertilidade sem causas orgânicas definidas provoca ansiedade e desconforto, localizando tais agentes numa fase liminar entre pessoas com ausência involuntária de filhos já que não há resposta para as dúvidas geradas pelo processo de tentar ter filhos.

De acordo com Vargas, Moás e Seixas (2016), essa espera está permeada por uma subjetivação dos indivíduos localizada frequentemente em discursos psicologizantes, ou seja, fatores psicológicos são acionados de maneira subjacentes quando da ausência de diagnósticos clínicos inconclusivos, e tais fatores, no mais das vezes recaem sobre a mulher. Uma vez fechado o diagnóstico outras etapas são vivenciadas pelos casais tentantes, foi o que nos mostrou Pedro Nascimento (2011) quando o mesmo identificou entre os casais usuários do serviço de reprodução assistida disponibilizado pelo SUS em um hospital de referência de Porto Alegre/RS, o que chamou de 03 (três) fases do processo, quais sejam:

- 1 – Fase da ambivalência: que estaria demarcada pela descoberta da dificuldade de ter filho;
- 2 – Fase da busca: momento da tomada de decisão para recorrer aos serviços de saúde e

3 – Fase “luz no fim do túnel”: que demarcaria a descoberta da disponibilização do tratamento pelo SUS.

Nesse sentido, a fase da ambivalência demarcaria, portanto, a certeza de um diagnóstico o que levaria os casais para as demais fases e que no caso dos interlocutores do pesquisador recorreriam às redes disponibilizadas pelo SUS, o que não é o caso do recorte das minhas interlocutoras, conforme já caracterizado.

O autor discute ainda essa relação do serviço do SUS a partir do entendimento que os usuários têm sobre o que é um serviço de saúde pública, a percepção da hierarquia com profissionais de saúde e o domínio da linguagem médica que muitas vezes reforçam a desigualdade. De acordo com o autor:

Para várias questões que estão sendo reportadas seja em termos de compreensão diversa de um mesmo problema, sejam diferentes linguagens em jogo ou relações hierárquicas entre usuários e profissionais de saúde, há que se considerar a distância social desses sujeitos e as formas de comunicação que inclui, entre outras coisas, um vocabulário médico especializado que “redobra a distância linguística” (NASCIMENTO, 2011, p. 173)

Essa distância linguística informa sobre performances médicas que demarcam ritos específicos profissionais. A ideia de performance, portanto, seria a pista para o exercício da eficácia simbólica (Bourdieu, 1997), posto que é ela que localiza, através de elementos ritualísticos, racionalizados ou não, qual o lugar que ocupa o interlocutor.

No contexto específico aqui abordado, as interações entre as interlocutoras e suas instamigas sugerem que estas categorias são refeitas considerando o tempo de tentativas, o uso (e acesso) às tecnologias reprodutivas e os caminhos percorridos para o tratamento adequado que acarrete na gestação.

Por outro lado, a legitimidade científica ao fazer médico é reiterada em postagens que se propõem mais fidedignas e capazes de influenciar nas adesões, engajamentos e compartilhamentos de informações.

Nesses espaços as redes de solidariedade são também construídas através mensagens motivacionais, felicitações de procedimentos bem sucedidos e entusiasmos mútuos quando da descoberta de diagnósticos e caminhos para tratamentos possíveis. Conforme pode ser ilustrado nas seguintes interações da postagem sobre a realização de exames publicada pela cegonha:

Cegonha: Querida Cegonha, uma das melhores formas de definir as sensações de quem quer engravidar é imaginar uma montanha russa. No início de cada ciclo, é como se estivesse subindo, subindo, com aquela adrenalina e um friozinho na barriga. Um desejo imenso de embarcar nesta aventura, de se jogar sem medo. Só que o processo tem diversos loopings, muitas curvas e, se por um segundo penso que está dando certo, no segundo seguinte, já estou de cabeça para baixo, sem ter onde segurar. Tem momentos que levanto os braços, dizendo que me rendo. Mas aí, logo vem uma nova subida, novas possibilidades e tentativas. Coração dispara. Aí, tem aquele milésimo de segundo antes da queda, onde tudo parece desabar e eu penso, o que estou fazendo aqui? Por que de novo? São muitas e muitas voltas, subidas, curvas e quedas. Mas sabe, a vontade é tão grande que, todos os meses, compro o ingresso, entro na fila e me atiro no carrinho. Então querida amiga, aperte o cinto que lá vamos nós!!! Ao meu lado, a querida @Esperar que, em um texto lindo, encontrou a semelhança com a montanha russa e a nossa #vidadetentante.

Instamiga1: Falou tudo

Esperar: Amiga, não esqueça que todas nós estamos juntas e de mãos dadas nesta montanha russa, e que o fim será aquela sensação de êxtase de fim de percurso, nosso caso também chamada de maternidade. 

Instamiga2: Vamos pra montanha... também quero meu ingresso! #nãodesistonunca 

Instamiga3: Estou na fila

Instamiga4: Continuaremos comprando esse ingresso até que não teremos mais medo dela

Cegonha: *Sim, amiga @Esperar estamos juntas!!! Espero este êxtase chegue logo para todas nós. Muitos beijinhos para você.*



Cegonha: *Todo mundo comprando ingresso!!! (...) acho que já somos clientes VIPs*

Instamiga5: *Lindo. É bem por aí mesmo! Estou na fase de cabeça pra baixo sem saber onde me segurar. Reunindo forças para entrar na fila e pegar o ingresso novamente. Como é difícil lidar com a frustração de mais um mês, ou menos um mês... Mas vamos lá*

Cegonha: *É difícil mesmo @Instamiga5 na hora do looping a gente acha que não vai conseguir levantar.*

Essa postagem, que teve 73 curtidas e 24 comentários, teve demonstrações de solidariedade, identificação com a narrativa apresentada pela Cegonha e mensagens de motivação. Noutra postagem, a Cegonha utilizou a metáfora da corrida de obstáculos para ilustrar o desejo de engravidar que segundo a qual “ em cada ciclo, cada vez que a menstruação aparece, tenho que me dirigir novamente ao ponto de partida e esperar o sinal da largada.”, este sentimento foi reiterado nos 14 comentários que seguiram-se na postagem, assim como mensagens motivacionais:

Instamiga1: *Pois eu lhe digo: no final da corrida vc será coroada com a coroa da vitória! Seu milagre!*

Instamiga2: *Corra, corra com vontade! Faça sua parte e deixe que Deus faça a Dele! E se quiser companhia, adoooooro corridinhas no final da tarde! Rsrrsrrrs*

Instamiga3: *Tenho certeza de que essa corrida valerá apena!!! Chegaremos ao nosso objetivo!!! Realizaremos nosso sonho!!!*

Instamiga4: *Pois eu lhe digo: no final da corrida vc será coroada com a coroa da vitória! Seu milagre!* 🙏

Instamiga5: *Estamos juntas nesta corrida e na linha de chegada alcançaremos nosso MILAGRE!* 🙏🙏 *Juntas somos mais fortes!*

Cegonha: *Obrigada meninas!*

Na metáfora utilizada pela Cegonha em que ela estaria numa corrida de obstáculos, sendo a menstruação a barreira a qual faria a mesma retornar ao ponto de partida, impedindo que ela saísse do lugar, suas instamigas trataram de apoiá-la a permanecer correndo para lograr êxito nas suas tentativas. Essas mensagens motivacionais se refletem também em demonstrações religiosas⁷⁰, como na interação da Tentante:

Instamiga: *Se o milagre ainda não chegou? E porque Deus ainda o está preparando. Agradeça, gratidão Gratidão sempre.*

Tentante: @instamiga1 🙏

Essas demonstrações de apoio mútuo, seja de cunho religioso ou não, reforça que as interações oriundas das postagens em mídias sociais específicas para pessoas com ausência involuntária de filhos, confluem na fruição de socialidades e biossocialidades a partir de narrativas pessoais.

A indicação de profilaxias, apesar de ser menos comum, também ocorre nessas redes de solidariedade, como no exemplo dessa interação trazida pela Tentante:

⁷⁰ Comumente os bebês oriundos das tentativas através de tecnologias reprodutivas são referidos como “milagre” ou “milagrinhos”.



Figura 17: Postagem 3 - Tentante

Fonte: Postagem 3 Tentante (2018)

Tentante: *Ha 3 meses estou tomando as vitaminas E não paro....Rumo a 2 tentativa Fertilização (Fiv) 2018*

♥Vitaminas

🔪Vir E

🔪Vit D

🔪Ácido fólico

🔪Polivitami

🔪Aas

Instamiga1:*Se eu puder dá uma dica, inclua Vitex e ômega 3,6,9*

Tentante: *@Instamiga1 ômega 3 estou tomando já, vou ver esse Vitex, como ele é?*

Instamiga1: *eu reparei depois a foto que tem ômega rs. Então, eu usei manipulado, minha médica endocrinologista e ortomolecular indicou manipulado, o Vitex Agnus e Yam*

mexicano, eles ajudam nessa parte da fertilidade feminina, depois de uma lida, são muitas informações, vale a pena 😊

Tentante: Obrigada pela dica

Instamiga: @Tentante de nada, estamos juntas 🙏

Esse tipo de interação demonstra a relação de domínio acerca de complementos vitamínicos e medicações que poderiam ser mais exitosos para o bom desempenho do corpo em situações de Reprodução Assistida, ou seja, quem tem maior conhecimento sobre as melhores profilaxias, mais autoridade de fala terá para aconselhar.

Diante dos exemplos aqui trazidos, posso afirmar que, apesar da existência de hierarquias e autoridades que configura por vezes uma rede de disputa, nem sempre sutis, a agência sobre seus corpos na escolha dos percursos terapêuticos até a sonhada “visita da cegonha”, está permeada por solidariedades potencializadas pelo estabelecimento de vínculos entre as *Instagramers*, que de uma forma muito bem constituída, une aspectos de biossociabilidades e de sociabilidades.

CONCLUSÃO

Bruce Albert (2015) escreveu “nunca se deve esquecer o quanto, em experiências de campo [...], o acesso ao conhecimento etnográfico é conquistado em primeiro lugar pela provação do corpo e por quanto se faz necessário atingir os limites do próprio pensamento para poder começar a descobrir o dos outros.” (ALBERT e KOPENAWA, 2015, p. 518-519).

Se isso é verdade, penso que meu caminho etnográfico foi traçado de dentro pra fora, numa lógica inversa de quem busca acessar alteridades. Entrei no campo ciente de que eu não poderia negligenciar o meu corpo marcado pela experiência da infertilidade, de alguém que experimentou cada relato trazido pelas interlocutoras e suas instamigas, ao meu modo singularmente traduzido para reflexões antropológicas. Optar por abrir mão da autoetnografia não me absolveu de ter sido uma delas, mas me colocou num constante desafio metodológico de sair de narrativas pessoais para exprimir questionamentos nem sempre tão conscientes quanto eu gostaria que fossem.

Falar de dentro pra fora me desafiou a exercer o que eu chamaria de alteridade compartilhada, desestabilizando a ideia que eu tinha sobre o fazer antropológico, desestabilizando, inclusive, a própria alteridade.

Por outro lado, encontrei na etnografia virtual o espaço profícuo para exercer esse deslocamento de posicionalidades, que me ofereceu instrumentos reflexivos importantes para investigar o tema central dessa dissertação: como se formam as redes de solidariedade entre pessoas com ausência involuntária de filhos?

Foi assim que busquei no capítulo 1 situar a/o leitora/leitor sobre os empreendimentos metodológicos os quais eu adotei, discorrendo sobre a própria etnografia virtual, sobre o mapeamento e caracterização das redes sociais e as estratégias de recrutamento de interlocutoras dispostas – que logo no início identifiquei que seriam mulheres - a contribuir com a pesquisa.

Nessa seara, iniciei o capítulo discorrendo sobre como surgiu meu interesse de pesquisa, localizando a minha história como ponto de partida para reflexões

epistemológicas. A partir daí, busquei me basear em teóricos que sinalizam a etnografia virtual como espaço profícuo para o fazer antropológico, autores como HINE (2000) e MILLER e SLATER (2004) propiciaram reflexões a respeito dos percursos que eu adotaria para traçar este trabalho.

No mapeamento realizado nas 03 redes sociais eleitas para a pesquisa, ou seja, o YouTube, Facebook e Instagram, realizei buscas através dos localizadores oferecidos pelas próprias mídias sociais com palavras-chave que tinham relação com a condição primária desta pesquisa: a ausência involuntária de filhos. Este mapeamento culminou na seleção das redes sociais as quais eu investiria meu olhar para captar as principais questões trazidas pelo universo pesquisado.

Neste percurso entendi que a trajetória de uma pesquisa acadêmica não é linear, por esse motivo precisei lançar mão de estratégias metodológicas que viabilizasse a pesquisa. Com as negativas recebidas por parte das minhas possíveis interlocutoras no Facebook, elegi dois perfis de Instagram para aprofundar as discussões acerca das redes de solidariedades construídas a partir das mídias sociais.

Aprendi com Favred-Saada (2005) sobre o despojamento de intencionalidades e que deixar-se afetar pelo campo diz muito mais sobre desconstruções de aspectos pré-concebidos que eu teria sobre o campo. Deixar-se afetar, portanto, seria um exercício de desconstruções internas para deixar-se envolver pelo dito, não-dito, aspectos subjetivos que não cabem em simbolismos. Por esse motivo, discuti sobre posicionalidades e ética na pesquisa etnográfica, no intuito de compreender o meu lugar na pesquisa.

No meu campo me deparei com os silêncios e foram justamente eles que me informaram sobre os temas que busquei correlatos à ausência involuntária de filhos: desejo por filhos, tabus, segredos, intimidades.

As leituras, o campo e as minhas experiências estavam a essa altura emaranhadas num sem-número de reflexões internas sobre o lugar que eu ocupava na pesquisa. “Des-construída” busquei nas leituras específicas sobre etnografia virtual, reprodução assistida, antropologia feminista e linguagem autorizada o amparo teórico necessário para aprofundar as discussões aqui trazidas.

No capítulo 2 discorri sobre intimidades e segredos e descobri que por trás da aparente exposição atribuída às postagens em redes sociais havia códigos de ética bem

desenvolvidos para evitar que os temas considerados íntimos fossem expostos à revelia de moderadoras e participantes de grupos de Facebook.

Tais códigos de ética eram traduzidos em negativas de participação de membros que não compartilhasse histórias de vida semelhantes às abordadas pelos grupos – como, por exemplo, mulheres tentantes –, apesar de ter sido aceita em todos os grupos como membro participante, eu não obtive autorização para realizar pesquisa científica com as interações entre as participantes de tais grupos. Estas negativas se configuraram pra mim um dado importante acerca do resguardo de intimidades (Zelizer, 2011) e manutenção de segredos.

A partir desse entendimento, aprofundei as análises buscando em autores que discutem a produção social do desejo por filhos (Schneider, 2016 [1968]; Strarthen, 2014 [1998]; Allebrandt, 2008; Nascimento, 2011, 2009; LUNA, 2007), elementos para discorrer sobre como a ausência involuntária de filhos se reflete na necessidade de manutenção de segredos e intimidades reclamadas por quem se submete a tratamentos para engravidar.

Discorri sobre a ideia de substâncias corporais como metáforas de padrões de gênero (Martin, 1991; Allebrandt, 2017, 2018; Manica, 2011, Asense, Goldenberg e Manica, 2018) e encontrei nas leituras da antropologia feminista (Haraway, 1995; Strarthen, 2006) o caminho para entender como esses padrões se manifestam socialmente.

No último capítulo fiz uma análise sobre linguagens autorizadas (Bourdieu, 1996), hierarquias entre tentantes e simetrias entre paciente-médico (Pereira Neto et. al, 2015; Bonet 1999) a partir das narrativas trazidas pelas interlocutoras em contato com suas instamigas. Nesse olhar pude perceber que as redes sociais, além de espaços de interação, eles são espaços profícuos de empoderamento e de decisão sobre tratamentos, profilaxias e especialistas para a desejada gravidez.

Buscando entender sobre redes de biossociabilidades (Rabinow e Rose, 2006) e sociabilidades (Simmel, 1983) nas mídias sociais, ainda que estas redes estejam, por vezes, atravessadas por disputas de legitimidade, eu encontrei espaços de fruição de solidariedade, que se reflete numa rede de ajuda mútua entre pares que trocam informações e mensagens de apoio para realizar tratamentos para engravidar.

Essa rede de solidariedade constituída basicamente entre mulheres que estão tentando engravidar e que, em geral, buscam nas tecnologias de reprodução assistida a possibilidade de driblar condições impeditivas de filhos, informa e empodera as tentantes através de trocas de informações, mensagens motivacionais e até no exercício de autoridades de fala hierarquicamente construídas.

Assim como lembrado por Débora Diniz “a escrita acadêmica é um gesto político” (DINIZ, 2015, p. 107), foi nesse sentido que optei por dar visibilidade a um tema envolto por segredos e tabus, fazendo do meu exercício acadêmico um gesto político em respeito ao meu corpo, minha história e militância, a partir das experiências aqui extraídas. Enxergando a outra, encontrei a mim mesma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEBRANDT, Débora; MACEDO, Juliana Lopes de. Caminhos Percorridos: o acesso as NTRc e Suas implicações. In.: ALLEBRANDT, Débora; MACEDO, Juliana Lopes de (org.). **Fabricando a vida – implicações éticas culturais e sociais do uso de novas tecnologias reprodutivas**. Porto Alegre: Metrópole, 2007.

_____, Débora. **Sobre mães e doadores identidade e pertencimento sob a luz da experiência da maternidade, do direito de filiação e acesso á reprodução assistida em associação de famílias homoparentais do Quebec**, Civitas, v. 15, n-2, 2015, p. 309-325.

_____, Débora. **Negociando o Destino dos Embriões Humanos Produzidos na Reprodução Assistida: Criopreservação, descarte, doação e seus agenciamentos em uma clínica de Porto Alegre**. INTERSEÇÕES [Rio de Janeiro] v. 20 n. 1, p. 93-113, jun. 2018.

_____, Débora. **Um só basta? Agenciando gametas e noções de gênero na Reprodução Assistida(RA)**. Comunicação Oral. Escocite. 2018.

ALMEIDA, Marcos Inácio Severo de; COELHO, Ricardo Limongi França; CAMILO, Celso Gonçalves Junior; GODOY, Rafaella Martins Feitosa de. **Quem lidera sua opinião? Influência dos Formadores de opinião digitais no engajamento**. RAC, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, art. 6, pp.115-137, janeiro/fevereiro, 2018.

ARIZA, Lucía. **Informada, esperanzada, dudosa Una etnografía virtual de laparticipación de mujerescondificultadesreproductivasenun foro argentino de ovodonación**. Cuadernos de Antropología Social , 2017.

BARROS, Octávia Cristina; SERPA JR. Octavio Domont de. **Ouvir vozes: um estudo netnográfico de ambientes virtuais para ajuda mútua**. Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 27 [4]: 867-888, 2017.

BEZERRA, Arthur Coelho. **Vigilância e cultura algorítmica no novo regime global de mediação da informação**. Perspectiva em Ciência da Informação, v.22, n.4, p. 68-81, out./dez. 2017.

BONETTI, Alinne de Lima. **Antropologia Feminista no Brasil? Reflexões e desafios de um campo ainda em construção**. Cuadernos de Antropología Social Nº 36, pp 51–67, 2012.

BONET, Octávio. **Saber e sentir: uma etnografia da aprendizagem da biomedicina**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A linguagem autorizada: As condições sociais da eficácia do discurso ritual**. In: Pierre Boudieu. A economia das trocas linguísticas. São Paulo: Edusp, 1996: 85-128.

BRAUNER, Maria Claudia Crespo. **Direito, Sexualidade e Reprodução Humana- Conquistas médicas e o debate bioético**. Rio de Janeiro: Renovar, 2003.

BRASIL. **Secretaria de Comunicação Social. Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira [on-line]**, 2015. Disponível em file:///C:/Users/Camilla%20Iumatti/Documents/MESTRADO/UFAL/PROJETO/PROJETO_CEGONHA/LEITURAS/REDES%20SOCIAIS/Pesquisa%20Brasileira%20de%20Mídia%20-%20PBM%202015.pdf acesso 24 fev. 2018.

CLIFFORD, James. **Sobre a autoridade etnográfica**. In: A experiência etnográfica, 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002, p.83-136.

CORRÊA, Marilena Villela. **Novas Tecnologias Reprodutivas – Limites da biologia ou biologia sem limites?**. EdUERJ: Rio de Janeiro, 2001.

DORNELLES, Jonatas. **Antropologia e Internet: Quando o “campo” é a cidade e o computador é a “rede”**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 241-271, jan./jun. 2004.

ESCOBAR, Arturo. **WelcometoCyberia – Notes ontheAnthropologyofcyberculture**. CurrentAnthropology. Volume 35, Number 3, June 1994.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser Afetado**. Cadernos de Campo, 13, 2005, p. 155-161.

FONSECA, Cláudia. **Posfácio: Ampliando o círculo de interlocutores (ou, o que um “Leigo” tem a ver com discussões de bioética no campo da Reprodução assistida)**. In.: Fabricando a vida – implicações éticas culturais e sociais do uso de novas tecnologias reprodutivas. ALLEBRANDT, Débora; MACEDO, Juliana Lopes de (org.) Porto Alegre: Metrópole, 2007.

FORERO, Eduardo Andrés Sandoval. **Cibersocioantropología de comunidades virtuales**. Revista Argentina de Sociologia, año 5 n. 9, pp. 64-89, 2007.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária. Trad., 1977.

_____, Michel. **História da Sexualidade**. A vontade de saber, Vol. 1, 12ª edição. Rio de Janeiro, Graal, 1997.

FRIZZO, Heloisa Cristina Figueiredo; BOUSSO, Regina Szylit; ICHIKAWA Carolliny Rossi de Faria; SÁ, Natália Nigro de. **Mães enlutadas: criação de blogs temáticos sobre a perda de um filho**. Acta Paul Enferm. 30(2):116-2, 2017.

GROSSI, Miriam; PORTO, Roseli; TAMANINI, Marlene. **Novas Tecnologias Reprodutivas Conceptivas: Questões e Desafios**. Brasília: Letras Livres, 2003.

HARAWAY, Donna. **Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. In Cadernos Pagu. Campinas, SP, 1995.

_____, Donna. **Antropologia do ciborgue : as vertigens do pós-humano / organização e tradução Tomaz Tadeu – 2. ed. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009. – (Mimo)**

HINE, Christine. **Multi-Sited Ethnography as a middle range methodology for contemporary STS**. Science, Technology, & Human Values, Vol. 32, No. 6, Middle-Range Theories in Science and Technology Studies (Nov., 2007), pp. 652-671, 2007.

_____. Christine. **Virtual Methods: Issues in Social Research on the Internet**. New York: Berg Publishers, 2005.

JUNGBLUT, Airton Luiz. **A heterogenia do mundo on-line: Algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço**. In: Horizontes Antropológicos – antropologi@Web. Porto Alegre: PPGAS, pp. 97-121, 2004.

KLEIN, Gisiela Hasse; NETO, Pedro Guidi; TEZZA, Rafael. **Big Data e mídias sociais: monitoramento das redes como ferramenta de gestão**. Saúde Soc. São Paulo, v.26, n.1, p.208-217, 2017.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras. 2015.

LANA, Lígia Campos de Cerqueira. **Heroínas pós-feministas: as contradições da produção audiovisual feminina no YouTube**. Estudos Feministas, Florianópolis, 25(3): 1359-1371, setembro-dezembro, 2017.

LANGDON, Esther Jean; WILK, Flávio Braune. **Antropologia, saúde e doença: uma introdução ao conceito de cultura aplicado às ciências da saúde**. Rev. Latino-Am. Enfermagem 18(3):[09 telas] mai-jun 2010.

LÊ BRETON, David. **A sociologia do corpo** / David Lê Breton; 2. ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007 [1953].I - A condição corporal.

LUNA, Naara. **Infertilidade e ausência de filhos – a origem do drama**. In: Provetas e clones: uma antropologia das novas tecnologias reprodutivas [online]. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2007.

_____. **Parentesco e pessoa**. In: Provetas e clones: uma antropologia das novas tecnologias reprodutivas [online]. Rio de Janeiro: FIOCRUZ. Antropologia e Saúde collection, pp. 179-264. ISBN 978-85-7541-355-5. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>, 2007.

MANICA, Daniela Tonelli. **A desnaturalização da menstruação: hormônios contraceptivos e tecnociência**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 17, n. 35, p. 197-226, jan./jun. 2011.

_____, Daniela; GOLDENBERG& ASENSI. **CeSaM, as células do sangue menstrual: Gênero, tecnociência e terapia celular**. INTERSEÇÕES [Rio de Janeiro] v. 20 n. 1, p. 93-113, jun. 2018.

MARTIN, Emily. **The Egg and the Sperm: How Science Has Constructed a Romance based on Stereotypical Male-Female Roles**, Signs, Vol. 16, No. 3. (Spring, 1991), p. 485-501.

MILLER, Daniel. SLATER, Don. **Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad**. In: Horizontes Antropológicos – antropologi@Web. Porto Alegre:PPGAS, p. 41 – 65, 2004.

MONTEIRO, Yasmine M. Carneiro. **Um olhar sobre as concepções de maternidade a partir das Novas Tecnologias Reprodutivas em Comunidades do Orkut**. In.: Fabricando a vida – implicações éticas culturais e sociais do uso de novas tecnologias reprodutivas. ALLEBRANDT, Débora; MACEDO, Juliana Lopes de (org.) Porto Alegre: Metrópole, 2007.

NASCIMENTO. Pedro F. G. Pagando o preço: Uma etnografia do acesso ao Serviço Público de Reprodução Assistida em Porto Alegre/RS. In.: **Fabricando a vida –**

implicações éticas culturais e sociais do uso de novas tecnologias reprodutivas. ALLEBRANDT, Débora; MACEDO, Juliana Lopes de (org.) Porto Alegre: Metrópole, 2007.

_____, Pedro F. G. **Juntando informação, calculando resultados: percepções e trajetórias diversas na produção do desejo de filhos.** Tempus – actas da saúde coletiva, 2011, p. 161-177.

_____, Pedro F. G. **De quem é o problema? Os homens e a medicalização da reprodução.** In: GOMES, R., org. Saúde do homem em debate [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, pp. 157-174. ISBN 978-85-7541-364-7. AvailablefromSciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

_____, Pedro F. G. **Desafios na Trajetória de uma pesquisa sobre a produção do desejo de filhos.** In.: Pesquisa e Ética na Antropologia Contemporânea – Territorialidade, Gênero, Saúde e Patrimônio. Oliveira, Kelly E.; Oliveira, Luciana M. R de; Neves, Ednalva M (org.). João Pessoa: Editora Universitária, 2013, p. 117-149.

_____, Pedro F. G. **Desafios na Trajetória de uma pesquisa sobre a produção do desejo de filhos.** In.: Pesquisa e Ética na Antropologia Contemporânea – Territorialidade, Gênero, Saúde e Patrimônio. OLIVEIRA, Kelly E.; OLIVEIRA, Luciana M. R de; NEVES, Ednalva M (org.). João Pessoa: Editora Universitária, 2013, p. 117-149.

_____, Pedro F. G, FONSECA, Cláudia. **Concepções sobre o “direito de ter filhos”: políticas de saúde e os discursos sobre o acesso a serviços de reprodução assistida.** In.: Novos estudos sobre família e gênero: cotidianos, direitos e performances. SACOTT, R. Parry, SANTOS, Dayse Amâncio dos. (org.). Editora Universitária- UFPE, pp. 15- 37, 2013.

NETO, André Pereira; BARBOSA, Letícia; DANTAS, Monica Lucia Gomes. **O paciente informado e os saberes médicos: um estudo de etnografia virtual em comunidades de doentes no Facebook.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro. 22, supl., dez. 2015, p.1653-1671.

RAMÍREZ-GÁLVEZ, Martha. **Corpos Fragmentados e Domesticados na Reprodução Assistida.** Cadernos Pagu (33), julho-dezembro de 2009, pp. 83-115.

_____, Martha. **Inscrito nos genes ou escrito nas estrelas? Adoção de crianças e uso de reprodução assistida.** Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2011, v.54 n°1.

RABINOW, Paul; ROSE, Nicolas. **O conceito do Biopoder hoje.** POLÍTICA & TRABALHO Revista de Ciências Sociais no. 24 Abril de 2006 , p. 27-57.

SCHNEIDER, David M. **Parentesco Americano – Uma Exposição Cultural.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

SILVA, Vagner Gonçalves da Silva. **O antropólogo e sua magia.** 1ª edição., 2ª reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

STRARTHEN, Marilyn. Displacing Knowledge. In: RAPP, R.: GINSBURG, F. D. (org.). **Conceiving the new world order: the global politics on reproduction.** Berkeley: University of California Press, 1995, p. 343 – 363.

_____, Marilyn. **O gênero da dádiva.** Campinas: Ed. Da Unicamp, 2006.

_____, Marilyn. **Uma relação incômoda: o caso do feminismo e da antropologia. dossiê: contribuições do pensamento feminista para as ciências sociais.** Mediações, Londrina, v. 14, n.2, p. 83-104, Jul/Dez. 2009, p. 83-104.

_____, Marilyn. Dando apenas uma força à natureza? A cessão temporária de útero: um debate sobre tecnologia e sociedade. In: **Marilyn Strathern o efeito etnográfico e outros ensaios.** São Paulo: Casac&Naify, 2014, p. 467-486.

THOMPSON, Charis. **MakingParents – The ontologicalChoreographyofReproductiveTecnologies.** The IT Press: Cambrigde, Massachusetts, 2005.

TURNER, Victor W. **O processo ritual: Estrutura e Anti-Estrutura;** tradução Nanci Campi de Castro, Petrópolis, Vozes, 1974.

VALPASSOS, Carlos Abraão Moura. **Narrativas sobre abortos: uma pesquisa sobre segredos.** Interseções[Rio de Janeiro] v. 15 n. 2, p. 463-477, dez. 2013.

VARGAS, Eliane; MOÁS, Luciene; SEIXAS, Cristiane Marques. Gênero, Subjetividade e Psicologização da Reprodução: marcos regulatórios e os diferentes sentidos do desejo de ter filhos no contexto da reprodução medicamente assistida. In:

STRAW, Cecília; VARGAS, Eliane; CHERRO, Mariana Viera; TAMANINI, Marlene (org.). **Reprodução Assistida e Relações de Gênero na América Latina**. Editora CRV: Curitiba/PR, 2016.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: _____. **Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar, 1980.

ZELIZER, Viviana A. **A Negociação da Intimidade**. Ed. Vozes. Petrópolis. Trad. Daniela Barbosa Henriques. 2011.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac&Naify, 2010.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO GOOGLE.FORM

No mundo da cegonha - aspectos sobre redes de sociabilidades entre casais com ausência involuntária de filhos

Este formulário faz parte da pesquisa “No mundo da cegonha – aspectos sobre redes de sociabilidades entre casais com ausência involuntária de filhos, sob a responsabilidade da mestranda do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas - UFAL - Camilla Iumatti Freitas (email: milla.iumatti@gmail.com celular: 82 98167.2026), e orientação da professora e pesquisadora Dra. Débora Allebrandt (email: debora.allebrandt@ics.ufal.br). Os dados aqui coletados são sigilosos e serão utilizados para fins da pesquisa acadêmica.

Objetivo da pesquisa: O principal objetivo dessa pesquisa é investigar como se formam redes de sociabilidade entre pessoas com ausência involuntária de filhos.

Duração: Essa pesquisa terá duração de 18 meses

Você poderá desistir de participar em qualquer momento, porém, vale ressaltar que sua participação é muito importante para nós. Desde já agradecemos a sua disponibilidade.

*Obrigatório

01 - Você deseja contribuir com a pesquisa? *

- sim
- não

Dados Demográficos

02 - Como você quer se identificar na entrevista? *

- Nome
- Iniciais do Nome
- Apelido
- Nome fictício
- Usuário do perfil das redes sociais
- Número/Código

03 - Nome (preencha conforme escolha na opção anterior) *

04 - Gênero *

05 - Ano de Nascimento *

06 - Orientação Sexual *

07 - Estado Civil *

- Solteira (o)
- Casada (o)
- União Estável
- Outro:

08 - Orientação Religiosa

09 - Profissão *

Dados sobre a experiência de ser tentante

10 - Há quanto tempo você é (foi) tentante? *

- menos de 01 ano
- de 01 a 02 anos
- de 02 a 04 anos
- de 04 a 06 anos
- de 06 a 10 anos
- mais de 10 anos

11 - Você já tentou algum método de Reprodução Assistida? *

- SimIr para a pergunta 12.
- NãoIr para a pergunta 14.

Reprodução Assistida

12 - Qual (quais) método (s) de Reprodução Assistida você já tentou? *

Marque todas que se aplicam.

- Relação Sexual Programada
- Inseminação Intra-Uterina
- Fertilização In Vitro (FIV)
- Injeção Intra-Citoplasmática de Espermatozóide (ICSI)
- Doação de óvulos (receptora)
- Doação de óvulos (doadora)
- Doação de espermatozoides
- Útero substituto
- Outro:

13 – Houve algum diagnóstico? Qual foi?

14 - Quantas vezes você recorreu à Reprodução Assistida? *

Perda Gestacional

14 - Você já teve perda Gestacional? *

- SimIr para a pergunta 15.

- Não Ir para a pergunta 18.

15 - Quantas Perdas Gestacionais você teve? *

16 - Houve algum diagnostico? Qual*

- Sim Ir para a pergunta 17.
- Não Ir para a pergunta 18.

Redes Sociais

18 - Qual é a plataforma de contato com outras pessoas tentantes você mais acessa? (pode marcar mais de 1) *

Marque todas que se aplicam.

- Facebook
 - YouTube
 - Instagram
 - Grupos de Whatsapp
 - Em contato presencial com outras pessoas na mesma situação
 - Em contato presencial através de grupos de ajuda
 - Não acessa
2. Você acessa ou já acessou algum dos grupos abaixo (baseado na tua pesquisa no google – coloque os mais populares)

19 –Quais são suas motivações para acessar essas plataformas

Listar motivos

Você compartilha a sua experiência com outras pessoas tentantes? *

- Sim Ir para a pergunta 20.
- Não Ir para a pergunta 24.

Compartilhamento nas redes sociais

20 - Com que frequência você acessa as redes sociais específicas para pessoas tentantes? *

- diariamente
- de 1 a 2 vezes na semana
- mensalmente
- quase não acesso
- nunca

21 - O que te motivou a compartilhar? *

22 - Qual é a importância das redes sociais para sua vivência como tentante? *

23 - Há algum assunto que você não sente à vontade em compartilhar? *

- sim
- não

Essa questão é condicional a questão 19. Caso não compartilhe sua experiência como tentante

24 - Você acessa as redes sociais para saber das experiências de outras pessoas?
*

- SimIr para a pergunta 26.
- NãoIr para a pergunta 25.

Caso não compartilhe sua experiência como tentante

25 - Pra você quais as razões de não compartilhar a sua experiência? *

Marque todas que se aplicam.

- Não me sinto à vontade
- Sou uma pessoa tímida (o)
- Tenho medo da exposição
- Meu (minha) companheiro (a) não aprova
- Acho uma bobagem
- Outro:

Internet

26 - Como a internet e grupos de tentantes te ajudou a lidar com a sua situação? *
Marque todas que se aplicam.

- trouxe mais informações
- consegui falar do assunto com mais aceitação que em outros espaços
- vi que outras pessoas também passam pelo que passei e consegui lidar melhor com isso
- me aliviou o stress
- me deixou menos ansioso
- consegui encontrar o melhor especialista no assunto através de indicações da rede
- consegui entender o que tive
- trouxe pistas sobre o que poderia ter acontecido comigo
- não me ajudou
- Outro:

27 - Em algum momento essas informações disponíveis na internet te atrapalhou? *

- SimIr para a pergunta 28.
- NãoIr para a pergunta 29.

28 - Em caso de não ter sido ajudadx com as informações disponíveis na internet, qual (ou quais) foram as razões? (pode marcar mais de 1) *

Marque todas que se aplicam.

- me deixou mais ansiosx
- acessei informações erradas
- me desencorajou em algum momento
- Outro:

Aprofundamento da pesquisa

29 - Você desejaria participar de uma entrevista com a pesquisadora para fins de aprofundamento dos dados? *

- Sim (para a pergunta 30).
- Não (Pare de preencher este formulário).

30 - Qual seria o meio ideal para realizarmos uma entrevista com você? *

- Skype (deixe aqui seu contato Skype)
- Email (deixe aqui seu email)
- Bate papo do Facebook (deixe aqui seu nome do perfil para ser adicionado)
- Whatsapp (telefone)
- Outro:

31 - Qual é o melhor horário para você? *